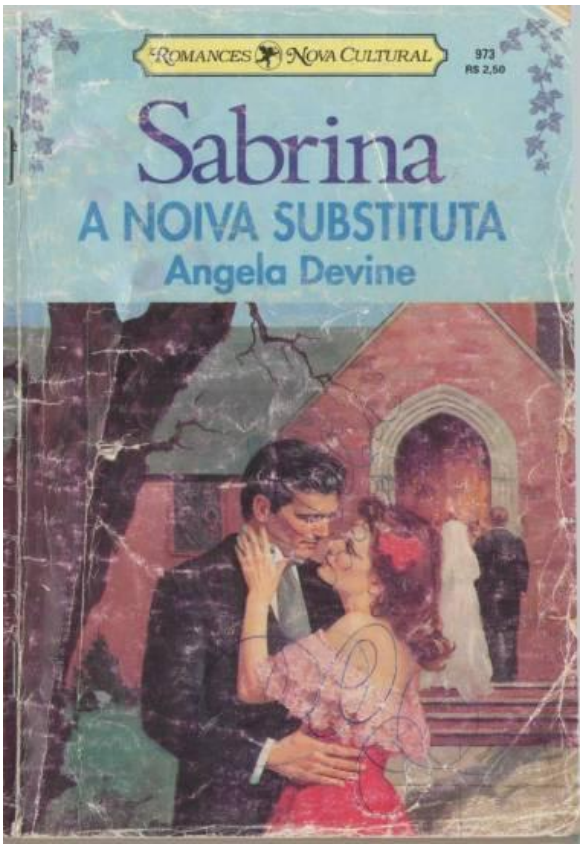
A Noiva Substituta

Substitute Bride

Angela Devine



A noiva era falsa...

Para ajudar a irmã a sair de uma situação embaraçosa, Laura Madison concordou em substituí-la para ver a casa que o padrinho do noivo de Bea queria comprar como presente de casamento. Parecia ser fácil. Mas tio James tinha idéias próprias...

O padrinho era curioso...

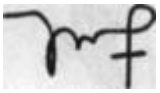
Ele apareceu sem ser esperado. Laura pensou que fosse descobrir a farsa num instante. James Fraser era o maior fazendeiro australiano, e Laura não conseguia agir como uma garota prestes a se casar. Agia como alguém cheio de desejo ardente.

Digitalização: Rosana Gomes
Revisão: Cassia



Querida leitora

Um encontro de causar arrepios. Olhares, sensações... O homem errado? A mulher errada? Bem, foi tudo isso o que "eles" (herói e heroína) pensaram. Veja só no que deu!



Janice Florido Editora Executiva

Romances Nova Cultural
Angela Devine
A noiva Substituta
Romances Nova Cultural

Copyright © 1996 by Angela Devine
Originalmente publicado em 1996 pela Mills & Boon Ltd., Londres, Inglaterra
Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução total ou parcial, sob qualquer forma.
Esta edição é publicada através de contrato com a Mills & Boon Ltd.
Esta edição é publicada por acordo com a Mills & Boon Ltd.
Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Título original: Substitute Bride

Tradução: Baby Abrão



EDITORA NOVA CULTURAL
uma divisão do Círculo do Livro Ltda.
Alameda Ministro Rocha Azevedo, 346 - 11º andar
CEP: 01410-901 - São Paulo - Brasil
Copyright para a língua portuguesa:
1997 CÍRCULO DO LIVRO LTDA.
Fotocomposição: Círculo do Livro
Impressão e acabamento: (Divisão Círculo)

Projeto Revisoras

CAPÍTULO I

Espelho, espelho meu, a futura esposa de Raymond Hall serei eu? Laura Madison olhou para a própria imagem refletida no vidro e soltou um suspiro. Aos vinte e nove anos julgava-se uma mulher de carreira, ligada apenas ao trabalho. Por isso, o pedido de Ray, na noite anterior, a pegara de surpresa. Embora fossem amigos há mais de um ano, nunca imaginara que ele a visse como uma possível esposa.

Uma contadora competente? Sim, ela era. Uma boa companhia para o teatro, para o tênis, para os jantares? Certamente. Mas alguém com quem Ray quisesse passar a vida inteira? Bem, aí estava algo impensável. Mas prometera pensar no assunto e dar uma resposta naquele dia. Sentia-se desolada ante a perspectiva. E, como se já não tivesse problemas suficientes, ainda tinha que se preocupar com o pedido maluco que a irmã lhe fizera, pelo telefone, uma hora atrás.

O som alto da buzina de um carro a fez voltar à realidade. Ela correu para a sala e abriu a janela.

— Bea! — Sussurrou, exasperada. — São apenas cinco e meia da manhã! — Desse jeito você vai acabar acordando toda a vizinhança! — E aqui é proibido estacionar.

A irmã mais nova sorriu, afastando o longo cabelo do rosto com um gesto que a tornara uma das modelos mais fotografadas da Austrália.

— E daí? — De toda maneira, é melhor você se apressar ou chegará atrasada ao aeroporto.

Voltando ao espelho e dando uma olhadela final na própria aparência, Laura pegou a bolsa e desceu.

— Bem, você já sabe o que terá de fazer? — Perguntou Bea, virando a esquina com tanta pressa que os pneus cantaram.

— Sim, claro! — Voarei para a Tasmânia fingindo ser você. — Sam chegará depois e vai me encontrar no escritório do corretor de imóveis. — Então iremos ver a casa juntos. — Mas ainda não vejo necessidade dessa farsa toda.

— Já expliquei Lalá — disse Bea, procurando evitar as ruas já engarrafadas de Sidnei.

— Uma casa maravilhosa foi posta à venda por uma bagatela e o tio de Sam, James, quer oferecê-la a nós como presente de casamento. — Mas só conseguiu reservá-la por vinte e quatro horas, o que significa que precisamos vê-la hoje. — O problema é que não posso voar para a Tasmânia porque fui acusada de dirigir perigosamente e tenho uma audiência no tribunal de justiça.

— O pior é que eles não têm razão nenhuma. — Meu pé escorregou para o acelerador e...

— Não se preocupe com isso agora — interrompeu-a Laura. — Por que não diz a tio James que não poderá ir?

— Porque ele me desaprova. — Não o conheço, mas ouvi dizer que o homem simplesmente odeia a idéia de ver o sobrinho casado com uma modelo famosa. — Já falou várias vezes com Sam ao telefone, tentando dissuadi-lo do casamento. — Acha que sou muito jovem, irresponsável. — E que modelos não são confiáveis, pois "dormem com todo mundo".

— Mas isso é um absurdo! — Por que ele a condena se nem mesmo a conhece?

Bea deu de ombros. Mas, embora tentasse disfarçar, Laura percebeu uma ponta de sofrimento em seus olhos. Lembrou-se da irmã aos cinco anos, abraçando o ursinho de pelúcia e fitando com ar desafiador o tutor designado a educá-las depois da morte da mãe.

— Não dá mesmo para entender — respondeu Bea. — Em especial se considerarmos que o bom e velho tio James tem a reputação de seduzir todas as mulheres que encontra.

Projeto Revisoras

— E parece que os membros da família Fraser dançam conforme a música dele. — Inclusive Sam.

— Por quê? — O que há de tão especial nesse homem? — Indagou Laura, indignada.

— De acordo com Sam, ele é muito dinâmico e mantém tudo sob controle. — Para ser sincera, acho que meu noivo demonstra coragem ao insistir no casamento, mesmo contra a vontade do tio. — Seja como for, não quero que James saiba que fui acusada de direção perigosa. — Isso poria mais lenha na fogueira. — E por esse motivo que você irá ao meu lugar.

Laura ajeitou-se, pouco à vontade.

— Imagine que James resolva ir também a tal casa. — Será que não ficará chocado por Sam me apresentar como sua noiva e acabar se casando, uma semana depois, com uma pessoa diferente?

— Não fique tão preocupada, querida. — James estará a quilômetros de distância, a negócios.

— Ele só precisa acreditar que fui até lá, segundo solicitou. — E, como você estará usando minhas roupas, ninguém desconfiará. — O que poderia dar errado?

Laura encontrou a resposta àquela pergunta logo depois do almoço. Era um dia ensolarado de inverno. A neve cobria o topo da alta montanha que se alçava mais além da cidade de Hobart, e a pálida luz do sol refletia-se nas águas azuis claras do estuário Derwent.

Depois de um vôo tranqüilo, algumas compras e um almoço agradável no hotel, ela começara a pensar que seus temores iniciais não tinham mesmo nenhum fundamento. Até ir à corretora de imóveis.

— Oh, olá... Srta. Walters? — Meu nome é... Ahn... Bea Madison. — Vim encontrar meu noivo, Sam Fraser. — Combinamos ver uma casa juntos.

— Claro Srta. Madison, claro. — Mas seu noivo ainda não chegou, e tenho outro compromisso às duas horas. — Poderíamos ir até a casa e deixaríamos um recado aqui, para que seu noivo nos encontrasse lá. — Que tal?

— Está bem, obrigada, — respondeu Laura, desapontada. Onde Sam se metera?

A casa era encantadora, mas ela nunca saberia apreciar a perfeição das camélias do jardim, ou o painel escuro do hall de entrada, ou a graciosa sala de estar, com seu mobiliário antigo.

Bea decididamente não se interessava por lugares tranqüilos. Preferiria uma cobertura no cruzamento mais movimentado de Sidnei.

Laura caminhou pela velha construção pensando em quanto gostaria de viver ali. Apenas sua falta de jeito em lidar com aquela situação e alguns olhares furtivos da corretora fazia com que se sentisse pouco à vontade.

— Ouça, Srta. Walters, já que tem outro compromisso, pode ir. — Esperarei por Sam.

— Posso... Ir medindo as janelas, para mandar fazer as cortinas?

A fisionomia da moça mostrou alívio.

— Bem, se é o que quer...

— Sim, é o que quero. — Obrigada por tudo.

Com uma sensação de alívio, Laura ouviu os passos da corretora se afastando em direção à varanda frontal. Estava começando a relaxar quando o barulho do freio de um carro e um som de vozes a deixou alerta. Uma das vozes era da corretora, mas a outra... Bem, a outra era profunda, grave, viril. Laura correu para a entrada com um sorriso de boas-vindas.

— Sam! — Estou tão feliz...

Interrompeu-se ao notar que não era o noivo de Bea quem se encontrava ali, junto à soleira, examinando-a atentamente, com a testa franzida. Enquanto Sam sempre lhe parecera um menino crescido, o homem à sua frente parecia o retrato da maturidade.

Alto, forte, aparentando trinta e tantos anos, ele tinha o cabelo escuro, uma expressão arrogante e desconcertantes olhos escuros. Seu traje tradicional, conservador, compunha-se de um casaco de cashmere, calça marrom de lã, camisa bege, gravata e paletó de tweed.

Laura não pôde controlar a onda de calor que se apoderou dela.

Pensou em uma torrente de adjetivos para descrevê-lo, mas todos lhe pareceram inadequados.

Projeto Revisoras

Autoritário, perigoso, exigente, inesquecível. O tipo de homem que poderia fazer qualquer mulher se derreter de paixão. Quando avançou em direção com a mão estendida, ela recuou alguns passos. — Você deve ser Beatrice — disse ele, envolvendo-lhe os dedos gelados num aperto quente. — Sou James Fraser, tio de Sam.

Chocada, ela corou. Naquele momento, a confiança a abandonou. Sentia-se novamente a órfã de onze anos com um nó no peito e a firme determinação de proteger a irmã. Mas como fazer isso?

A brincadeira terminara. Tudo o que lhe restava era confessar a verdade.

Mas, ao contemplar os olhos castanhos de James, compreendeu, com uma sensação de desamparo, que ele nunca perdoaria. Onde estava com a cabeça quando permitira que Bea a colocasse naquela situação ridícula?

— Eu preciso explicar-lhe uma coisa — começou incerta. — Creio que lhe devo desculpas por...

— Sei o que vai me dizer — ele a interrompeu. — Que Sam ficou na Austrália por causa da greve dos aeroviários que por isso não pôde reunir-se a nós. — Não precisa se desculpar. — Eu já sabia disso.

Era mais do que Laura poderia suportar. Fitou James com ar horrorizado.

— Greve dos aeroviários?

— Não ouviu falar nisso? — Nenhum avião de passageiros levanta vôo da Austrália desde as oito horas da manhã. — Teve sorte em deixar Sidnei antes disso. — Quando ouvi a noticia pelo rádio, soube que Sam não poderia acompanhá-la. — Dadas as circunstâncias, decidi vir até aqui para ajudá-la. — Se já terminou sua inspeção, vou levá-la até minha casa. — Meu sobrinho nos encontrará lá assim que conseguir voar para a Tasmânia.

Laura piscou, chocada.

— E muito gentil de sua parte — respondeu com voz débil.

— Não seja por isso. — E não precisa me olhar como se eu fosse machucá-la. — Minhas intenções são as melhores possíveis, acredite.

Enquanto falava, ele sorriu de um modo que a fez sentir-se ainda mais alarmada. Havia um toque selvagem naquele sorriso, mesclado a um charme inesperado, irresistível. O coração de Laura bateu mais depressa e ela quase perdeu a respiração.

"Oh, céus, era só o que me faltava!", Pensou exasperada. "Uma paixão adolescente pelo velho tio James!"

O que mais a preocupava era a maneira divertida como ele a encarava. Parecia ter o poder de ler seus pensamentos. Pior ainda, parecia adivinhar que Laura o julgara fisicamente atraente. Os olhos castanhos estreitaram-se ao avaliá-la, e a ponta da língua sensual tocou ligeiramente o lábio superior. Era como se ele tentasse sentir-lhe o sabor. Havia algo de indecente naquele gesto.

Principalmente porque, para James, ela era noiva de Sam.

Então, por que a fitava daquele jeito, como se Laura não passasse de um prato suculento? Ou será que era simples imaginação? Seria mesmo verdade que um homem devastadoramente carismático como James Fraser a estivesse olhando daquele jeito? Claro que não. Se ela fosse Bea, uma atitude daquelas seria compreensível. De qualquer modo, aquele silêncio constrangedor, aquele olhar perscrutador faziam-na sentir calor e frio ao mesmo tempo.

Felizmente, ela foi salva pelo ruído dos passos da corretora, que voltava à varanda. A mulher lhe estendeu o telefone celular.

— E sua irmã Laura, Srta. Madison. — Quer lhe falar. — Por que não vai ao solário, onde pode ter mais privacidade?

Sentindo-se péssima, Laura pegou o aparelho e caminhou obediente, até o solário. Fechou a porta e encostou-se nela.

— Laura? — É Bea. — Estou num telefone público, no tribunal de justiça. — Ouça, algo inesperado aconteceu. — Há uma greve nos aeroportos, e Sam não poderá ir a Hobart.

Projeto Revisoras

— Essa não foi á única coisa inesperada a ocorrer — sussurrou Laura. — Tio James veio para cá.

— Oh, não! — E ele sabe que você não sou eu? — Quer dizer, que eu não sou... Oh, droga!

— Você sabe.

— Quer falar mais baixo, por favor? — Não, ele ainda não desconfiou de nada, mas terei que contar-lhe.

— Ei, você não pode fazer isso! — Tio James jamais irá me perdoar. — Vai se recusar a comparecer ao casamento e Sam ficará furioso comigo. — Por favor, não lhe diga nada.

— E o que mais posso fazer?

— Leve essa farsa adiante um pouco mais. — Talvez nós possamos trocar de papéis no dia da cerimônia, e ele não perceberá nada.

Laura deu uma gargalhada furiosa.

— Quer fazer o favor de ter um pouco de bom senso? — Ou será que tem um espaço vazio no lugar do cérebro? — Mas que absurdo!

— Não sei por que pediu que eu abaixasse o tom de voz. — É você quem está gritando — disse Bea, numa voz apaziguadora. — Laura, por favor, finja um pouco mais. — Só um pouquinho, está bem? — Ao menos até a greve dos aeroviários terminarem. — Então prometo ir até aí, e confessarei tudo a tio James. — No fundo, sou a única responsável por essa situação, não sou?

— Você sabe que odeio gritos.

Laura abriu a boca para responder, mas em seguida cerrou os dentes. Por que não fazer exatamente o que Bea sugerira? Por que não deixar que ela arcasse com as conseqüências das encrencas em que se metia em vez de sempre correr para ajeitar-lhe as coisas?

Mas não seria honesto continuar enganando James, lembrou-a uma voz interior.

Ora, James era adulto e sabia cuidar-se! Certamente ficaria furioso quando a verdade viesse à tona, mas e daí? Depois do juízo injusto e arrogante que fizera de Bea, sem nem mesmo conhecê-la, ele bem merecia uma lição. E, após ter estudado Laura daquela maneira provocante, como se quisesse despi-la, merecia duas lições!

— Está bem — disse, surpreendendo a irmã e a si mesma. — Mas você vai ficar me devendo esta.

Teve pouco tempo para se arrepender da decisão rápida. Porque, no instante em que voltou à sala, James instruía a corretora a trancar a casa e em seguida a conduziu até seu elegante Mercedes prateado, estacionado no pátio. Somente quando o carro tomou o rumo norte foi que ele lhe relanceou o olhar.

— E então, gostou da casa?

— É maravilhosa.

— Acha que será feliz vivendo aqui?

Laura ficou rubra ao pensar que jamais moraria naquele lugar. Aquele papel cabia à sua irmã.

Estava entrando num terreno perigoso. Tinha que se lembrar de vestir o personagem de Bea, com todas as suas atitudes esquisitas, mas sem seu charme irresistível.

— Sim, tenho certeza que sim — respondeu em voz baixa.

— Não vai sentir falta da vida agitada de Sidnei?

Laura inclinou a cabeça e ela ficou alguns minutos em silêncio antes de responder. No fundo, receava realmente que a irmã não fosse conseguir morar num lugar quieto, sem movimento.

Comunicativa, cheia de amigos, Bea vivia indo a festas e boates.

Fora uma surpresa vê-la apaixonada pelo calado Sam Fraser, que se sentia mais à vontade na sela de um cavalo do que numa pista de dança. Mas Laura não tinha dúvidas sobre a sinceridade dos sentimentos da irmã pelo sobrinho de James.

— Eu... Terei Sam a meu lado.

Os lábios do tio se apertaram.

— Onde o conheceu?

Projeto Revisoras

— Numa fazenda, perto de Tamworth. — Ele trabalhava como pecuarista lá, e eu... Bem, fui fazer umas fotos de moda na propriedade.

Laura prendeu a respiração, perguntando-se se a farsa seria desmontada naquele momento.

Certamente um simples olhar seria suficiente para convencer James de que ela não era alta ou magra o bastante para trabalhar como modelo.

Mas ele parecia não ter nenhuma dificuldade em aceitá-la naquele papel. Talvez porque Laura tivesse tido a precaução de usar... O cardigã de Bea sobre o terninho de lã. Além disso, deixara o cabelo claro solto, e ela maquiara-se bem mais do que o habitual, como a irmã costumava fazer.

Aquilo tudo fazia com que se sentisse uma mulher diferente, decidida, confiante. Será que Bea também se sentiria assim naquelas circunstâncias?

— Há quanto tempo se conheceram?

— Seis meses.

— Seis meses? — Não é um período muito longo para alguém tomar a decisão de se casar...

Os olhos de Laura brilharam.

— Para mim, é suficiente. — Pensou em Sam e procurou mergulhar no intenso sentimento que Bea nutria pelo noivo, mas não adiantou. Só conseguia enxergá-lo como um irmão... Mais novo. Por isso, sua voz soou pouco convincente quando disse: — Estou apaixonada por ele.

— É mesmo? — As sobrancelhas de James arquearam-se, demonstrando ceticismo. — Bem, por que não? — Mas o amor, sozinho, é uma base pouco apropriada para um casamento. — Não acha?

Agora havia ironia na voz grave, e Laura sentiu uma vontade imensa de brigar com ele.

— Não concordo. — Para mim, não há base mais forte para... Casamento do que o amor.

— Diz isso baseada no que viu em sua família?

Laura sentiu o corpo tencionar, como um animal preparando-se para a luta, à medida que as lembranças do passado vinham-lhe à mente. O que, exatamente, Sam contara ao tio sobre os, Madison? Procurou manter a voz firme ao responder:

— Não, não foi. — Não sei o que Sam lhe disse, mas não tenho família. — Tenho uma irmã.

— Nossos pais se separaram quando éramos pequenas. — Mamãe morreu de câncer quando eu tinha onze... Quer dizer, cinco anos, e papai nunca mais apareceu. — Passamos a maior parte da infância em lares adotivos.

— Sinto muito.

— Eu também.

Talvez ele sentisse mesmo, mas, para Laura, sua voz soou falsa e distante. Ficou chocada com a onda de raiva que a invadiu. Que direito tinha aquele homem de tecer julgamentos a seu respeito, a respeito de Bea? Ele merecia mesmo ser enganado!

Em outras circunstâncias, sentir-se-ia culpada e embaraçada por fazer parte daquela encenação, mas James parecia despertar o que havia de pior em seu coração. Revelava um lado de seu caráter que ela nunca julgara existir: descuidado, desafiador e enganoso. Era como se a boa e velha Laura tivesse ficado em algum lugar do passado.

Talvez fosse melhor evitar conversas. Ela bocejou exageradamente e tapou os olhos com a mão esquerda, na tentativa de fugir daquele interrogatório.

— Se não se importa, vou dormir um pouco. — Estou exausta.

— Claro. — Ainda temos três horas de viagem pela frente.

Sob as pálpebras semicerradas, Laura percebia que, vez ou outro James lhe lançava olhares rápidos. E, apesar do rubor que certamente lhe tomava as faces, ela conseguiu manter a respiração calma e regular. Será que ele descobriria a farsa? Ficaria furioso, quando soubesse? Alguma coisa em James Fraser fazia com que se sentisse mais excitada do que apreensiva.

Ele gritaria e faria uma cena, segurando-a pelos ombros e aproximando o rosto para exigir uma explicação? Laura imaginou como seria ter aquelas mãos fortes, sobre seu corpo, aquela boca perto da sua...

Projeto Revisoras

Respirou fundo e tentou se lembrar do que Sam contara sobre o tio. Nada de relevante, claro, uma vez que o moço era uma pessoa reservada.

Recordou-se vagamente de que o Fraser haviam se estabelecido na colônia Van Diemen's Land desde a fundação, e que sua riqueza vinha de uma, bem gerida fazenda de criação de ovelhas e de um lanifício em Hobart.

Sobre James, porém, não sabia quase nada. A não ser que ensinara Sam a cavalgar, a pescar e a cuidar de fazendas. Não conseguia lembrar-se de nenhum detalhe sobre a vida particular daquele homem, a não ser que tivera um casamento infeliz. O perturbador naquela história era reconhecer que o simples fato de saber que ele havia tido... Uma esposa provocava-lhe uma pontada de ciúme.

“Pare com isso, sua tola", ordenou a si mesma. "Você nem mesmo gosta desse homem”.

Certamente o magnetismo que ele emana mexe com todas as mulheres que se aproximam.

Bea não lhe disse que James Fraser é um sedutor.

Você não será tola a ponto de se apaixonar... Pense em Ray!

Com esforço, lembrou do amigo em frente ao computador, arrumando o ralo cabelo loiro com as mãos, mas isso de nada adiantou. Ray estava a milhares de quilômetros dali, enquanto a presença vibrante e perturbadora daquele estranho encontrava-se ao alcance de sua mão.

Naquele momento, ouviu o barulho da chuva batendo contra o vidro e o assobio do vento lá fora. Procurou concentrar-se nos detalhes do tempo, e foi tão bem-sucedida que em alguns minutos relaxou, ficou sonolenta e adormeceu.

Foi despertada pelo movimento do carro, que saiu da rodovia e tomou uma estradinha que serpenteava uma montanha. Um grito de surpresa escapou de seus lábios quando se deu conta de onde se encontrava. James a fitou e disse, num tom polido, mas distante:

— Estamos perto agora. — Quer descer e admirar a paisagem?

Parou o veículo em seguida. Laura desceu e reuniu-se a ele Prendeu a respiração ao observar o panorama que se que se cortinava á seus pés. Parará de chover, e ao longe, no alto de um azul cobalto intenso, via-se um grupo de ilhotas. No céu despontavam as luzes do entardecer, e a brisa vinda do oceano trazia um cheiro de maresia, mesclada ao perfume dos eucaliptos e de terra molhada.

— Ali está minha casa — informou James, apontando-a com um dedo.

Laura viu uma construção cor de mel, em estilo georgiano, incrustada na montanha. Em volta dela, plantas de um verde esfuziante marcavam os limites do jardim. Mais além, na grama dourada, carneiros pastavam em grupos.

— É maravilhosa!

— Fico feliz com o comentário — ele respondeu, com um brilho irônico no olhar. — Imagino que você vá passar algum tempo aqui. — Sam ama esta terra e, mesmo que tenha concordado em gerenciar o lanifício em Hobart, virá para cá sempre que tiver chance. — Gosta de cuidar do rebanho. — Tem certeza de que não se sentirá aborrecida? — O antagonismo na voz grave era quase palpável.

"Tio James não quer que eu me case com seu precioso sobrinho", pensou Laura, indignada.

"Ou melhor, não quer que Bea se case. Mas ele precisa nos dar uma chance!"

— Saberei lidar com isso — ela respondeu num tom gélido. — Se ficar chateada, eu poderei vestir uma fantasia e desfilar para os carneiros.

James lançou-lhe um olhar agudo, como se não tivesse certeza de que se tratava mesmo de uma brincadeira. Então, com um gemido exasperado, voltou para o carro.

Fizeram o restante do percurso em silêncio. Mas, a despeito da hostilidade, ele não deixou de atuar como um anfitrião perfeito. Tirou a bagagem de Laura do porta-malas, abriu-lhe a casa e conduziu-a a um quarto repleto de comodidades. Flores frescas, uma garrafa de água e um pote de biscoitos, toalhas felpudas, papéis de carta coloridos.

— Espero que não se importe em ficar sozinha por algumas horas. — Tenho que sair para cuidar de negócios, eu tenho que ver um touro premiado, mas creio que não demorarei muito.

Projeto Revisoras

— Sinta-se em casa, por favor. — Tome um banho, coma um lanche... Enfim, fique à vontade. — Prepararei uma refeição apropriada quando voltar.

Uma vez sozinha Laura correu para o telefone. Queria falar com Bea, trocar novas idéias sobre aquela situação difícil, mas, por mais que o telefone tocasse ninguém atendia.

Laura tentou o número de Sam, mas isso de nada ajudou. Deixou um recado na secretária eletrônica, pedindo para que a irmã entrasse em contato o mais breve possível.

Depois disso, sentou-se com um gemido e correu os dedos pelo cabelo. Quanto tempo teria que ficar ali? Lembrou-se que algumas greves costumavam durar semanas. E a Força Aérea só liberava suas aeronaves em situações de emergência.

Por mais desesperada que pudesse estar, tinha certeza que ninguém consideraria urgente o seu caso. Uma saída seria a balsa, que a levaria embora por mar. Se nada funcionasse, restaria a possibilidade de alugar um carro, dirigir até Devenportort e voltar ao continente.

De todo modo, isso não solucionava o problema do que aconteceria ao casamento. Mesmo que Bea mantivesse a promessa e explicasse a farsa a James, teriam que usar de muita diplomacia para convencê-lo de que, apesar daquela encenação, eram pessoas honestas.

Laura abaixou a cabeça e estremeceu. Por que concordara em fazer parte daquele plano maluco?

Bem, mas agora não adiantava permanecer ali, parada, reclamando da vida. Devia aceitar a sugestão de James e conhecer o lugar.

Aquele era realmente o estilo de casa que lhe agradava, concluiu ao terminar um ligeiro passeio de reconhecimento. Mas Bea, provavelmente, iria compará-la a um museu. Os quartos amplos tinham tetos de madeira entalhada, um adorável mobiliário antigo e vista para o mar. Uma pequena reforma fora feita para transformá-los em suítes. Notava-se que a cozinha e a lavanderia, de estilo colonial, também haviam sido construídas com a intenção de adequar a casa ao gosto do dono.

Faminta, Laura abriu a geladeira. Encontrou uma tentadora porção de delícias. Salmão defumado, patê, queijos variados, vegetais, ovos, frango. Começava a pegar os ingredientes necessários para um sanduíche quando uma idéia lhe passou pela mente: por que não preparar o jantar?

Sem a presença perturbadora de James, ela conseguira acalmar-se um pouco e até retomara o autocontrole. Agora, o olhar ousado que ele lhe lançara no momento em que se conheceram parecia-lhe realmente simples produto da imaginação. Provavelmente James não passava de um tio super protetor, receoso com o casamento do sobrinho. Se fosse aquele o caso, caberia a Laura tranqüilizá-lo.

Faria o que estivesse á seu alcance para mostrar àquele homem que ela e Bea eram pessoas maduras e responsáveis. Nesse sentido, nada melhor do que mimá-lo um pouco. Ele certamente chegaria cansado, e não teria muita disposição de cozinhar. Claro, havia a possibilidade de acusá-la de intrometida, mas, por outro lado, ele mesmo a convidara a preparar um lanche. Talvez, se fizesse o jantar, estivesse dando o primeiro passo no sentido de conquistar-lhe a simpatia. O que seria muito útil mais tarde, quando a verdade se revelasse.

— A comida estava excelente — admitiu James ao sorver, com um suspiro satisfeito, o último gole de café.

Laura olhou para a mesa com certa complacência. O abacate recheado com camarão com molho de frutos do mar fora seguido por frango assado, crocante, com batatas e tomates. Como sobremesa, torta de maçã polvilhada com canela e enfeitada com creme.

James abrira uma garrafa de vinho branco e, para completar, havia feito café fresco.

A conversa também transcorrera tranqüila. Laura notou um brilho de surpresa e respeito no olhar de James ao ouvi-la fazer um comentário sobre a política agrícola do governo.

Projeto Revisoras

Sem dúvida ambos ainda duelavam em lados opostos, mas o antagonismo inicial diminuíra um pouco. Um pouco relutante, ela teve que admitir que aquele homem fosse uma companhia muito interessante.

— Quer mais café? — Ofereceu.

— Quero — ele respondeu, levantando-se. — Por que não o leva à sala de estar? — Vou acender a lareira.

Enquanto James falava, uma rajada de vento fez voar as cortinas, e gotas de chuva começaram a bater nas vidraças. Ele atravessou o aposento e fechou as venezianas de cedro, deixando lá fora o frio e a escuridão da noite.

Foi um gesto simples, mas fez com que Laura experimentasse uma sensação estranha. Era como se os dois estivessem juntos numa nuvem mágica, particular, e houvessem decidido dar as costas ao mundo lá fora. Havia alguma coisa alarmante na idéia de estar a sós com aquele homem, junto ao fogo, ouvindo a tempestade.

Inesperadamente, ela se deu conta de que James a observava com ar curioso e olhos estreitados. Abaixou a vista.

Com o coração acelerado. E se ele estivesse imaginando o que aconteceria se lhe tirasse as roupas e a deitasse no tapete em frente à lareira? Bea uma vez lhe dissera que seu rosto era muito expressivo, mas naquele momento Laura rezava para que a irmã estivesse enganada. Se seu semblante expressasse metade das coisas em que pensava, estava numa grande encrenca.

— Levarei o café — ela disse, dirigindo-se à cozinha.

Quando voltou à sala, dez minutos depois, encontrou James ajoelhado junto ao fogo, avivando-o com mais lenha. A luz alaranjada refletia-se em seus olhos e marcava-lhe o contorno do rosto, dando-lhe a aparência de um homem primitivo, entregue às forças da natureza. De repente, ele a fitou de um jeito que a deixou sem respiração.

Não, Laura não imaginara o olhar sensual que lhe fora dirigido naquela tarde, pois o via novamente agora. E, dessa vez, não teve forcas sequer para virar a cabeça. Tudo o que conseguiu fazer foi encará-lo, os lábios entreabertos, os ombros tensos.

James usava calça jeans e camisa de flanela. As mangas enroladas até a altura dos cotovelos revelavam braços musculosos, peludos, que brilhavam a claridade do fogo. Quando ela se ergueu, mantendo fixo o olhar provocante, Laura sentiu-se uma pobre presa jogada num mundo hostil. E nada indicava que aquele estranho de ar ameaçador fosse sentir pena dela.

Entregou-lhe a xícara com dedos trêmulos. James adicionou açúcar, experimentou o sabor e bebeu o café sem parar de fitá-la. Então se virou e colocou a peça de porcelana sobre a lareira.

— Diga-me uma coisa — pediu asperamente. — O que está por trás disso?

CAPÍTULO II

Laura sentiu o peito apertado e o fitou, alarmada, momentaneamente esquecida da atração que sentia. Na certa, James adivinhara que ela não era Bea e exigiria uma explicação. Bem, a única coisa que poderia fazer seria satisfazê-lo, pedir desculpas e partir o mais breve possível. Só esperava que James não descontasse a raiva na irmã.

— Ouça, percebo que você se deu conta de que há algo errado — começou incerta. — Deve julgar que estou aqui sob falso pretexto e...

— Eu não iria tão longe — James interrompeu. — Apesar de tudo, Sam é uma pessoa adulta e tem o direito de desposá-la. — Sei, pelos telefonemas que ele me deu, que está muito apaixonado.

— O que me preocupa é que você esteja pensando em cair fora, Bea.

Projeto Revisoras

Bea. Então ele ainda não desconfiara de nada. O coração acelerado de Laura lentamente voltou ao normal, embora ela se sentisse trêmula. Encarou James, certa de que nunca se vira numa situação tão maluca. O que diria agora?

— Não é preciso me olhar como se eu fosse um carrasco — ele continuou, impaciente. — O caso é que, uma vez que você vai se casar com meu sobrinho eu queria saber mais a seu respeito.

— E, pelos céus, diga a verdade!

— Que quer dizer com isso?

— Quero dizer que... Bem, o que pretende da vida? — O que lhe dá motivação? — Quais suas maiores necessidades?

Alguma coisa na urgência daquela voz a tocou profundamente tornando-a incapaz de mentir.

Um sorriso seco brincou nos lábios sensuais quando ela contemplou o túnel escuro do passado. As lembranças voltaram claras, vividas. A pedra gelada do túmulo da mãe, a determinação de cuidar de Bea e evitar que se afastassem a decisão de trabalhar arduamente e responsabilizar-se pelo futuro de ambas. Riu baixinho.

— Segurança — afirmou.

Viu um breve traço de hostilidade nos olhos de James, assentiu com um gesto de cabeça.

— E casamento é um modo de obter segurança, certo? — Mas atualmente as garotas também buscam fazer carreira, para o caso de o Sr. Maravilha não aparecer. — Está segura de seu charme a ponto de não sentir necessidade de especializar-se em alguma coisa? Laura hesitou.

— Mas eu me especializei! — Respondeu, sem pensar. — Interrompeu-se, lembrando-se, tarde demais, que ela tinha que continuar desempenhando o papel de Bea.

— Você o quê?

— Estudei horticultura.

— Ah, então é diplomada.

— Não.

— Por que não?

— Abandonei os estudos — disse ela, em um desafiador erguer de queixo.

— Ah, sei. — E que fez, então? — Começou a procurar um marido rico?

— Não! — Exclamou Laura, tentando recordar-se o que realmente, Bea fizera.

Ela trabalhara durante um período numa pensão, tivera um breve emprego como crupier num cassino e ficara um ano num hotel, arrumando camas e servindo cafés. Laura decidiu não citar nenhuma dessas aventuras.

— Trabalhei numa butique, e então um dia me convidaram para desfilar. — Foi assim que minha carreira começou. — Tive sorte.

— Muita sorte, não acha? — Disse ele num tom áspero. — Até onde posso notar, também foi por sorte que Sam se apaixonou por você. — Vai depender da sorte para fazer seu casamento dar certo?

O sarcasmo era tão ferino que Laura sentiu-se atingida. Por alguns momentos, limitou-se a fitá-lo, incapaz de pensar numa resposta à altura. Finalmente baixou a vista, sem encontrar uma defesa adequada.

— Por que me odeia tanto? — Murmurou.

— Não a odeio — ele resmungou. — Simplesmente acho que é jovem ingênua e capaz de provocar um grande dano. — Mais do que isso, gostaria de fazê-la refletir antes que seja tarde.

— Você tem... Quantos anos? — Vinte e três? — Sam tem vinte e quatro. — Para mim, são muito novos. — E, por tudo que ouvi a seu respeito, posso julgá-la imatura. — Simplesmente não acho que casamento, a essa altura dos acontecimentos, seja uma boa idéia. — Em minha opinião, vocês deveriam esperar alguns anos, conhecer-se melhor. — Não possuem experiência para perceber as armadilhas desse ato.

— Armadilhas? — Que armadilhas?

Projeto Revisoras

Assombrada, ela o viu dar um passo à frente e segurá-la pelos ombros. A sala pareceu girar, e por um terrível momento Laura permaneceu imóvel, presa naquele olhar hipnótico. Um vergonhoso arrepio de desejo a assaltou, tão quente e primitivo que chegou a surpreendê-la.

Ela tentou, mas não conseguiu escapar da aura de virilidade, do calor e do poder que emanavam daquele homem, seus dedos fortes apertavam-lhe a pele, fazendo-a sentir-se frágil.

Laura deu um suspiro e lutou contra a insana urgência de enlaçá-lo pelo pescoço e colar os lábios aos dele.

Dirigindo-lhe um olhar amedrontado por sob as pálpebras semicerradas, ela notou que James percebera-lhe a reação inesperada. Mais do que isso, fazia questão de demonstrá-lo. O sorriso divertido que brincava em seus lábios provocava um embaraço que a fazia corar.

Por que ele agia daquele modo? Também sentiria atração? Ou simplesmente procurava fazê-la de tola?

— Vamos começar pela armadilha de sentir-se atraída por outro homem — ele murmurou.

— Você é jovem e vulnerável. — O que fará quando se der conta de que está incontrolavelmente apaixonada por outro, como eu sei que acontecerá?

A maneira como ele dissera outro não deixou dúvidas sobre a quem se referia. Aquela voz suave de barítono era sugestiva o bastante. Como se atrevia a humilhá-la daquele modo, especialmente sabendo que ela estava prestes a casar-se com Sam? Não teria compaixão? Honra?

Pior: como ela podia sentir-se traiçoeiramente atraída por um homem de quem se ressentia?

De repente, Laura perdeu a paciência. A raiva transformou se em fúria. Libertando-se dele, recuou alguns passos. O encarou.

— Seu bruto pretensioso! — Gritou, e então parou, buscando na mente o que dizer a seguir.

Não podia contar-lhe a verdade, isto é, que o desprezava pelo julgamento prévio sobre Bea e pelo insultante jogo sensual que fazia com ela. Mas podia, e iria, dizer-lhe o que pensava daquele comportamento, de seus valores. Quem era ele para ditar-lhe regras? Afinal, tinha uma vida amorosa da qual não devia se orgulhar.

Laura respirou, fundo e as palavras saíram numa torrente irada:

— Posso ser jovem, mas não sou tola. — Diga-me uma coisa... Aonde sua preciosa sabedoria e sua experiência o levaram? — Você deve ter trinta e cinco anos, mas não tem um casamento feliz, não é mesmo? — Então, o que fez de toda a sua cautela? — A melhor coisa, num relacionamento, é confiar nos seus instintos, fechar os olhos e atirar-se nele! — Tudo bem, podemos até nos ferir, ou ferir outra pessoa. — Mas ao menos estaremos vivendo e sentindo e respirando e conhecendo o amor. — Em minha opinião, você é ingênuo, se acha que será capaz de assegurar a própria felicidade sem correr risco de amar!

Laura surpreendeu-se com a própria veemência, e tentou convencer-se de que estava apenas expressando a filosofia de vida de Bea. Mas nem isso explicava por que o desabafo a deixara tão agitada. Viu que James a encarava com perplexidade. Abraçou-se e respirou fundo, até se acalmar.

— Sinto muito. — Eu não devia ter dito isso — murmurou. — Sou sua convidada e me comportei de maneira muito rude. — Por favor, desculpe.

Ele deu de ombros, como se aquela explosão não tivesse significado nada. O sorriso cínico e divertido não lhe deixara os lábios um só instante. Então falou, num tom baixo, como se estivesse apenas pensando alto:

— Há mais uma coisa em você que não compreendo, Beatrice. — Disse que procurava segurança, o que significa que não ama Sam, mas fez um discurso passional a favor da paixão, sobre correr riscos emocionais. — Não é uma contradição? — Pode me explicar isso?

Laura abriu a boca e a fechou em seguida. Sim, era uma contradição, mas só conseguiria explicá-la se dissesse a verdade. Bastariam algumas poucas sentenças: "Bea está apaixonada por Sam, mas eu não. Eu me preocupo com segurança. Minha irmã prefere correr riscos. Quando falei sobre amor daquele modo ardente, estava na verdade falando o que ela diria se estivesse aqui. Ou

Projeto Revisoras

não? E possível que no fundo eu realmente acredite na necessidade de correr o risco de me apaixonar?"

Fitou James com ar incrédulo, abalada pela descoberta que acabara de fazer.

— A verdade é que há ocasiões em que não sei o que quero — murmurou, baixando o olhar.

— Às vezes, não sei nem mesmo quem eu sou.

Percebeu que ele se aproximava e sentiu que a mão forte lhe erguia o queixo, forçando-a a encará-lo, a contemplar-lhe a estranha expressão que brilhava nos olhos. Seu polegar moveu-se sobre a face de Laura, acariciando a pele num movimento lento.

— Então acho melhor você descobrir quem é e o que quer antes de se casar. — Concorda?

Cada célula do corpo feminino parecia pulsar sob o calor daquele toque, sob a ardência do desejo. Seria fácil, muito fácil, atirar-se naqueles braços.

O silêncio estendeu-se, e Laura teve quase certeza de que James também experimentava aquela mesma, dolorosa, e primitiva necessidade que a perturbava tão profundamente. Mas também estava certa de que aquilo, para ele, não passava de um jogo. Furiosa, libertou-se e deu-lhe as costas.

— O que há com você, afinal? — Perguntou ele, segurou-a pelo pulso e a fez virar-se.

— Tudo.

— Gosto muito de Sam e não quero vê-lo infeliz por causa de uma garotinha tola, vestida de modo ridículo, que não sabe nem mesmo o que quer.

— Vestida de modo ridículo? — Laura repetiu, contemplando o longo cardigã da irmã.

— Ah, então é isso. — Você me desaprova porque sou modelo, não é mesmo?

— Não exagere. — Se eu a desaprovo é porque suspeito de que é instável e sei que cairá fora do casamento ao primeiro sinal de dificuldade.

Todas as velhas inseguranças de Laura pareceram voltar em um só tempo, e ela sentiu o sangue subir pelas faces em... Labaredas.

— Você diz isso por causa do meu passado! — Gritou louca da vida. — Porque cresci em casas de adoção, acredita que não posso manter um casamento!

— Está enganada. — Isso nem me passou pela cabeça.

— Passou sim! — Acha que não sou boa o suficiente para Sam não é? — Ela perguntou a voz cada vez mais alta. — Sua família é rica, respeitável, importante, e nunca houve um divórcio nela, certo? — Não sou digna de entrar para o clube, acertei?

— Eu nunca disse isso! — Ele respondeu, exasperado. — Além do mais, quem lhe falou que em minha família nunca houve um divórcio? — Adrian, pai de Sam, é divorciado, e eu também sou.

— Quanto a minha irmã Wendy, nunca se separou porque jamais se deu a trabalho de casar-se com algum de seus amantes!

Laura experimentou uma estranha sensação ao saber que James era divorciado. Certo pânico, mesclado com alívio. Por algum ridículo motivo, não gostara de descobrir que ele fora casado, e não podia deixar de sentir-se absurdamente feliz ao verificar que o casamento terminara.

Então lhe, contemplou as linhas severas da boca, os lábios contraídos. Estaria terminado para ele?

— Você é divorciado? — Por quê?

— Não é da sua conta. — De qualquer maneira, o fato é irrelevante. — Não sei por que mencionei. — Isso aconteceu anos atrás e nunca mais fui tolo o bastante para voltar a me casar.

— Tudo o que eu quis dizer foi...

—A h, eu sei! — Você se desiludiu com o casamento e por isso procura dissuadir os outros da tentativa. — Que direito tem de me dizer que sou frívola, egoísta, e que fugiria ao primeiro sinal de dificuldade? — Não sabe nada sobre mim!

A expressão dele tornou-se ainda mais grave.

Projeto Revisoras

— Sei que planeja casar-se com Sam para obter segurança financeira, e sei que é preciso muito mais do que isso para um casamento funcionar. — Se pensar que uma mansão em Sandy Bay irá fazê-la feliz, menininha é porque ainda tem muito que crescer!

— Não me chame de menininha! — Se acredita que o fato de nos comprar uma casa lhe dá poder de estragar nosso relacionamento, então pode esquecer o presente. — Não precisamos de sua casa e não a aceitaremos. — Pedirei a Sam para recusá-la. — Haveremos de adquirir uma com nosso próprio esforço.

— Não seja ridícula! — Isso não tem nada a ver com meu suposto poder de atrapalhar esse noivado. — Vocês dois têm direito de viver naquela casa.

Laura surpreendeu-se.

Concentrada sentia que havia ali um elemento complicador. Quando voltou a falar, sua voz voltara ao normal:

— Que quer dizer? — Você vai pagar por aquela mansão, não vai?

— Sim, mas por causa do testamento de meu pai. — Adrian meu irmã, nunca soube lidar com dinheiro, que escorria entre seus dedos como água. — Assim, acabei administrando sua parte na herança. — Papai tinha receio de que ele dilapidasse o patrimônio e de que seus filhos acabassem ficando sem nada.

—Então você...

James deu um suspiro exasperado e correu os dedos por entre os cabelos escuros.

— Exatamente: sou o filho responsável — disse num tom, aquele que lida com os clientes, mantém o estoque em dia, paga os impostos e deixa o resto da família fora dos problemas, quando eles surgem. — Alguém tem que fazer isso entende? — Papai sabia que eu cuidaria de Sam e dos outros. — Por isso deixou tudo em minhas mãos.

É uma história semelhante à minha, pensou Laura, com certa simpatia.

Lembrou-se de quanto discutira com o assistente social do governo quando fizera vinte e um anos, tentando convencê-los de que seria capaz de montar um lar para Bea.

Com seu salário de estagiária. Recordou também os muitos sacrifícios por que passara para manter a promessa, feita no leito de morte da mãe, de cuidar da irmã.

Pensou nas centenas de festas e encontros ao que deixara de comparecer, das oportunidades desaparecendo bem diante de seus olhos, da vida escapando-se rapidamente sem que ela pudesse aproveitá-la. Se James houvesse passado por tudo aquilo, só poderia sentir pena dele.

— Você nunca ficou doente por ter tanta responsabilidade nas costas? — Perguntou.

— Sim, fiquei — ele respondeu o tom sério.

— O que gostaria de ter feito caso não fosse obrigado a cuidar da família? — Perguntou Laura, curiosa.

Os olhos de James se estreitaram e ele pareceu fitar um ponto na distância.

— Eu iria para o recife Great Barrier, em Queensland, por um ano, e ficaria vagando pelas praias sem fazer coisa alguma — foi á resposta imediata. — Teria sido ótimo cavalgar na areia branca, surfar, deitar sob as palmeiras. — Mas eu provavelmente me sentiria farto de tudo isso depois de doze meses. — Suspeito que seja viciado no trabalho. — De todo modo, seria divertido.

— Eu teria feito o mesmo — murmurou Laura. —Adoraria ter ido a Queensland. — Passaria meses na floresta, colhendo flores selvagens, sem me preocupar em trabalhar ou em ser responsável.

James lançou-lhe um olhar suspeito.

— E por que não fez exatamente isso? — Estudou um pouco de horticultura, não foi? — Pelo que me disse, não parece ter medo de trilhar seu próprio caminho.

Laura sentiu um arrepio, como se um vento frio tivesse invadido a sala. Estava se esquecendo de que se encontrava ali para desempenhar um papel?

Projeto Revisoras

Sim, James tinha razão. Se Bea sentisse vontade de viajar pela floresta, teria ido. No entanto, a boa, velha, chata e responsável Laura não sonharia em fazer nada parecido. Como nunca sonharia em jogar a cautela para o alto e lançar-se num tórrido romance com aquele homem.

"Se ao menos eu tivesse certeza de que é a mim que ele quer... Ah, mas não, esse homem deseja toda mulher que se aproxima", pensou desanimada. "ou se ao menos Bea e eu não houvéssemos preparado esta maldita encenação, eu gostaria de..."

Naquele momento, percebeu um implacável brilho de hostilidade nos olhos escuros e soltou um suspiro. Gostaria de quê? A melhor coisa que poderia fazer, àquela altura, seria evitá-lo tanto quanto possível e rezar para se ver livre daquela confusão o mais depressa possível.

— Bem, somos muito diferentes, não somos? — Disse friamente. — Não espero que você entenda as coisas que faço. — E, se me desculpar, eu vou para a cama.

Preparou-se para caminhar na direção do quarto, mas, ele a deteve. Para surpresa de Laura, o antagonismo havia desaparecido de seu olhar, substituído por algo mais suave... Respeito, talvez?

Amizade?

— Ouça — murmurou ele, — não tenho nada contra você. — É uma moça inteligente, de caráter. — Mas existem duas coisas na vida que doem: mentira e deslealdade. — Você me parece honesta e espontânea, mas não posso deixar de me preocupar sobre se será leal a Sam ao longo do caminho que têm pela frente. — Por isso, estou avisando: pense mais uma vez se deseja mesmo esse casamento.

Na manhã seguinte, Laura acordou com uma sensação de intensa apreensão, mesclada a uma ridícula excitação. Enquanto tomava banho e se vestia, procurava ordenar os pensamentos. Não havia dúvidas de que estava numa séria encrenca. Sentiu-se tentada a alugar um carro e ir até ferrybat, para sair dali, mas alguns segundos depois, apos refletir melhor, convenceu-se de que não poderia partir sem oferecer explicações.

James ainda pensava que ela era Bea e esperava que permanecesse na mansão. Assim, seria muito rude desaparecer sem dizer-lhe por que. Ele podia opor-se ao casamento, mas jamais imaginaria algo tão terrível como aquilo. Além disso, havia dificuldades práticas. James poderia chamar a polícia, acreditando que ela havia sumido. Se ao menos tivesse coragem de contar-lhe a verdade... Mas teria que aguardar que Bea chegasse e fizesse isso.

O problema era que se sentia afundar num mar de areia movediça a cada minuto passado na companhia daquele homem. Ainda que houvessem discutido na noite anterior, ela não podia negar a atração que sentia. Mas não existia futuro para ambos. Por um lado, porque ela sabia que James tentava seduzi-la por pura distração. Mas principalmente porque ele não a perdoaria por tantas mentiras.

Bem, mas a verdade teria que ser dita antes do casamento, Laura sentiu um aperto no coração a imaginar a cena. Será que, depois da revelação, James recusar-se-ia a participar da cerimônia? Até o momento, seria ele o responsável por levar Bea ao altar. Mas quem poderia culpá-lo caso desistisse? Não parecia o tipo de homem capaz de sorrir e dar de ombros se alguém o fizesse de bobo. Laura suspeitava de que, sobre aquela máscara formal e controlada, havia um temperamento explosivo. Ele não era como Raymond.

Raymond! O h, céus, havia se esquecido completamente dele. Devia ter-lhe dado a resposta ao pedido de casamento no dia anterior. O que ele estaria pensando a seu respeito? Laura nunca deixara de cumprir uma promessa em toda a sua vida!

Naquele instante, porém, não se importava nem um pouco com isso. E sabia exatamente que resposta daria a Ray. Depois do turbilhão de emoções que James lhe despertara nas últimas vinte e quatro horas, não poderia desposar outro homem.

Bem, mas mesmo assim Ray merecia uma satisfação. Sentindo-se péssima, pegou o telefone e discou.

— Ray?

— Laura! — O que foi que aconteceu? — Esperei que entrasse em contato comigo ontem.

Projeto Revisoras

— Mas você desapareceu, não veio trabalhar, e sua secretária disse que havia tirado alguns dias de folga, sem deixar nenhuma explicação.

O tom era furioso, e ela sentiu uma crescente exasperação.

— Sinto muito. — Surgiram alguns acertos inesperados para o casamento de Bea e tive que voar para a Tasmânia de repente. — Vou ficar aqui alguns dias, mas não se preocupe. — Na verdade, telefonei para dizer-lhe que... Não posso me casar com você.

— Uma decisão um tanto abrupta, não acha? — ele protestou. — Poderia me dar os motivos?

— Só existe um: não amo você.

Ele riu.

— Amor? — zombou. — Somos duas pessoas adultas e maduras. — Precisamos fazer tanta questão dessa terminologia romântica?

Laura sentiu uma onda irracional de raiva. Se Ray estivesse ali, à sua frente, atiraria o aparelho nele. Então ele se limitava a colocar o sentimento mais importante do mundo como uma questão de terminologia! Definitivamente, jamais poderia passar o resto de seus dias ao lado de alguém que pensava assim.

— Bem, eu faço questão — disse. — Sinto muito, mas acho que devemos parar por aqui.

— Querida, está doente ou algo assim? — Parece outra pessoa, mas ouça não se apresse a tomar uma decisão. — Espere até Beatrice se casar. — Depois conversaremos. — Ei, eu lhe disse que consegui o contrato com Simmons e Waterman? — Foi uma vitória e tanto!

— Que bom para você — ela respondeu friamente, e se despediu.

Á medida que se afastava do telefone, teve a impressão de toda aquela conversa não passara de uma discussão de negócios, compromisso menor desmarcado sem muita dificuldade e isso á tornou ainda mais segura da decisão que tomara.

Ray, por seu lado, não se mostrara preocupado com sua resposta. E, para ser honesta, tinha que admitir que se sentisse bastante aliviada. No entanto, se tivesse recusado o pedido de casamento de James Fraser, com certeza estaria se sentindo a pior das mulheres.

— Mas, se James me pedisse em casamento — murmurou baixinho, — eu não recusaria.

Arregalou os olhos, surpresa, ao dar-se conta do que acabara de dizer. Deixou escapar um gemido.

Estava fazendo tudo errado! O que James tinha a ver com aquilo? Claro que ele jamais iria pedi-la em casamento.

Na verdade, sua principal preocupação no momento era dissuadi-la de se casar. Mas isso porque julgava que ela... Era jovem demais. No entanto, e se estivesse realmente atraído? E se aquilo não fosse apenas um jogo?

Balançando a cabeça, ela afastou o pensamento e começou a arrumar-se. Não que houvesse tanta peça a escolher. Imaginara passar somente um dia na Tasmânia e, por esse motivo, não se preocupara com o que colocar na mala.

O problema era que havia levado roupas que combinavam com seu próprio estilo. Uma longa camisola, roupas de baixo delicadas, sapatos clássicos, um terninho azul noite e um broche para colocar na lapela, um casaco preto que comprara nas férias, passadas em Florença, de anos atrás.

Aquilo confundiria James, que criticara de maneira tão violenta o cardigã que ela usara no dia anterior. Talvez, quando a visse com aquele tipo de roupa, e cabelo preso num coque, reconsiderasse suas antiquadas noções sobre quão jovem e irresponsável era Laura. Ou melhor, Bea.

A vontade de fazer uma travessura amenizou-lhe a culpa.

Como esperara, James surpreendeu-se a vê-la entrando na cozinha. Em pé junto ao fogão, ele preparava algo na frigideira. Um delicioso aroma de bacon e tomates espalhava-se no ambiente.

— Chegou bem na hora — ele comentou, dividindo o conteúdo da panela em dois pratos e entregando um a Laura.

— Obrigada.

James fez um gesto na direção de uma mesa, sob a janela já pronta para o café da manhã.

Projeto Revisoras

Sobre a toalha vermelha e branca, havia suco de laranja, geléia e toda a parafernália necessária àquele tipo de refeição. Laura lançou-lhe um sorriso educado quando ele lhe serviu suco e passou-lhe a cesta de torradas.

— Você está muito bonita — comentou com ar de aprovação, examinando-lhe o terninho azul. — É uma roupa adequada para fazer uma visita ao vigário que celebrará o casamento.

Laura fitou perplexa.

— Que foi que disse?

James recostou-se no espaldar da cadeira e estreitou os olhos. Sua expressão fez com que ela corasse de imediata.

— Que essa roupa é adequada ao que vamos fazer: visitar o vigário e combinar os detalhes do casamento — ele repetiu com uma suavidade quase sinistra. — Não lhe contei que ele me ligou ontem e sugeriu que ensaiássemos a cerimônia. A não ser, claro, que você tenha mudado de idéia quanto ao casamento...

Ela contemplou, horrorizada. Desempenhar aquele papel falso para alguém já era terrível. E ainda por cima deveria convencer o vigário de que era a noiva, ela mentiria.

Tinham de haver outras maneiras de escapar ao compromisso, cruzaram idéias igualmente ridículas. Pensou em esconder-se embaixo da mesa e não sair nunca mais. Em correr dali e atirar-se ao mar. Em dizer a James que sim, havia mudado de idéia e que o casamento seria cancelado.

Àquela solução era a que mais a atraía, mas se tratava algo completamente fora de cogitação.

Afinal de contas, não era ela quem estava prestes a se casar.

— Você não está disposta a levar isso adiante, não é mesmo. — Perguntou James áspero, e, para surpresa de Laura, ele segurou seus braços com tanta força que a fez soltar um grito.

O aperto nos braços diminuiu, mas o olhar permaneceu intenso, quase como se quisesse atingi-la. As batidas de seu coração aceleravam-se, exultando de felicidade.

Ele também está atraído! Pensou, num momento de... "Sente o mesmo que eu sinto!"

O absurdo daquela constatação a fez estremecer.

— Não ha nada que eu possa fazer para impedir esse momento — disse Laura, baixando a vista.

— Bobagem. — Na verdade, está deixando que a pressão e o embaraço a obriguem a esse passo. — E sabe por quê? — Porque não será capaz de enfrentar a humilhação de desistir no ultimo minuto. — Mas tem consciência de que está fazendo algo errado, não tem?

As suas últimas palavras feriram-na como se fossem chicotadas. Mais claro que James não podia conhecer o duplo significado daquela frase.

— Por favor, solte-me — exigiu, afastando-se.

— Está bem — ele concordou, libertando-a. — Mas não diga que não avisei. — Se desposar Sam sem amá-lo, e ousar pedir a separação daqui a alguns meses, vai se arrepender amargamente.

— Tenho certeza de que o reverendo lhe dirá o mesmo. — Por que não conversa com ele sobre isso?

Lá estava James de novo, insistindo naquele maldito assunto! Laura encarou-o com expressão alarmada.

— O que quer dizer com isso?

— Já lhe falei. — Ele telefonou e sugeriu um ensaio. — Algumas músicas são complicadas, e a organista quer passá-las. — Expliquei que Sam ainda se encontrava no continente, mas vigário está ansioso. — Quer todos os detalhes acertados. — E uma vez que a noiva está aqui, tanto melhor.

Laura sentiu-se jogada em meio a um pesadelo. Ensaiar o casamento? Fingir ser a noiva? As coisas tornavam-se piores a cada instante. Desejando que o chão se abrisse e a tragasse, ela tentou uma tática desesperada:

— Ah, não acho que devamos ensaiar sem a presença do noivo. — Não podemos cancelar o compromisso?

Projeto Revisoras

— Não, não podemos — resmungou James, e suas pupilas estreitaram-se ainda mais. — Vou desempenhar o papel que é de Sam. — Talvez isso a ajude a refletir sobre o significado daquilo que está fazendo.

A igreja, uma pequena construção de pedra, erguia-se numa colina verdejante, com vista para mar. Se não estivesse tão agitada, Laura teria se encantado com as flores das cerejeiras e com os ramos cheios dos carvalhos. Mas naquelas circunstâncias, sentia-se como uma condenada levada à execução.

Essa sensação intensificou-se quando James colocou um braço ao redor de seus ombros e a conduziu pelo pátio, na direção da entrada do templo. Um homem rechonchudo e careca, com faces rosadas e óculos de armação fina atendeu a segunda chamada da campainha.

— James, que bom vê-lo! — Ah, é esta a noiva? — Prazer em conhecê-la, Beatrice. — Meu nome é Bill Archer. — Conheço ao jovem Sam desde que ele pegava maçãs de meu pomar nas férias escolares. — Portanto, celebrar esse casamento é realmente um prazer. — Eu soube que ele não poderá reunir-se a nos hoje...

— É verdade. — Há uma greve entre os aeroviários. — Mas isso não nos atrapalhará — interveio James com diplomacia. — Eu me ofereci para ensaiar no lugar dele.

— Eu acho que Beatrice merece essa chance de refletir sobre o significado do matrimônio.

O vigário pareceu constranger-se.

— Eu... Bem, sim — concordou, ajeitando os óculos.

— Nós poderemos passar os hinos e todas as outras coisas, — minha querida! — disse em voz alta, chamando a esposa.

— Vamos começar o ensaio do casamento de Sam. — Por que não se junta a nós?

Laura pensou que aquela agonia não poderia tornar-se pior, mas quando entrou no templo percebeu que se enganara.

A construção era realmente linda, com os vitrais coloridos refletindo a luz do sol, os bancos de madeira brilhavam, de tão polidos, e flores por todo o altar.

Se algum dia pensasse em se casar, não poderia pensar em lugar mais agradável.

Mas cinco minutos depois, quando os outros participantes do ensaio começaram a chegar, sentiu-se numa câmara de tortura. Enquanto o reverendo os apresentava, ela olhava em torno, desesperada, como se estivesse em meio a uma guerra terrorista.

— Muito bem, Bea, aquela de vestido verde é Audrey IMiilips, a organista, e atrás dela está John Timmins, que será o padrinho. — Aquele outro é Peter Clark, o sacristão, ele gentilmente se ofereceu para conduzi-la ao altar. — Será que esqueci alguém? — Ah, claro! — A dama de honra!

— Pena que a sua irmã Laura não esteja aqui...

— É mesmo, não? — Laura concordou com voz sumida.

— Ficarei no lugar dela — ofereceu-se a esposa do vigário.

— Podemos começar. — Vá para o altar, Bill, e diga-lhes o que devem fazer.

— É simples. — Assim que Audrey tocar a Marcha Nupcial, Bea, você dá o braço a Peter.

— Caminhem lentamente pelo centro da igreja, de modo a que todos possam vê-los bem e, quando chegarem ao altar, o noivo deve adiantar-se para recebê-la. — Então vocês dois viram-se para mim, e o pai... Quer dizer, Peter... Vai um pouco para a esquerda, enquanto o padrinho inverte-se para a direita. — Bea entrega o buquê para a dama de honra e a cerimônia continua. — Alguma dúvida?

Contendo a vontade de correr para fora dali e esconder-se num refúgio seguro, Laura dirigiu-se à entrada da igreja, da o braço ao sacristão. Enquanto atravessavam o caminho acarpetado, ela procurou imaginar os rostos sorridentes da família e dos amigos, mas só conseguia pensar em seus sentimentos de embaraço e de culpa.

Então Peter Clark lentamente afastou-se dela e James foi para recebê-la. Naquele instante, foi como se a igreja toda com seus vitrais, a música e as pessoas, desaparecessem, deixando-a a só com o homem que a desaprovava.

Projeto Revisoras

Mas desaprovação não parecia ser a única emoção que atormentava James Fraser. Quando ele a fitou, com os olhos escuros estreitados, Laura captou um brilho que a fez prender a respiração. Era uma necessidade urgente, primaria, como se ele estivesse determinado a conquistá-la e a torná-la sua.

A voz de Bill Archer soou, tirando-a do devaneio e embaraçando-a ainda mais. O reverendo tomou-lhe a mão, fria como gelo, e colocou-a sobre a do "noivo". James pareceu notar isso, pois franziu a testa, pensativo, ao pegar a aliança que John Timmins lhe entregava e colocá-la no dedo de Laura. Por um momento, porém, veio quando ele recitou os votos:

— Com este anel, eu te recebo em casamento. — Com meu corpo eu te venerarei, com todos os meus bens eu te adotarei!

Ela estremeceu quando se deu conta de que transformava o sacramento do matrimônio numa brincadeira. E, apesar de sentir-se mal quanto a isso, não conseguiu conter uma onda de sensações irracionais ao pensar no que aconteceria se aquele fosse um casamento de verdade.

Como se sentiria se James soubesse quem ela era e quisesse desposá-la? Como se sentiria se Bill Archer estivesse desposando-a daquele homem devastador e poderoso como seu marido?

Como se sentiria se soubesse que logo mais partiriam em lua de mel, e que esse seria o início de uma vida a dois? Prendendo a respiração, caminhou até a entrada do templo em silêncio, com James a seu lado. Terminado o ensaio, Christine Archer serviu um excelente café com biscoitos em sua sala de estar, mas àquela altura Laura perdera o apetite.

O vigário contemplou-a com preocupação.

— Você está muito pálida, Bea. — Sente-se bem?

— É nervosismo natural das noivas — explicou Christine. — Sei como se sente, querida.

— Fiquei exatamente assim no ensaio do meu casamento.

— Oh, é mesmo? — Perguntou Laura, em dúvida.

— Apesar de que, se você estiver incomodada com alguma coisa com relação ao matrimônio, deve conversar imediatamente com Bill Archer — interveio rapidamente James.

Laura deixou cair a colher.

— Não creio que seja necessário — balbuciou.

James a guiou até o carro num desaprovador silêncio e permaneceu assim enquanto percorriam a rodovia que margeava da cidade. Não tomou o caminho que levava à fazenda, porém a estrada de terra batida que conduzia a uma praia.

James parou o carro numa clareira aberta entre as dunas.

— Que está fazendo? — Quis saber Laura, tensa.

— Preciso pensar, e penso melhor quando caminho na areia. — Desça.

A voz era áspera, quase rude. Sentindo-se ainda mais constrangida que quando estivera na igreja, ela obedeceu. Sem lhe dirigir um único olhar, James foi até uma calçada de madeira, colocado entre as dunas prateadas. A fúria do vento soprava, fazendo-a ofegar. Mas a experiência era fantástica. O mar, de um azul brilhante, jogava na areia a espuma das ondas. Gaivotas voavam em círculos, vasculhando a água à procura de alimento. O único ruído vinha do quebrar das ondas.

De cabeça baixa, James mantinha as mãos nos bolsos da calça marrom e parecia indiferente à presença de Laura. Por um momento ela se sentiu tentada a voltar para o carro e esperar, mas algum impulso inexplicável a prendia ali A areia entrava em seus sapatos, o vento transformava-lhe o coque em mechas soltas a redor da cabeça.

— Algum problema? — Ela perguntou.

Pergunta desnecessária. Aquela situação era um problema em si, e por culpa dela. Dela e de Bea. E nada havia que pudesse fazer senão manter as coisas como estavam embora se sentisse péssima.

Surpresa, ela sentiu que James tomava-lhe a mão e a levava, pela areia branca, ao topo de um monte e, em seguida, a um pequeno vale. O barulho do vento parou, como que por um passe de mágica, e Laura pode ouvir a respiração pesada de James, o bater forte de seu coração.

Projeto Revisoras

Alarmada, percebeu que ele lhe tomava o rosto entra as mãos.

— Você não pretende levar adiante esse casamento, não é mesmo? — Perguntou.

— Por favor, pare com isso! — Exclamou ela, em voz baixa e atormentada. — Não quero mais falar no assunto.

— Vai arruinar sua vida e a de Sam. — Não pode se casar com ele.

— Por que não?

— Porque, na verdade, quer ir para a cama comigo.

Ela engoliu em seco e o fitou com olhos arregalados.

— Não é verdade.

— Não? — Diga-me, Beatrice, que sente quando Sam a beija Beatrice.

Laura baixou a vista, pouco à vontade.

— Não é da sua conta.

James, porém, parecia pensar de maneira diferente. Num gesto impaciente, tirou o grampo que prendia os cabelos de Laura e viu-os cair-lhe pelos ombros. Então, levando os dedos às mechas em desalinho, forçou-lhe a cabeça para cima obrigando-a a encará-lo.

O rosto viril estava tão próximo que ela podia sentir o perfume da loção pós-barba.

Uma vulnerabilidade alarmante, ela admitiu quando se perguntou como se sentiria se levantasse a mão e lhe acariciasse o queixo.

— Quando meu sobrinho a beija faz com que seu coração acelere? — Perguntou James.

— Sente-se como se fosse morrer caso o perdesse?

— Um lugar repleto de gente é escuro e silencioso quando ele não esta? — O desejo que tem por Sam é mais urgente do que poderia imaginar? — Você o ama Bea?

Todos os eventos bizarros das últimas quarenta e oito horas pareceram sufocá-la. Que confusão terrível! Ela e Ray, Bea e Sam, James, o ensaio da cerimônia... Uma complicação e tanto.

E pensar que aquilo tudo começara com uma mentirinha insignificante...

Diga lhe a verdade! Exigia sua consciência. "Diga agora!"

Ela abriu a boca para falar, mas então lhe contemplou a fisionomia intensa e perdeu a coragem. Chegou a mover os lábios, fitando-o com um silencioso desejo de revelar a verdade e ser perdoada. Mas em seguida abaixou o olhar.

— Sim. — Respondeu. — Eu o amo.

— Mentirosa — ele sussurrou, e então a tomou nos braços. — Vejamos o que sente com um beijo de verdade.

Laura sentiu o peito apertado quando percebeu o que iria acontecer, mas então aconteceu e nada mais importou.

Laura nunca fora beijada daquela maneira. Esforçou-se para não corresponder, em vão.

Os músculos de James fortes a mantinham presa e apertavam-lhe o corpo. Ainda bem que as mãos poderosas, abertas, apoiavam-se em sua costa. Do contrário, Laura certamente teria caído, sentindo que uma vertigem a dominava. Uma vertigem que aumentou quando ela notou fogo de desejo nos olhos escuros... Nos lábios másculos, a tensão que o dominava por inteiro.

Quando a boca quente, exigente, cobriu a sua, esqueceu de todas as coisas, deixando-se engolfar por uma onda desconhecida de sensações.

O contato íntimo provocou dentro dela algo parecido com uma corrente elétrica. Cada célula parecia implorar por uma união completa, profunda, o abraço se intensificou, fazendo-a perceber quanto James estava excitado.

Em vez de sentir-se chocada ou ultrajada, Laura ficou exultante. Num repente, deu-se conta de que não tinha mais controle da própria vontade. De olhos fechados, permanecia junto a ele, deliciando-se com as emoções que aquele contato provocava.

James soltou um gemido quando Laura pressionou os seios contra o peito largo, e seus beijos tornaram-se ainda mais apaixonados. Ela não conseguia resistir. Com os braços em volta do

Projeto Revisoras

pescoço masculino, correspondia às carícias como se nada mais existisse, a não serem os dois, aquele momento, o mar, o vale, e o desejo urgente que um demonstrava pelo outro.

Somente quando ele afrouxou o abraço e levou a mão direita ao decote da blusa foi que Laura voltou a si. Seu toque era excitante, provocando o endurecimento dos mamilos enviando ondas de paixão para todo o seu corpo.

— Não! — Pediu segurando-o pelo pulso e afastando-lhe a mão. — Não faça isso!

Procurou focalizar os traços marcantes por entre a confusão de sentidos. Tinha consciência de que mais parecia uma visão, com o cabelo dançando ao vento, o rosto corado e a respiração ofegante. Como pudera permitir uma carícia tão íntima? Nem mesmo Ray a tocara assim.

Com James ousava comportar-se daquela maneira? Afinal, para todos os efeitos, ela era a futura esposa de Sam! Que tipo de sujeito era ele, para ignorar a lealdade e a decência em favor da paixão? Significaria que se apaixonara tão perdidamente por ela que seria capaz de arriscar tudo?

Laura gelou quando percebeu que James a soltara. Contemplava-a, um estranho sorriso nos lábios. Parecia satisfeito e irônico. Era como se ela tivesse lhe dado a evidência que comprovava sua teria.

Foi então que percebeu que os beijos, o abraço, o momento mágico nada tivera a ver com paixão. Muito ao contrário.

James fizera aquilo deliberadamente, para demonstrar-lhe que jamais poderia ser fiel a Sam.

Canalha!

— Acredito que agora sabe que não pode mais ficar aqui, não é mesmo? — Disse ele.

Afastou-se a deixando, sozinha deu-lhe as costas e começou a subir o monte.

James estava parado junto ao carro, os braços cruzados e a expressão dura, quando ela finalmente o alcançou. Todas as turbulentas emoções que a tinham dominado há pouco haviam se transformado num único sentimento: raiva.

— Você me beijou só para provar que não amo Sam o bastante para me casar com ele?

Ele deu de ombros. Seu rosto mais parecia uma máscara.

— Nem era preciso provar, não acha? — Respondeu de modo insultante. — No momento em que a vi, percebi que me queria não a Sam. — Beijá-la simplesmente confirmou isso.

— Francamente, acho desprezível casar com um homem a quem não ama só para ter segurança.

Laura apertou as mãos com tanta força que as unhas machucaram-lhe a pele.

— Mais desprezível do que seduzir a noiva de seu sobrinho?

— Não tive a intenção de seduzi-la.

— E mesmo? — O que estava fazendo, então? — Treinando para conquistar outra mulher?

— Não seja tola. — Claro que a desejo. — Você é sensual, e sabe disso. — Mas o fato de querê-la é tão sem sentido quanto seu desejo por mim. — Não passa de uma atração animal. — Eu nunca a levaria para a cama, Beatrice. — Quando cometer sua traição contra Sam, não haverá de ser comigo. — Outro homem terá essa honra.

O sarcasmo naquela voz fez Laura cerrar os dentes, furiosa. Sempre se julgara uma pessoa calma e sensível, mas naquele momento tinha uma vontade urgente de correr até James e estapear-lhe o rosto. Suas pernas tremiam tanto que ela temeu cair a qualquer momento.

— Eu o desprezo!

Ele sorriu.

— Então estamos empatados, porque também a desprezo, doçura. — E, dadas as circunstâncias, creio que será impossível você continuar como minha hóspede. — Deve partir, e quanto antes melhor. — Sugiro que fique num hotel em Hobart até a cerimônia... Se é que ainda terá coragem de levar esse plano adiante. — Naturalmente, pagarei sua conta.

Laura contemplava-o, ansiosa por revelar que não era a noiva, mas a necessidade de explicar a situação foi superada por uma sede enorme de vingança. James a desprezava, certo? Então, por que

Projeto Revisoras

tornar-lhe as coisas mais fáceis ao contar a verdade? Ele que continuasse enganado! Isso faria sentir-se um tolo quando finalmente a verdade viesse à tona.

E ela queria muito que James se julgasse um tolo. Queria que sofresse, assim como a fazia sofrer. Caso se sentisse um idiota, talvez não comparecesse à cerimônia. Desse modo, não teria o desprazer de revê-lo. De todo modo, ela não planejava ficar ali para ser humilhada mais uma vez.

— Vou voltar para Sidnei — anunciou.

— Boa idéia. — Vou alugar-lhe um carro. — Se sair daqui agora, chegará a Devenportart a tempo de tomar a balsa noturna. — Sabe dirigir, não sabe?

— Claro que sei.

A viagem à costa noroeste da ilha foi um pesadelo. No começo, Laura sentia apenas alívio por escapar daquela casa. Á medida que os quilômetros se sucediam, e ela se afastava mais e mais daquele lugar, ressentimento a dominava, jogando-a num inferno.

Mal notava os filhotes de carneiro, as flores cor-de-rosa, as folhas verdes às margens do rio ou os arbustos repletos de florações amarelas. Só conseguia ver o rosto duro e silencioso de James, e quase sentia a própria mão acertando-lhe a face.

Nem mesmo quando entrou na balsa, e os campos verdes foram substituídos pelo vasto estreito de Bass, ela foi capaz de sossegar. Passou a noite acordada numa cabine confortável, sentindo a vibração dos motores e desejando o pior para o tio de Sam.

Ao menos a longa viagem entre Melbourne e Sidnei teve um efeito quase terapêutico. As horas se passavam e ela mantinha a atenção na estrada, até que o cansaço foi substituindo a raiva. Ainda assim, havia momentos em que tinha vontade de gritar. Magoava-a á ironia de saber que, na única ocasião em que encontrara um homem capaz de despertar-lhe tantas emoções intensas, tivera que abrir mão dele. Era um tipo ao qual odiava.

Bem, teria que vê-lo mais uma vez, no casamento de Bea. Depois disso, porém, nunca mais poria os olhos nele. Poderia voltar à sua vida pacífica e saudável, à carreira.

Jamais haveria de envolver-se com o risco e a insegurança que um homem representava. Não, obrigada. Preferia dedicar-se ao trabalho, ao pequeno apartamento e às partidas de tênis com Ray.

Mas por que o trabalho, o esporte, a vida repentinamente lhe pareciam tão insípidos?

Eram quase onze horas da noite quando ela finalmente estacionou a porta do prédio em Rose Bay. Tudo o que queria era deitar e dormir. Infelizmente, porém, encontrou Bea sentada no sofá, comendo pipoca e assistindo ao vídeo.

Com um protesto, depositou a mala no chão, pegou o controle remoto, desligou o aparelho, apanhou a travessa de pipocas, levou-a para a cozinha e esvaziou-a no lixo. Depois voltou para a porta do apartamento e a manteve aberta.

— Caia fora antes que eu acabe com você! — Gritou, apontando para a escada.

Bea arregalou os olhos, incrédula.

— Ei, qual é o problema?

— O problema é que passei a vida toda procurando satisfazê-la, sua tola egoísta, e tudo o que você faz é sentar aqui e ver vídeos e encher o chão de minha casa de pipoca! — Saia! — E nunca mais me peça coisa alguma, entendeu?

Com uma expressão perplexa, Bea levantou-se e fechou a porta, recostando-se nela.

— Pobre Laura — murmurou com simpatia. — Foi tão ruim assim?

— Foi terrível.

— Conte-me — pediu Bea, batendo nos ombros da irmã, num gesto solidário.

— Não — respondeu Laura, afastando-se. — Não quero falar nisso. — O que está fazendo aqui, afinal? — Não tem um apartamento e um noivo? — Ou Sam a dispensou? — Eu não o culparia por isso.

Bea sorriu.

Projeto Revisoras

— Claro que ele não me dispensou. — Ouça querida, por que não tira os sapatos e deita um pouco no sofá? — Vou preparar-lhe uma xícara de chá e você me conta o que aconteceu na Tasmânia, certo?

Laura fitou a irmã, controlando a vontade de jogá-la porta e escada afora. Com expressão resignada, permitiu que Bea ficasse. Depois de duas aspirinas, um bule de chá, um cobertor sobre os pés e um travesseiro às costas, seu nervosismo diminuíra consideravelmente.

— Você é uma tola, Bea. — Como posso amá-la? — Conte-me o que aconteceu no tribunal.

— Recebeu a pena que merecia? — Noventa e nove anos de trabalhos forçados?

Os olhos da outra brilharam.

— Não. — Fui absolvida. — Sam me arrumou um ótimo advogado.

— Fico feliz em saber. — Então o que está fazendo aqui?

— Bem, ouvi dizer que você estava voltando e decidi esperá-la, para saber o que foi que aconteceu.

— Você ouviu dizer que eu estava voltando para casa? — Como assim?

— Sam ligou para James esta manhã, esperando falar com você, e tudo o que o tio disse foi que você voltara a Sidnei. — Parecia muito nervoso e desligou antes que pudéssemos perguntar outra coisa. — Eu e Sam voaremos para a Tasmânia amanha, então resolvi conversar com você hoje.

— Você disse... Voar? — Repetiu Laura, não acreditando.

— Exatamente. — A greve terminou. — Duraram apenas quarenta e oito horas.

— Quarenta e oito horas! — Tornou a repetir Laura. — Tempo suficiente para fazer minha vida ser destroçada.

— De que está falando.

— De nada — respondeu ela com tom ríspido.

Por mais que Bea fosse gentil e delicada, Laura não tinha a menor intenção de discutir com ela seus complicados sentimentos em redação a James.

Além disso, a irmã sempre á julgara calma e controlada, e era melhor que as coisas continuassem assim. Não seria capaz, de relatar a humilhação pela qual passara.

— Ouça — disse Bea. — Tenho uma idéia. — Por que não tira uns dias de folga e vai conosco para a Tasmânia?

Laura quase caiu do sofá.

— Para a Tasmânia? — Está maluca?

Bea lançou-lhe um sorriso culpado.

— Você me ajudaria a enfrentar o velho tio James. — Juntas, poderíamos contar-lhe como fomos malvadas com ele, por favor, vá comigo...

Pela primeira vez o charme irresistível da Bea não afetou Laura.

— Não. — Dessa vez você terá que se virar sozinha, e é melhor fazer isso logo. — Porque, se eu não estiver segura de que contou a verdade a James, e que lhe arrancou a promessa de ser educado comigo durante o casamento, eu com certeza não o assistirei.

Bea a fitou, horrorizada.

— Planeja não ir à cerimônia? — Mas querida, é minha dama de honra! — É minha irmã!

— Minha melhor amiga! — A única pessoa no mundo por quem me importo, alem de Sam!

— Claro que você irá.

Lágrimas rolaram dos olhos de Bea. Sua voz soava sincera sem o acento da menininha incompreendida. Por um momento, Laura hesitou, mas as lembranças daqueles dois dias fortaleceram sua decisão.

— Falo sério. — Ou você conserta as coisas com o tio de Sam, ou não irei ao casamento.

Os dias seguintes passaram em lenta agonia. O orgulho não permitiu que Laura telefonasse para a Tasmânia, embora ela sentisse certo desespero por não ter notícias da irmã.

Projeto Revisoras

Será que Bea fora capaz de resolver aquele impasse? James teria ficado furioso a ponto de boicotar o casamento? Desejava ardentemente que sim. Então, não teria que sofrer a humilhação de revê-lo na igreja e lembrar-se de que fora beijada apenas porque ele queria provar sua cínica teoria sobre as mulheres.

Laura o perdoaria se sentisse que o amor, ou uma atração incontrolável, tivesse guiado seus atos. Mas saber que fora simplesmente um joguete nas mãos daquele homem a enchia de humilhação e constrangimento.

Odiava-o. Não somente por tudo o que ele lhe fizera, mas por seu cego julgamento prévio sobre Bea. Seria um milagre se a hostilidade que James nutria pelas duas irmãs não atrapalhasse a cerimônia.

Á medida que o tempo passava, sem notícias, Laura começou a sentir dificuldade em conciliar o sono. Conclusão: não conseguia se concentrar no trabalho. Até mesmo Ray notou-lhe o ar abatido, embora tivesse julgado que isso se devia a alguma dúvida causada pelo pedido de casamento.

— Oh, querida — disse com indulgência, certa tarde. — Não fique assim. — Você precisa de tempo para se adaptar à idéia. — Afinal, uma vida a dois significa grandes mudanças, como vender seu apartamento, esse tipo de coisa. — Por que não tira umas férias?

Laura o fitou incrédula. Por que nunca percebera que ele era tão auto centrado? Ou os homens seriam pretensiosos a ponto de acreditar que uma proposta de casamento deles não podia ser recusada? O fato de ter recusado o pedido, não havia comprovado que ela era capaz de tomar uma decisão!... Sozinha. Em todo caso, ele acreditava que ela não podia, por isso precisava de ferias. Um tempo de descanso e tudo estaria resolvido.

—Hahe... Parece uma boa idéia, — ela respondeu. —Acho que vou pensar no assunto... É só por hoje?

Á noite, sentada na sala tranqüila, Laura preenchia os documentos que eles lhe pediriam. O pensamento no tão esperado telefonema de Bea chegou a assustá-la quando a campainha soou, ela pulou da cadeira e atendeu do imediato.

— Laura?

— Bea! — Porque demorou tanto a dar noticias? — O que aconteceu? — Já contou a verdade a James?

Houve um momento de silencio antes que a voz de veludo soasse do outro lado da linha:

— Sim, contei. — Mas ele esta louco da vida. — Não conseguiu ver o lado engraçado da história. — Foi por isso que não liguei antes. — Mas agora ele se acalmou um pouco e disse que... Irá tratá-la bem enquanto estiver aqui e que sentia muito pela maneira como se comportou em relação a você. — Assim, por favor, venha e seja minha dama de honra.

Laura mordeu o lábio, desconcertada. Não conseguiu conter um traço de satisfação ao saber que James sentia muito por tê-la perturbado. Aquele pedido de desculpas a surpreendeu. Mas, se ele podia ser gentil, ela também poderia. Talvez devesse lhe falar naquele momento, e acertar as coisas de maneira polida, cortês e civilizada.

Respirou fundo, endireitou os ombros e colocou os óculos, como se estivesse se preparando para lidar com um cliente difícil.

— Posso falar com ele?

— James não está em casa — disse Bea. — Para ser sincera, acho que anda me evitando.

— Mas tenho certeza de que em breve tudo se ajeitará. — Oh, querida, você virá para o casamento, não é mesmo?

— Está bem — respondeu Laura, com um suspiro. — Eu não gostaria mesmo de perdê-lo.

— Mas é melhor ficar fora do caminho de James tanto quanto possível.

— Para mim, seria ótimo que você se hospedasse num hotel. — Tornaria as coisas mais fáceis. — Depois eu conto por quê. — Que tal se chegasse aqui na sexta-feira à noite? — Eu a ia visitá-la, e assim você não seria obrigada a ver James até o dia do casamento. — Que acha?

— Combinado, então.

Projeto Revisoras

Dessa vez, as florestas da Tasmânia, vistas da janela do avião, pareceram deliciosamente familiares a Laura. E, enquanto ela dirigia do aeroporto para a costa oeste da ilha, admirava as praias brancas beijadas pelo mar cor de jade, os campos verdejantes, as casinhas de pedra e as estradas poeirentas que levavam às montanhas.

Somente no sábado de manhã, quando se vestia para o casamento, a dúvida a assaltou. E se James não mudasse suas atitudes? E se seu próprio antagonismo falasse mais alto? Seriam capazes de tratar-se de maneira civilizada? Ou ver-se-iam no olho de um furacão emocional? Fosse como fosse, tudo o que deveria fazer era concentrar-se em seu papel de ajudar a noiva.

Bea preferira passar a noite com a tia de Sam, para que ele não pudesse ver o vestido antes da cerimônia. Assim, Laura ainda não teria que confrontar-se com James. Dirigiu para a casa onde se hospedava a irmã, encontrando-a num verdadeiro caos.

A irmã de James, uma mulher de trinta e poucos anos, tinha o mesmo cabelo e os mesmos olhos escuros. Mas ao contrário dele, que irradiava determinação e energia, Wendy parecia dispersiva. Em sua casa de campo, espalhavam-se livros e roupas, pratos sujos, cães da raça Labrador e jovens.

Felizmente, ela e Bea pareciam boas amigas, o que Laura achou reconfortante. Era bom saber que a irmã poderia contar com alguém que a defendesse de James.

Enquanto a ajudava a colocar o vestido de seda, sentiu uma ponta de tristeza. Logo Bea pertenceria à família Fraser, e ela, por sua vez, iria se sentir mais sozinha do que nunca. Não ficaria triste. Não podia entristecer-se da boa estrela da irmã.

Quando o primeiro carro estacionou, pronto para levá-las à igreja, beijou Bea no rosto e apertou-lhe a mão.

— Boa sorte. — Creio que James estará aqui em cinco minutos. — Eu os verei na igreja.

— Até já, querida. — Boa sorte para você também.

Ao chegar ao templo, Laura sentia-se tão nervosa que parecia tratar-se de seu próprio casamento. Corou quando o reverendo a recebeu à entrada, o cenho franzido.

— Beatrice me contou tudo — disse num sussurro. — Vocês são meninas muito malvadas!

— Não vejo travessuras como essa desde que Sam e John Timmins beberam o vinho da comunhão, aos doze anos de idade. — Espero que as duas tenham se arrependido do que fizeram.

Laura mordeu o lábio, contendo a vergonha, e baixou a cabeça, em penitência. Bill Archer beliscou-lhe a face.

— Bom. — Agora, ao trabalho!

Ele se dirigiu à sacristia e Laura entrou no templo, que logo se encheu de convidados. A maioria, amigos de Sam. O fato de ela e Bea serem sozinhas no mundo fora decisiva para que a irmã tivesse resolvido casar-se num lugar tão importante para o noivo.

Laura sentiu um pouco de inveja ao ver a igrejinha lotada. Não que se arrependesse de sua condição de solteira. Mas havia momentos em que não conseguia...

Não completou o pensamento. O som de um carro chegando e estacionando em frente à igreja chamou-lhe a atenção. A noiva chegara. James também.

As palmas de suas mãos gelaram e seu coração começou a bater violentamente quando se aproximou do veículo para ajudar a irmã. Bea estava linda, radiante, mas o olhar de Laura fixava-se no homem alto, em pé, do outro lado do automóvel.

— Peter Clark! — Exclamou. — Mas... Onde está James?

— Sinto muito, Laura — disse Bea. — Não lhe contei que...

Bea não teve tempo de terminar a frase, porque naquele momento outro carro parou no pátio e um segundo homem saiu dele.

— Bom dia, — disse James, olhando para Laura. — Que esta acontecendo aqui? Por que está vestida como dama de honra?

Laura sentiu um aperto no peito ao dar-se conta da verdade, a irmã não contara nada a ele.

Projeto Revisoras

— Não sou Bea. — Meu nome é Laura — revelou e James a fitou como se ela tivesse perdido a razão.

— O que quer dizer? — O que está havendo?

Olhando com o canto do olho, Laura viu uma sombra branca, olhou a tempo de perceber que a irmã já se dirigia à igreja. Segurou-a pelo braço.

— Exatamente: o que está havendo?

— Sinto muito — balbuciou Bea, voltando-se para fitá-los, com um sorriso nervoso.

— Acho que me esqueci de lhe dizer, quando te liguei. — James viajou logo depois de sua visita e deixou um bilhete avisando que viria para o casamento.

— Como?

— Querida, eu não lhe contei porque temi que você decidisse não vir. — Mas, agora que estão os dois aqui, creio que é melhor fazer as apresentações. — Olá. — Meu nome é Bea, esta é Laura e você deve ser James. — Sou a noiva, ela é minha dama de honra e você ira me conduzir até o altar. — Agora podemos ir em frente?

Com uma expressão perplexa, James permitiu que Bea lhe tomasse o braço e o levasse até a entrada da igreja. Lá, ela parou e sorriu radiante, para o sacristão.

— Você não se importa, não é, Peter?

O homem, ainda mais atônito do que James, fez que não com um gesto de cabeça e entrou, reunindo-se aos outros convidados. Entre o choque, a incredulidade e a raiva pura e simples, Laura seguiu a irmã para o interior do templo. Mas, no momento em que os acordes da Marcha Nupcial ecoaram, sua atenção voltou-se para James, que lhe lançava olhares irados por sobre o ombro.

Ótimo! Ele que sofresse! Bem que merecia.

Mesmo assim, tinha vontade de torcer o pescoço da irmã. Fora até a Tasmânia acreditando que todos os maus entendidos haviam sido desfeitos. Porque ela se rendera a farsa. Em vez disso, provavelmente James iria causar uma cena diante de centenas de convidados, quando ele exigisse as inevitáveis explicações.

Estremeceu ao pensar nisso e voltou a prestar atenção na cerimônia. Sem saber direito como, conseguiu, mas sentia-se desorientada, como se participasse de um sonho. Ou pesadelo. Estava levemente consciente dos rostos sorridentes que se voltavam para vê-los, da expressão de felicidade de Sam, quando se aproximou para receber Bea, do olhar surpreso do reverendo ao ver James ao lado da noiva.

Por que Bea não lhe contara a verdade? Por que James partira tão logo ela se fora? E o que faria agora? Lançou-lhe outro olhar e percebeu que ele a observava. As palavras do vigário ecoaram em seus ouvidos.

—... O sagrado matrimônio... É uma instituição honrada... E deve ser respeitada. — Não foi feita para satisfazer... Aos desejos carnais dos homens... E sim para torná-los mais dignos...

As lembranças da praia deserta, dos beijos de James, fizeram com que corasse. E, pelo brilho que notou nos olhos escuros, percebeu que ele sabia exatamente em que pensava.

De repente a igreja tornou-se sufocante, com seu cheiro de flores e de velas. Laura queria sair correndo, subir as colinas e esconder-se. Mas, ao verificar como James encontrava-se tenso, viu que não havia escapatória.

Quando finalmente a cerimônia terminou e os recém-casados, extasiados, seguiram o reverendo até a sacristia, com os convidados mais atrás, Laura deu-se conta de que o ajuste de contas não tardaria. Viu que James permanecia em silêncio enquanto ela e John assinavam o registro do casamento.

— E agora, as fotos! — Gritou Bea, feliz.

— Vão ter que prosseguir sem mim e sem Laura — disse James, fitando-a. — Vamos sair por uns cinco minutos. — Quanto a vocês, fora!

— Meu caro amigo — começou o vigário — não deve haver violência no...

— Você me ouviu. — Fora!

Projeto Revisoras

Um burburinho curioso percorreu a igreja à medida que a procissão caminhava por entre os bancos de madeira, mas o ruído foi interrompido pelo estrondo da porta, fechada com força. James recostou-se na madeira sólida e ameaçou Laura com um longo, furioso olhar. Cada músculo de seu corpo parecia irradiar perigo. Havia algo alarmante no arfar de seu peito e uma tensão estranhamente predatória em seus ombros. Assemelhava-se a uma pantera preparando o ataque.

— Muito bem, o que está havendo? — Ele sussurrou. — Por que mentiu para mim?

— Foi só uma... Brincadeira inofensiva...

— Inofensiva? — Ele cruzou a sacristia com dois passos e prendeu-a contra a parede de pedra. — Chama de inofensivo o caos que você e sua irmã criaram na semana passada? — Por que fizeram aquilo? — Responda!

— Bea pediu-me que viesse e tomasse seu lugar para ver a casa em Hobart.

— Por quê?

— Bem, por que... Ela estava com problemas — respondeu Laura, deixando escapar um suspiro. — Teve que ir ao tribunal por causa de uma imprudência no trânsito e achou que você ficaria chocado se soubesse disso. — Também achou que se sentiria ofendido se ela não viesse para ver a casa, e então me pediu para... Fingir. — Não me senti à vontade, claro, mas me pareceu algo inocente. — Você não estaria aqui e eu jamais poderia imaginar que fosse conhecê-lo.

— Isso não justifica coisa alguma — ele resmungou. — Quando me conheceu, devia ter me contado a verdade. — Em vez disso, deixou que eu pensasse que era a noiva de meu sobrinho.

— Seu comportamento foi ultrajante!

A culpa que Laura sentia transformou-se em raiva.

— Mais ultrajante do que o seu? — Devo dizer que teve um modo muito interessante de dar as boas-vindas à noiva de seu sobrinho!

Ele corou ao ouvir essas palavras, e Laura teve a satisfação de perceber que o atingira. Mas, em vez de defender o próprio comportamento, ou se desculpar, James foi ao ataque mais uma vez:

— Por que não me disse a verdade?

— Porque Bea telefonou e pediu-me que não fizesse isso. — Prometi a ela.

Ele deu uma risada feroz.

— Ela soube escolher o momento, certo. — Esperou até o dia do casamento e me fez de palhaço. — Ou será que o plano na verdade foi seu?

— Claro que não. — Depois que voltei a Sidnei, fiz Bea prometer que lhe contaria tudo.

— Antes da cerimônia. — Ela me garantiu que havia feito exatamente isso, mas mentiu.

— Creio que perdeu a coragem.

— Talvez não. — Estive fora desde que você partiu. — Ela não teve chance de conversar comigo.

— Aonde você foi? — Ela quis saber.

A fisionomia inescrutável nada revelava.

— Até uma ilha onde crio carneiros. — Lá não existe telefone.

Laura permaneceu em silêncio por um momento, intrigada com aquela revelação. O que o levara à ilha? Embaraço? Sentimento de culpa em relação a Sam, por tentar seduzir-lhe a noiva? Ou simplesmente cultivara uma antipatia tão forte por ela que decidiu nunca mais vê-la?

— Por que você viajou? — Ela perguntou pensativa. — Foi simples rotina de trabalho ou...

— Descobri que não ficaria muito satisfeito ao vê-la casada com outro — ele respondeu, pegando-a de surpresa. — Mesmo que esse outro fosse meu sobrinho.

Laura ficou atônita. O que aquilo significaria? Que James Fraser nutria um sentimento verdadeiro por ela e não uma simples atração física?

— Então, por que voltou?

James deu de ombros.

— Por causa de meu senso do dever. — Não esqueça que sou o racional da família. — E não agi assim ao permitir que um desejo animal falasse mais alto do que a lealdade a meu sobrinho.

Projeto Revisoras

Desejo animal. As palavras atingiram-na como balas, ferindo-a no peito. Havia cinismo nos olhos escuros. Não, James Fraser não gostava nem um pouco dela.

— Fico feliz em saber que a lealdade a Sam acabou vencendo — disse ela, áspera. — Deve ter se sentido aliviado ao descobrir que eu não era a noiva.

Os olhos escuros brilharam perigosamente.

— É foi. — Fiquei satisfeito em saber quem você realmente é. — Bem, agora que esclarecemos tudo, creio que podemos nos reunir aos outros. — Talvez possamos tirar uma foto juntos, como lembrança dessa inesquecível ocasião.

Lhe tomado a mão como se ela fosse uma criança, ele abriu a porta e conduziu-a á saída da igreja. Lá fora, várias pessoas lançaram-lhes olhares curiosos e fizeram comentários à meia-voz.

Embora Laura quisesse que o chão se abrisse e a engolisse, estava determinada a não estragar a festa de Bea. Por isso, deu seu melhor sorriso aos fotógrafos.

— Você foi ótimo ao levar tudo na esportiva — disse a noiva, radiante, a James. Ficou na ponta dos pés e deu-lhe um beijo estalado no rosto. — Estou muito feliz por não haver ressentimentos.

James lançou-lhe um olhar gelado e Laura estremeceu. Não podia culpá-lo pela reação, mas não podia, igualmente, evitar a raiva que cresceu em seu peito pelo modo como ele tratava Bea.

Será que não percebia como ela era doce e afetuosa? Guardaria rancores?

A recepção aconteceu num hotel de pedra, na praia. Lá, uma mulher de cerca de cinqüenta anos aproximou-se de Laura, estendendo a mão enluvada e dizendo, numa voz alta e arrastada:

— Como vai? — Você deve ser Laura, acertei? — Sou Priscila, mãe de Sam. — Sinto não tê-la conhecido antes da cerimônia. — Bem, uma vez que você e Bea são órfãs, gostaria de convidá-la, e a James, para nos ajudar a receber os convidados. — Você ficará comigo à porta.

Com uma sensação sufocante, ela viu-se colocada junto a James, cuja expressão parecia divertida.

— O pai de Priscila é major do exército australiano — informou ele, sem se preocupar em baixar a voz.

Laura percebeu o olhar feroz da mulher mais velha e, desejando evitar rusgas familiares, murmurou alguma coisa inaudível. Afinal, um casamento era supostamente o dia mais feliz da vida de uma mulher, e ela não pretendia arruinar a alegria da irmã. Com a gelada polidez dos pais divorciados de Sam de um lado, e a guerra-fria que mantinha com James, não seria de estranhar que houvesse um massacre no fim do dia.

— Senhor e Sra. Evans! — anunciou o porteiro.

A fila de convidados começou a se mover para frente, e Laura forçou-se a sorrir. Sentia-se mergulhada num turbilhão de emoções.

Por um lado, estava tão comovida com a felicidade estampada no rosto dos noivos que tinha vontade de chorar. Por outro, experimentava uma sensação opressiva de solidão. Sabia que as coisas nunca mais seriam as mesmas entre as duas. Além do mais, era estranho pensar que Bea já estava casada, enquanto ela permanecia sozinha. Na verdade, o ensaio da cerimônia fora o mais próximo que chegara de um casamento. A não ser, claro, que aceitasse o pedido de Raymond. O pensamento a deprimiu tanto que a fez suspirar.

A mão de James apertou-se em seu braço.

— Tente aparentar alegria, por favor — ele sussurrou. — As pessoas irão pensar que você está num funeral, não num casamento.

A crítica a aborreceu. Mas precisava admitir que fosse merecida. Com um esforço determinado, pôs um sorriso no rosto quando o porteiro anunciou o casal seguinte.

— Capitão Charles Russell e senhora!

A maioria dos convidados era amigável, e por isso Laura não achou muito difícil mostrar-lhes simpatia. Falhou apenas uma vez, quando uma loira escultural de cerca de trinta anos, anunciada como Sue Rigby, aproximou-se de James com um brilho diferente no olhar.

Projeto Revisoras

Tinha um charme, uma postura, que faziam Laura sentir-se sem graça. Usava um vestido de seda verde-claro, com um casaquinho floral, complementados por um colar de pérolas e brincos de ouro. O cabelo, cortado de modo geométrico, ressaltava os traços perfeitos, os olhos verdes, os cílios longos e os dentes brancos.

Algo no modo como James sorriu para a moça provocou arrepios na pele de Laura.

— Onde está o Sr. Rigby? — Ela perguntou assim que Sue se afastou.

— Na Marinha — respondeu James.

Depois que todos entraram, a reunião tornou-se mais informal. Garçons de terno branco percorriam o salão, oferecendo champanhe e salgadinhos. Para alívio de Laura, James a deixou na primeira oportunidade e começou a caminhar pelo salão, conversando com os amigos. Ela percebeu que deveria fazer o mesmo, como única dama de honra, mas se sentia um peixe fora d'água.

Pegou uma taça de champanhe e sentou-se numa poltrona. Observou que James movia-se de grupo em grupo, conversando animadamente com todos. Bem, precisava reconhecer que ele era um homem educado e bem-relacionado.

De repente, sua atenção foi desviada por um movimento na poltrona ao lado. Virou-se a tempo de ver Wendy, tia de Sam, tirar os sapatos com uma expressão de alívio e sorver um gole de bebida.

— Bem, aí está você! — Disse ela, sorrindo para Laura. — Preciso cumprimentá-la. — E a primeira mulher, em quatorze anos, que consegue perturbar meu irmão. — Ele está furioso!

— Furioso? — Pois me parece bem calmo.

— É nessas horas que se torna mais perigoso. — Acredite, James gostaria de matá-la. — Na verdade, acho que jamais se esquecerá do que você e Bea fizeram.

— Oh, não. — Já me sinto culpada demais em relação a isso. — Foi uma coisa terrível.

— Bobagem! — Um pouco de raiva lhe fará bem. — James vem fazendo sofrer as mulheres há quatorze anos. — Deixemos que experimente a frustração, para variar.

Laura sentiu-se curiosa.

— O que quer dizer com "vem fazendo sofrer as mulheres"?

Wendy sentou-se mais confortavelmente, com expressão de quem vai começar uma grande fofoca. Inclinou-se para frente, com ar confidencial.

— A ex-mulher dele, Paula, tratou-o muito mal. — Depois disso, acho que meu irmão decidiu vingar-se em todas as mulheres.

— Vingar-se? — Por quê? — O que ele faz?

— Parece ter se especializado em provocar paixão nas mulheres para depois abandoná-las.

— Desde que ele se divorciou, muitas tentaram levá-lo ao casamento, mas ele resistiu. — É famoso por dar-lhes atenção até cansar-se delas. — Veja-o em ação com Sue Rigby.

Laura virou a cabeça no momento em que James pegava duas taças de champanhe, entregando uma a Sue com um gesto cuidadoso. Com os rostos muito próximos, os dois fizeram um brinde.

— Meu irmãozinho não é mesmo um canalha? — Continuou Wendy. — Sue sempre faz exatamente aquilo que quer. — Talvez dê uma lição em James. — Oh, com licença, acabei de ver um homem maravilhoso conversando com meu primo. — Vejo-a mais tarde.

Calçando os sapatos, Wendy levantou-se e afastou-se, esbanjando charme, enquanto Laura permanecia pensativa. James seria tão mau-caráter como a irmã sugerira? Não tinha como saber. Só sabia que sentia por ele uma profunda hostilidade. E que o sentimento era mútuo.

Durante o resto da festa, ela não viu motivos para mudar de opinião. James ignorava-lhe a presença, e, embora a tivesse tirado uma vez para dançar, certamente fizera isso por dever. Quando John Timmins propôs um brinde à dama de honra, James engasgou com o champanhe, como se estivesse bebendo algum remédio ruim.

Por tudo isso, Laura sentiu-se aliviada quando subiu a escada para ajudar Bea a trocar o vestido branco por um conjunto vermelho de lã.

Projeto Revisoras

— Fiquei tão feliz por tê-la aqui hoje! — Disse a noiva, dando um abraço apertado na irmã.

— Você fez tudo ficar perfeito, e sei que James irá tratá-la bem de agora em diante. — Por que não tira umas férias e fica aqui mais um pouco? — Tenho certeza de que ele terá prazer em mostrar-lhe a ilha.

— Não tenha tanta certeza assim — respondeu Laura, pensando no antagonismo que ambos sentiam.

Por isso, ficou muito surpresa quando James aproximou-se, depois que o carro de Sam e Bea desapareceu na distância, e convidou:

— Por que não fica em minha casa por alguns dias? — Acho que precisamos nos conhecer melhor.

Laura ficou tão perplexa que conseguiu apenas fitá-lo, mas nada percebeu na expressão inescrutável. Por que ele fizera o convite? Era um tratado de paz sincero ou... Alguma outra coisa?

Algo na maneira como James a contemplava fez com que ela sentisse um arrepio de apreensão. Não, a paz não estava na agenda daquele homem. Laura lembrou-se das palavras de Wendy, dizendo que ele se especializara em fazer com que as mulheres se apaixonassem para em seguida abandoná-las.

Era isso que pretendia com ela? Bem, se fosse, iria aprender uma lição. Laura não estava nem um pouco disposta a fazer parte de sua lista de conquistas.

— É muita gentileza de sua parte — disse ela, com um sorriso sem graça. — Mas receio que deva recusar. — Tenho outros planos.

Ele deu de ombros.

— Que pena. — Você e eu temos muito que conversar. — Tem certeza de que não mudará de idéia?

— Absoluta.

Um remorso absurdo a envolveu quando ele sorriu e se afastou, para conversar com alguém.

Com uma sensação de anticlímax, Laura despediu-se dos convidados que ainda se encontravam por ali, apertando mãos e desejando boa sorte. Ficou satisfeita quando Wendy também lhe sugeriu permanecer na ilha por alguns dias, mas, embora desolada, recusou o convite. Arriscar-se-ia a encontrar James caso se hospedasse na casa da irmã dele.

O desapontamento a acompanhou até o hotel colonial onde estava hospedada. No momento em que abriu a porta do quarto o sentimento se transformou em perplexidade. A proprietária arrumava a cama com lençóis limpos e sua bagagem havia simplesmente desaparecido. O que acontecera?

— O que a senhora está fazendo? — E onde estão minhas coisas?

— Oh, que susto você me deu! — Disse a mulher, levantando-se e colocando o travesseiro numa fronha cheirosa. — James Fraser esteve aqui minutos atrás e levou suas malas. — Disse que ficaria hospedada na casa dele. — Houve algum engano?

A raiva percorreu cada veia de Laura. Claro que havia um engano, e dos grandes. Abriu a boca para desabafar a indignarão, mas deteve-se. A proprietária do lugar a encarava com ávida curiosidade, e ocorreu-lhe que a mulher certamente já sabia que ela e Bea havia trocado de lugar no ensaio da cerimônia. A última coisa que desejava era dar corda aos boatos da cidadezinha. Por isso, com esforço, controlou-se.

— Não, não há — respondeu lentamente. — É que James agiu mais depressa do que imaginei.

— Não pensei que fosse para a casa dele hoje. — Bem, creio que a única coisa a fazer é pagar a conta e conversar com James sobre isso.

— Oh, não há nada a ser pago — disse a mulher, com ar maroto, ajeitando a colcha. — James já acertou tudo.

— Ah, sei. — Bem, obrigada. — Gostei de me hospedar aqui.

— Ótimo. — Venha nos visitar outras vezes.

— Talvez.

Projeto Revisoras

Laura sentia-se tão furiosa que acelerou o carro alugado pelas ruas do lugar, deixando uma nuvem de poeira por onde passava. Quando chegou à residência de James, marchou para a entrada e parou no hall, olhando em torno. Um som surdo levou-a até a sala de jantar, onde ele, ajoelhado, atiçava o fogo.

Ao vê-la, ergueu-se e sorriu. Um sorriso lento, travesso, cheio de triunfo e divertimento. Isso fez o sangue de Laura ferver.

— Qual é o jogo dessa vez? — Ela disparou, enraivecida.

— Eu poderia perguntar o mesmo — ele replicou preguiçosamente. — Acho que ainda não acertamos as nossas contas, não é mesmo? — Quero conversar com você.

— Foi por isso que furtou minha bagagem e pagou minhas despesas sem falar comigo? — Eu poderia processá-lo por isso.

— Poderia? — Acaso é crime pagar a conta de alguém?

— Se não for crime, deveria ser! — Pode me dizer quanto lhe devo e devolver minhas malas?

— Preciso partir.

O sorriso de James alargou-se.

— Não.

— Como assim, não?

— Simplesmente não. — Quero que fique e tome chá comigo. — Assim, poderemos ter uma conversinha. — Indicou a mesa, arrumada com fina porcelana e uma bandeja com bolos e biscoitos.

— Viu? — Já está tudo pronto.

— Não quero chá! — Protestou ela, embora, na verdade, estivesse louca por uma xícara.

— Quero minha bagagem, para poder voltar ao lugar onde estava antes que você interferisse!

— Oh, sinto muito, mas será impossível — respondeu James, balançando a cabeça como se realmente estivesse penalizado. — O quarto foi alugado para outra pessoa.

— Como sabe?

— Bem, meu primo Bill Evans e esposa preferiram passar a noite na cidade a voltar para casa a essa hora. — Você sabe, todos os hotéis estão lotados por causa do casamento. — Parece que, assim, só lhe resta permanecer aqui. — Ou, claro, enfrentar uma longa viagem até Hobart. — Com sua roupa de dama de honra, e sem sua bagagem.

Laura o fitou, horrorizada.

— Está se recusando a devolver minhas coisas?

James permaneceu em silencio, mas suas sobrancelhas elevaram-se ironicamente enquanto um sorriso cínico tomava seus lábios. Inclinou levemente a cabeça, em sinal de assentimento.

— Exatamente.

— Não pode fazer isso!

— Não mesmo?

A voz zombeteira foi á gota d'água. Laura perdeu a paciência. Com um gemido de raiva, ela atravessou a sala, contornada de obstáculos. Chutou o atiçador da lareira longe, atirou o jornal do sábado para fora do sofá e então afundou numa poltrona, furiosa.

— Isso é absolutamente injusto! — Gritou. — Primeiro, minha irmã me coloca nessa maldita confusão. — Depois, me vejo à mercê de um lunático que furta minha bagagem e me obriga a ficar aqui. — Bem, não vou ficar, ouviu bem? — Não mesmo!

Abriu os braços com impetuosidade e bateu num abajur, que caiu na mesa de refeições com um barulho alto. James aproximou-se e arrumou a peça, colocando-a no lugar.

— Engraçado... Sam me disse que você era a pessoa calma e de bom senso da família...

— Oh, fique quieto!

Ajoelhando-se, ele começou a pegar uma travessa cheia de docinhos que voara longe quando o abajur atingira a mesa.

— Ainda não consigo acreditar que uma mulher madura como você pôde deixar-se envolver por uma farsa ridícula como aquela — ele comentou.

Projeto Revisoras

— Acha que a idéia foi minha?

— Bem, você não procurou dissuadir sua irmã, procurou?

— Seria o mesmo que tentar deter um vulcão em plena erupção! — Bea é incontrolável, sempre foi. — Passei dezoito anos tratando de mantê-la longe de desastres e falhei na maioria das vezes.

Ele parou o que fazia e a fitou, pensativo. Estava a alguns centímetros de Laura, que julgou aquele olhar enervante. Mais enervante ainda, porém, era a reação de seu corpo. Bastaria que James estendesse o braço e a alcançasse para que ela lhe permitisse fazer o que bem entendesse. O pensamento tornou-a apreensiva.

— Você deve ter tido uma vida difícil — comentou-o.

— Não muito. — Muita gente passa por coisa pior.

— Conte-me. — Vocês ficaram órfãs muito cedo, não foi?

— Quase. — Meus pais se separaram quando eu tinha oito anos. — A última notícia que tive de papai foi que estava no oeste da Austrália. — Mamãe teve câncer e ela faleceu três anos depois.

— Não havia outros parentes além de Bea e de mim... — Interrompeu-se e o fitou. — Não sei por que estou lhe dizendo essas coisas.

— Talvez porque nunca tenha tido alguém a quem contar. — Admito que Beatrice tenha charme, mas parece uma menina egoísta. — Você deve ter se sacrificado muito por ela.

Por algum motivo, saber que James se preocupava com ela fez com que um nó se formasse em sua garganta. Ninguém, até aquele momento, entendera ou se importara com o que fizera pela irmã. Ninguém sequer a notava, quando estava ao lado de Bea.

— Fiz tudo de boa vontade — respondeu com voz rouca. — Beatrice era tão pequena quando mamãe...

A voz falhou e Laura não foi capaz de prosseguir. Terrificada, notou que lágrimas lhe assomavam aos olhos. Mordeu os lábios e tratou de contê-las. Tudo bem que James a atacasse ou humilhasse. Sabia lidar com aquilo, responder à altura. Mas aquela solidariedade inexplicável a perturbava.

Um soluço lhe escapou, e para seu assombro as mãos enormes e poderosas de James cobriram as suas. Em silêncio, ele se levantou, fez com que Laura se erguesse e a envolveu no abraço mais reconfortante que ela experimentara. Era como se uma força primitiva a mantivesse em segurança.

Nunca se sentira tão protegida.

Suspirou, deliciada com o calor do toque, as lentas e regulares batidas do coração masculino, o peito poderoso. Suas almas pareciam completar-se.

Esse era o mesmo homem a quem ela odiava? A quem desprezava, julgando egoísta e arrogante? Então, como ele se encontrava ali, abraçando-a, protegendo-a, como se fosse seu eixo, um ponto de referência num mundo louco e incerto? Como conseguia ser tão gentil? Será que o julgara mal?

"Eu poderia me apaixonar", pensou alarmada com a descoberta.

Abriu os olhos e o encarou, buscando algum sinal que indicasse estar James tão perturbado quanto ela. Mas o rosto viril nada demonstrava. Nos olhos havia o brilho de uma emoção, mas Laura não distinguiu qual. Talvez fosse simples desejo físico. Algo na tensão daqueles músculos, nas linhas da boca, no ritmo da respiração mostrava que aquele homem a queria. Haveria alguma coisa, além disso? Um envolvimento emocional? Ela não tinha certeza.

Envergonhada, procurou em vão nos bolsos por um lenço. Então sentiu que James lhe entregava um.

— Sinto muito — disse. — Acho que foi a cerimônia. — Sempre choro em casamentos.

— Compreendo — respondeu ele, colocando a mão pesada no ombro de Laura e conduzindo-a até a mesa. Fez com que se sentasse a ajeitou-se na cadeira ao lado. — Você vai tomar um pouco de chá e depois irá me contar sua história, está bem?

Projeto Revisoras

Laura pensara que não estava com fome, mas, quando James voltou da cozinha com o chá, descobriu que se enganara. Os pãezinhos de milho, os sanduíches de salmão defumado e o bolo de limão pareciam tentadores.

Ele aguardou que Laura esvaziasse o prato e tomasse três xícaras de chá antes de tornar a falar. As coisas pareciam ter mudado entre ambos durante o longo silêncio. Ela estava consciente do olhar que a despia como se tentasse enxergar o que se passava em seu coração. A expressão de James, embora de compaixão, era determinada, e Laura percebeu que ele não desistiria enquanto não soubesse tudo a seu respeito.

— Já falou com alguém a respeito da morte de sua mãe? — Perguntou ele finalmente.

— Não. — Tive receio de desmontar, caso o fizesse. — E nunca quis preocupar Bea. — Os outros jamais se importaram com isso.

— Eu me importo. — Conte-me.

Uma pontada de amargura passou pelo rosto delicado, e ela mordeu o lábio. Tanto tempo já se passara, e mesmo assim o assunto ainda a fazia sofrer.

— Vou começar a chorar de novo se contar.

— Não importa. — Acho que você precisa falar sobre isso.

Ela baixou o olhar e começou a brincar com a saia do vestido.

— Quando mamãe morreu, senti o óbvio. — Fiquei triste, deprimida, com saudade. — Ás vezes eu tive raiva dela, por haver me deixado sozinha. — Não achei que fosse capaz de dar conta das coisas de que devia cuidar.

— Fale-me sobre isso — ele pediu. — Lembro-me de ter feito perguntas sobre sua vida na primeira vez que esteve aqui. — Mas não sei se as respostas foram mesmo suas... Ou de Bea. — É de Laura que quero saber.

— Laura! — Ela exclamou, com uma risada áspera. — A velha e chata Laura. — Não há assunto pior para uma conversa. — Vivi em lares de adoção até completar dezoito anos. — Fui para a universidade e me formei contadora. — Arrumei trabalho e persuadi o pessoal do serviço social de que poderia cuidar de Bea. — Desde então minha vida tem se resumido a isso: ao trabalho e à minha irmã.

— Não fale de si mesma nesse tom desdenhoso. — Deve ter orgulho de tudo o que fez.

— Demonstrou muita coragem.

Ela deu de ombros.

— Acha mesmo? — Comentou com voz neutra, embora, por dentro, exultasse com a admiração que ele lhe dedicava.

— Acho — ele respondeu, levantando-se e caminhando até a janela. — Mais do que isso, acredito que você merece um longo descanso depois de tantos esforços. — Sua teimosa irmã e meu obstinado sobrinho insistiram em casar-se, a despeito de todos os alertas que fizemos. — Bem, creio que agora os dois devem provar que são adultos e arcar com suas responsabilidades. — O que significa que você está livre. — Precisa parar de viver em função de Bea e começar a tocar sua própria vida.

Ele estava certo, mas isso era algo que Laura evitara enfrentar até aquele momento. Fez um pequeno movimento com as mãos, como se James nada tivesse dito de importante. Mas havia uma urgência na voz e nos olhos dele que exigiam uma resposta. Uma insistência para que ela encarasse o fato de que precisava posicionar-se na vida.

— Acho que sim — Laura admitiu finalmente. — Em sua opinião, que devo fazer primeiro?

— Roubar um banco? — Dançar o cancã na ponte de Sidnei? — Praticar esqui-aquático sem proteção? — Você, que sabe tantas coisas, por que não me diz o que fazer?

Ele se virou e a fitou com surpresa. Surpresa e alguma coisa mais. Algo que fez um arrepio percorrer o corpo de Laura.

— Creio que deve escolher atividades mais emocionantes — foi á resposta suave. — Na verdade, seria ideal se passasse algumas semanas comigo.

Projeto Revisoras

"Ainda bem que Bea não está aqui", pensou Laura ao acordar, na manhã seguinte. "Ela morreria de rir se me visse agora. Perceberia de imediato que minhas resistências a James estão caindo. Bem, sorte que ninguém vai descobrir ou se importar, e posso esconder isso dele. Não quero mais cenas embaraçosas. A verdade já veio à tona, e, se James comportou-se horrivelmente comigo no casamento, ontem à noite foi muito gentil. Tão calmo e seguro... Senti-me tão bem a seu lado..."

Ela deixou que os pensamentos vagassem é quase caiu no sono de novo. Mas então viu a imagem de Wendy, dizendo que James era mais perigoso quando se mostrava calmo. Ergueu-se na cama, assustada.

— Oh, dane-se! — Exclamou, afastando as cobertas e dirigindo-se ao espelho que ficava sobre a cômoda. — Se ele for mesmo perigoso, eu não me importo! — Estou cansada de ser comedida e responsável. — Talvez seja á hora de correr, alguns riscos!

A mudança no comportamento de James, na noite anterior, havia-lhe despertado uma ousadia desconhecida. Sua expressão, no espelho, revelava-se tão impetuosa que a deixou alarmada.

Examinou-se criticamente. Estaria passando por uma transformação completa de personalidade? Será que o casamento de Bea lhe despertara uma espécie de "crise de meia-idade", que ocorre quando os filhos crescem e deixam a casa dos pais?

— Bem, se for mesmo isso, vou tratar de aproveitá-la — anunciou desafiadora, fazendo uma pose sensual. Então o velho bom senso a atingiu como um balde de água fria. — A quem estou tentando enganar? — Nada tão dramático vai acontecer. — Eu simplesmente passarei férias com James. — Férias amistosas e agradáveis.

Mesmo assim, ela mal pôde conter o excitamento quando o encontrou no café da manhã.

James usava jeans e uma camisa azul meio aberta no peito, que lhe revelava parte dos músculos fortes.

— Gostaria de fazer algo em especial? — Ele perguntou.

Laura deu de ombros.

— Não sei nem por onde começar. — O que você sugere?

— Sabe cavalgar? — Preciso ir verificar os carneiros que deixei presos no pé da montanha.

— Depois disso podemos andar a cavalo na praia.

— Eu adoraria. — Mas nunca sentei sobre uma sela em toda a minha vida.

— Então é hora de começar. — Tenho uma égua muito mansa, ótima para iniciantes. — E quanto às roupas? — Trouxe calça jeans e camiseta?

— Sim. — Mas esse é outro ponto do qual preciso cuidar. — Trouxe peças apenas para dois ou três dias. — Não sei se...

— Isso é fácil de remediar. — Vou levá-la para fazer compras em Hobart amanhã.

— Mas não posso gastar...

— Não terá despesas. — Um velho costume da Tasmânia manda o tio do noivo comprar roupas para a dama de honra logo depois do casamento.

Laura sorriu.

— Mentiroso.

— Cuidaremos disso amanhã. — Agora, troque-se e vamos cavalgar.

O dia estava glorioso, frio, mas ensolarado. Quando Laura chegou ao estábulo, encontrou James selando os animais.

— Venha, vou lhe mostrar como se monta.

Estavam tão próximos que ela podia sentir o roçar dos braços masculinos nos seus. Quando ele a ergueu, colocou-a na sela e ajustaram os arreios, Laura sentiu pânico. Mas ela acalmou-se quando a égua, com passos tranqüilos, seguiu o cavalo estábulo afora. Logo estavam descendo a montanha. Pararam mais embaixo, onde, num cercado, havia cerca de quarenta carneiros.

— Espere um momento. — Vou ver se está tudo bem. — Em seguida iremos à praia.

Os movimentos do animal já se tornavam mais familiares, e por isso Laura relaxou um pouco.

Levantou a cabeça e apreciou a paisagem.

Projeto Revisoras

James voltou em seguida. Atravessaram então uma trilha estreita, de onde se podia ver o mar.

O aroma dos eucaliptos enchia o ar. Ela sentiu que as tensões de sua velha vida atribulada desapareciam.

— É tão diferente de Sidnei! — Exclamou, maravilhada. — Apesar das praias belíssimas, o barulho do tráfego e a poluição às vezes se tornam intoleráveis.

James a olhou por cima do ombro e sorriu.

— Fico feliz por você gostar daqui. — Algumas mulheres odeiam este lugar.

Havia um toque de amargura em sua voz, e Laura se perguntou se ele se referia à ex-esposa.

Por que ela o deixara? Wendy dissera algo sobre o assunto, isentando James de culpa. Contara que Paula o tratara muito mal. Por quê? Como? Laura sentiu uma necessidade extrema de saber, de fazer perguntas, mas tinha a impressão de que, se o fizesse, receberia apenas respostas irônicas.

Balançando a cabeça, como para afastar os pensamentos, concentrou a atenção nos arredores.

O melhor a fazer era aproveitar o passeio e esquecer tudo o mais.

— Ali está a praia — disse James, indicando o ponto onde a trilha terminava. — Pode ouvir o barulho das ondas?

— Sim, posso.

— Vamos até a beira do mar, onde a areia é mais firme. — Lá, você pode tentar trotar.

— Não se preocupe, é um pouco desagradável na primeira vez.

"Mas eu conseguirei", pensou Laura.

Na verdade, sentia-se disposta a conquistar o mundo. Ouviu com certa impaciência as instruções de James.

— Deixe-se levar pelos movimentos do animal. — Para tornar as coisas mais fáceis, levante-se um pouco no estribo. — Veja como eu faço.

Ele bateu com os pés nos flancos de cavalo e Laura o seguiu. Andaram juntos por um bom tempo, até que a égua começou a trotar. Ela sentiu-se jogada para cima e para baixo, perdeu o pé do estribo e, ao tentar recolocá-lo, perdeu também as rédeas.

— Pare, por favor! — Pediu, olhando para a areia e imaginando se um tombo a machucaria muito. — Pare égua malvada!

Um momento depois James estava á seu lado, para ajudá-la. Com alguns movimentos firmes, fez o animal parar, pegou as rédeas e as devolveu a Laura. Recolocou-lhe o pé no estribo. Havia um brilho divertido em seu olhar.

— Sou um caso sem esperança, não é mesmo? — Ela perguntou, embaraçada.

Por um instante as mãos de James permaneceram apoiadas nos quadris femininos. Depois ele se aprumou na sela e lançou-lhe um olhar que a fez corar.

— Eu diria que é uma aluna pouco aplicada. — Mas tem salvação.

Nos trinta minutos seguintes, Laura experimentou diversas emoções: frustração, alegria, terror, coragem. Obteve sucesso algumas vezes, mas falhou em outras. De todo modo, acostumou-se ao trote do animal.

— Ótimo — disse James, por fim. — Acho que você merece uma xícara de café.

— Temos que parar? — Logo agora, que peguei o jeito? — Não quero voltar para casa ainda.

— Se você não parar neste minuto, não vai conseguir andar amanhã — ele alertou. — Mas não precisamos ir para casa. — Há uma cabana mais adiante. — Posso fazer fogo e preparar café.

Pegaram uma estradinha de terra que levava a um promontório. Os pinheiros altos formavam uma espécie de teto, dando sombra ao caminho.

— Que árvores lindas! — A comentou. — Parecem estar aqui há mais de um século!

— E estão. — Meus antepassados as plantaram em 1837.

— Quer dizer que sua ligação com esta terra data de tanto tempo? — Que privilégio.

— Também acho. — Mas há ocasiões em que isso é um fardo.

James não explicou o que quis dizer com aquilo, e Laura não perguntou. No entanto, novamente teve a pouco confortável suspeita de que ele falava sobre a ex-esposa.

Projeto Revisoras

A estrada terminou num semicírculo, em frente a uma cabana. Laura a contemplou, extasiada.

— É maravilhosa. — Também foi construída em 1837?

— A construção original foi, mas já passou por tantas reformas... Costumamos fazer churrascos aqui, no verão. — Há muita lenha e uma nascente.

Fez um gesto na direção de um grupo de árvores atrás da cabana, e Laura viu um fio de água correndo por entre as pedras. James apeou e ela o seguiu, mas, no momento em que colocou os pés no chão, sentiu as pernas bambas.

— Uau! — Parece que minhas pernas viraram borracha!

— Quer que eu a carregue? — Ele se ofereceu, dando-lhe um sorriso cheio de significados.

Ela queria? Em seu mundo de fantasias, a oferta teria sido irrecusável. Mas a realidade era que estava sozinha com aquele homem, e isso a perturbava demais. Não podia perder a cabeça.

— Não, obrigada. — É só falta de prática. — Há algum lugar tranqüilo onde eu possa me deitar e descansar?

— Tente os bancos da mesa de piquenique, perto da churrasqueira. — Vou amarrar os cavalos, fazer uma fogueira e preparar o café. — Talvez isso a reanime.

Laura sentia os ossos e os músculos doloridos, mas era delicioso sentar-se ali, junto à mesa de madeira, e observar James trabalhar. Primeiro, ele juntou gravetos e pegou algumas folhas de jornal na cabana, com os quais montou uma pirâmide. Ateou fogo e, quando as chamas começaram a subir, colocou pedaços de madeira seca, que estavam no depósito da churrasqueira.

Então apanhou uma velha chaleira de ferro, encheu-a de água e depositou-a na grelha. Por fim, tirou dos alforjes um bule de café e uma garrafa de leite.

— Você é muito eficiente — comentou Laura, admirada.

— Minha mãe me ensinou essas coisas muito cedo.

— Ela ainda vive?

— Sim.

— Não a vi no casamento.

— Ela não veio. — Adrian, o pai de Sam, é meu meio-irmão, filho do primeiro casamento de meu pai. — Quando ele morreu, mamãe mudou-se para os Estados Unidos, sua terra natal.

— Atualmente, não sai muito da Pensilvânia.

Laura sorriu.

— Como ela conheceu seu pai?

— Aconteceu há trinta e oito anos. — Conheceram-se num cruzeiro pelo Caribe. — Só Deus sabe o que ela viu em meu pai. — Ele era vinte anos, mais velho que ela, um viúvo com um filho para criar.

— Mesmo assim, admito que tenha lá seu charme.

— Parece que você não gostava muito dele...

— Digamos que não nos entendíamos muito bem.

— Por quê?

— Ele sempre gostou de controlar tudo e era terrivelmente crítico. — Wendy simplesmente virava-lhe o rosto, mas eu procurava agradá-lo. — Então, aos dezenove anos, tive uma briga feia com ele.

— Qual o motivo?

— Opiniões divergentes sobre como eu devia conduzir minha vida. — Papai queria que eu estudasse administração em Harvard, e eu não pretendia ir. — E não fui. — Saí de casa e virei tarefeiro num barco.

— Nunca mais fizeram as pazes?

— Sim, depois de algum tempo. — Tanto que voltei para a Tasmânia e comecei a cuidar dos negócios da família quando ele ficou doente.

— Quer dizer que já morou fora daqui? — Ela perguntou surpresa.

— Na Califórnia. — Fundei uma companhia de transportes lá e me dei bem.

Projeto Revisoras

Ele se virou para cuidar do café e a conversa ficou no ar.

Mais tarde, enquanto tomava o café, Laura voltou ao assunto:

— Ficou triste ao deixar a Califórnia?

James suspirou.

— Sim e não. — Eu gostava da agitação, da sensação de poder vinda do sucesso, mas outros aspectos daquela vida me aborreciam. — No final, tive de escolher o que achava mais importante.

— Papai não podia cuidar dos negócios, por causa da doença, e mamãe não sabia como fazê-lo. — Ele ameaçou vender a propriedade caso eu não a assumisse. — Voltei para casa imaginando que a enfermidade o tivesse transformado e que ele me trataria como o amado filho perdido.

— E tratou?

James deu uma risada áspera.

— Claro que não. — Continuava o mesmo. — Criticou tudo o que fiz. — Fiquei tão decepcionado que tive vontade de quebrar-lhe a cara. — Para não fazer isso, saí para cavalgar.

— Foi um erro.

— Por quê?

— Porque quando vi esses pinheiros e a cabana, soube que não poderia mais ir embora. — Eu pertencia a este lugar.

Ela assentiu pensativa. Se o conhecesse há mais tempo, teria segurado sua mão.

— Voltou para a Califórnia em alguma ocasião?

— Duas a três vezes por ano. — Ainda tenho negócios lá. — Também viajo regularmente para a Europa e para o sul da Ásia, mas meu lar é aqui.

— Seu pai ficou grato quando você abandonou tudo e decidiu permanecer na Tasmânia?

— Se ficou, não demonstrou. — Até o dia de sua morte censurou tudo o que fiz. — O engraçado foi que deixou seus bens sob minha responsabilidade, o que significou muito para mim.

— Não por causa do dinheiro, que eu já tinha, mas pelo que isso simbolizou. — Era como se ele estivesse me dizendo que confiava em mim.

— É uma história triste.

— Não, não é. — É muito comum. — As pessoas escolhem o que desejam fazer e arcam com as conseqüências. — Foi o que fiz, e não me queixo. — Agora vamos, é hora de voltar para casa.

Dez minutos depois cavalgavam pela praia. Foi quando Laura notou que outro animal vinha ao encontro deles. Ao chegar mais perto, percebeu que a amazona usava roupa de montaria, botas engraxadas, paletó típico e um boné de veludo. Sentada com graça na sela, levantou o chicote num cumprimento.

— Olá, James! — Tenho algo muito importante para conversar com você! — Gritou.

Os traços viris formaram uma expressão de interesse e satisfação. Ele esporeou o cavalo, aproximando da recém-chegada.

— Estou às ordens, Sue.

CAPÍTULO V

Sue deixou seu cavalo marrom caminhar um pouco na espuma antes de responder. Laura teve a impressão de que ela só fizera isso para mostrar as longas pernas, realçadas pela roupa justa. Todo o seu bom humor desapareceu quando viu a moça inclinar-se e falar confidencialmente a James, esquecida da presença de Laura:

— Consegui uma cópia do projeto do centro de compras. — É tão terrível quanto pensávamos. — Pretendem instalá-lo no meio da vila e para isso vão demolir quatro casas antigas e

Projeto Revisoras

belas. — Mas não é tudo. — A avenida, repleta de árvores com mais de cento e cinqüenta anos, terá que desaparecer.

James incluiu Laura na conversa, lançando-lhe um olhar de desculpas.

— Você se lembra de Sue, não é? — Ela estava no casamento. — Vem liderando uma campanha contra o vandalismo arquitetônico da cidade. — Uma empresa de desenvolvimento quer construir um centro de compras, e, se isso for permitido, uma área histórica vai sumir. — Não que eu seja contra o progresso, mas este é um modo errado de conquistá-lo. — Posso ver o projeto, Sue?

— Claro. — Quanto mais cedo, melhor.

— Podemos ir agora, se você não se importar. — Deixaremos os cavalos no pasto dos fundos de sua casa. — Laura descansará um pouco enquanto discutimos isso.

Os olhos verdes de Sue estreitaram-se.

— Não acho que Laura gostará disso — disse ela, com uma suavidade forçada. — É apenas um assunto regional, não é mesmo? — Por que você não vem à noite, querido, e então conversamos melhor? — Tenho certeza de que sua hóspede não se importará em ficar em sua casa, assistindo a um vídeo ou coisa assim.

— Bem... — começou Laura.

— É melhor ir agora — interrompeu-a James. — Pretendo ver meus advogados em Hobart amanhã, e não adiantará nada fazer isso sem ver o projeto. — Além disso, sei que Laura gostaria de conhecer sua casa.

Sue forçou um sorriso.

— Está bem — concordou, sem graça.

A antiga casa de pedras ficava numa rua calma, perto de onde pretendiam erguer o centro de compras. No enorme terreno gramado havia um estábulo. Amarraram lá os cavalos e Sue os conduziu a uma cozinha com móveis de pinho, banhada pela luz do sol, que entrava pelas janelas altas. Indicando uma mesa, ela ligou uma cafeteira elétrica e pegou um pote de latão.

— Vocês tomam café, não é mesmo? — Perguntou.

— Acabei de beber, mas fico satisfeito com outra xícara — respondeu James. — E você, Laura?

— Quero sim, obrigada.

— Oh, querido! — Exclamou Sue, abrindo a lata e fazendo uma expressão de surpresa.

— Sabe o que tenho aqui? — Aqueles waffles de amendoim de que você tanto gosta!

— Experimente Laura. — São deliciosos, apesar de muito calóricos. — Felizmente, não tenho que me preocupar com o peso. — Sou naturalmente magra.

A frase foi acompanhada de um olhar crítico para a silhueta de Laura, que não pensou duas vezes antes de responder:

— É engraçado como o conceito de beleza muda, não é mesmo? — Durante a maior parte da historia do mundo, mulheres magras eram consideradas deselegantes e nada atraentes. — Na verdade, acredito que a maioria dos homens no fundo ainda tem essa opinião.

A mulher deu uma risada forçada, mas a tensão que se instalou no ambiente tornou-se opressiva.

James tossiu, diplomaticamente.

— E os projetos? — Perguntou.

— Oh, claro — respondeu Sue, lançando um olhar venenoso a Laura. — Deixei-os no quarto.

— Vou buscá-los. — Voltou um momento depois, com uma pasta numa das mãos e uma camiseta azul na outra. — Querido, isto é seu?

James olhou para a camiseta e riu.

— Sim, acho que sim. — Obrigado. — Devo ter deixado aqui na última vez que a visitei.

— Você deve prestar mais atenção em onde põe suas roupas, meu caro — murmurou Sue com voz pastosa.

James abriu a boca para responder, mas em seguida pensou melhor e decidiu ficar quieto.

Projeto Revisoras

Abriu o projeto sobre a mesa e começou a analisá-lo.

Laura os observava com ressentimento. Parecia que a velha hostilidade contra aquele homem voltava. Odiava a maneira como Sue se insinuava, odiava o fato de James estudar os papéis com total absorção, como se nada errado estivesse acontecendo. Mas, acima de tudo, odiava a si mesma, por se aborrecer com esse tipo de coisa.

Quando o café ficou pronto, James e Sue iniciaram uma complicada discussão sobre o centro de compras. Laura sentia-se invisível, inaudível e desimportante. Permaneceu em silêncio até que ele a fitou e sorriu.

— Sinto muito. — Não temos educação. — Vamos falar de outra coisa. — Já lhe contei que Sam telefonou ontem à noite para dizer que haviam chegado bem a Cingapura? — Seguem para a Europa na semana que vem.

— É mesmo? — Respondeu Laura, num tom frio. — Que interessante.

Sue não fez nenhum esforço para esconder o aborrecimento diante da resposta da convidada, e logo tratou de deixar claro seu envolvimento com James. Rindo, pousou a mão no braço masculino.

— Vai me levar ao Rotary Bali no próximo mês? — Perguntou.

James franziu as sobrancelhas.

— Jack já não estará aqui?

— O único lugar onde desejo vê-lo é num tribunal. — Para assinar o divórcio.

— Sue! — Esse é um assunto para conversar em particular!

— Sinto muito. — O rosto da mulher pareceu uma máscara de gelo. Apertou tanto o braço de James que os nós de seus dedos ficaram brancos. Lançou um olhar ressentido a Laura e falou, com voz macia: — Não quer voltar mais tarde, para falar sobre isso?

Ele afastou ligeiramente o braço e assentiu relutante:

— Está bem.

— Obrigada — foi á resposta ardente.

Na saída, deu um até-logo formal para Laura, e ficou nas pontas dos pés para beijar James no rosto. A exasperação no olhar masculino suavizou-se, e ele a abraçou com ternura.

— Também falaremos sobre o centro de compras — prometeu ela. — Temos que nos unir contra isso.

"Pois me parece que ela pretende unir-se a James também de outras maneiras", pensou Laura enquanto o seguia até o estábulo.

Não era preciso ser nenhum gênio para adivinhar que Sue estava apaixonada por aquele homem e que esperava ficar com ele após o divórcio. E ele, o que queria?

Parecia claro que ambos tinham um romance. Mas, ao que tudo indicava, Sue levava a coisa mais a sério. Talvez James só quisesse uma aventura. Laura mordeu o lábio. Certamente ele buscava uma maneira de escapar das exigências de Sue. Bem, seria interessante verificar se ele iria mesmo à casa da amante à noite.

Para surpresa de Laura, ele decidiu ir.

— Não vai levar muito mais de uma hora — James disse enquanto vestia o paletó. — Tem certeza de que não vai se aborrecer?

— Não tenho nada a ver com isso — ela respondeu com frieza. — Fique lá quanto quiser.

Duas horas e meia, depois ele voltou, e, quando entrou na sala, tinha o cabelo molhado, como se tivesse acabado de tomar banho.

Laura não estava preparada para a pontada de dor e de ciúme que sentiu.

— Estive pensando — disse — que talvez seja melhor eu voltar para casa.

James a fitou longa e pensativamente.

— Essa decisão tem alguma coisa a ver com Sue e comigo?

— Não — Laura mentiu.

— Ótimo, porque minha amizade por ela não tem nada a ver com o que está acontecendo entre mim e você.

Projeto Revisoras

— Não há nada entre nós.

— Engano seu. — Há muita coisa.

A voz era sensual, rouca, e provocou arrepios em Laura. Nunca imaginara experimentar emoções tão violentas. Sentia-se perigosamente atraída, mesmo sabendo que jamais poderia confiar nele. Quando o viu dar um passo à frente, levantou-se e recuou.

— Nunca uma mulher mexeu tanto comigo — ele confessou.

— Devo-me sentir lisonjeada por isso? — Ela replicou asperamente, tentando conter o pânico.

— Não precisa ser sarcástica. — Ajudaria muito se tentasse ser apenas honesta em relação ao assunto. — Por que não admite que também esteja atraída por mim?

— Porque não estou!

James deu outro passo.

— Mentirosa — murmurou. — Todas as evidências mostram o contrário. — Seu coração acelerado, sua respiração pesada, seu rosto corado.

Laura fechou os olhos ao sentir-se enrubescer ainda mais.

— Isso não significa necessariamente que estou reagindo a seus avanços.

Ele balançou a cabeça.

— Não estou avançando.

— Está sim! — Está... Olhando para mim!

— E isso é suficiente para deixá-la assim? — Bem, talvez seja, porque é o que acontece comigo. — Basta olhar para você e me sinto arder de desejo.

A cabeça de Laura girou.

— Não acredito.

— Mas é verdade.

— Não quero mais ouvir isso — disse, pressionando as mãos frias contra as faces vermelhas.

— Tudo o que quero é ir para casa.

— Por quê? — Tem vergonha de encarar a verdade? — Bem, não é preciso. — Não há nada demais em me desejar.

— Não estou envergonhada! — De todo modo, eu não... Oh, deixe-me em paz!

— Seu comportamento torna muito claro o que você sente — ele afirmou com voz calma, pousando a mão no ombro delicado.

— Deixe-me ir!

— De que você tem medo?

— De nada!

— Então por que, nega, o que está acontecendo entre nós?

Laura afastou-se dele mais uma vez, e percebeu que a parede gelada, às suas costas, impedia-lhe a fuga. Assim, foi obrigada a enfrentá-lo. O brilho nos olhos de James a obrigou também a encarar o que acontecia em seu coração.

— Não estou negando coisa alguma. — Tudo bem, eu admito que você seja... Ahn... Fisicamente atraente e... Oh, pare de me olhar assim! — Sim, você é sexualmente atraente.

— Pronto, já disse. — Satisfeito? — Mas talvez, ser usada e depois descartada não faça meu estilo.

— Acha que faço esse tipo de coisa?

— Wendy afirmou que sim. — Contou que você seduz as mulheres e depois as dispensa.

James não negou a acusação. Simplesmente deu de ombros, como se o assunto não tivesse a menor importância.

A frieza desse gesto deu a Laura á terrível impressão de que ele apenas brincava, de maneira cruel, com seus sentimentos. Enquanto explodia em emoções intensas, James não passava de mero observador, assistindo à conquista com divertimento. O pensamento a enfureceu.

Projeto Revisoras

— Você não se envolve com mulheres, não é mesmo? — Questionou ela. — Não profundamente, quero dizer. — Claro que lhes dá atenção, carinho e as leva para a cama. — Mas não se incomoda com elas, não é? — Nunca abre seu coração nem oferece nada a ninguém, certo?

Ele ficou em silêncio por um momento, contemplando-a intensamente. Ondas de raiva e desespero dominavam-na. Aquele homem era frio e impassível como uma pedra de granito, enquanto ela sentia-se em meio à turbulência de uma tempestade em alto-mar. Desalentada, notou que suas mãos tremiam. Mordeu o lábio, proibindo a si mesma de humilhar-se e romper em lágrimas.

— Talvez agora as coisas sejam diferentes — disse James, por fim.

— Oh, claro! — E talvez eu seja Nossa Senhora disfarçada!

A brincadeira quebrou a tensão. O rosto de James suavizou-se, na vã tentativa de conter o riso. Imaginar Laura coberta dos pés à cabeça com um manto branco era realmente divertido.

— Bem, acho que você ficaria linda — respondeu, de maneira sensual.

Ela ficou mais aliviada e procurou organizar os pensamentos, domar as próprias emoções. E, quando ele se aproximou para tocar-lhe o cabelo, Laura não tentou impedir.

— De que, exatamente, você tem medo? — Acha que vou machucá-la?

— Claro que não. — Não acredito que seria rude a esse ponto. — De todo modo, há leis contra esse tipo de coisa.

James enrolou a mecha macia entre os dedos e falou, com voz grave e profunda:

— Acha que usarei meu charme vil e irresistível para levá-la para a cama... Contra a sua vontade?

Na verdade, era justamente isso que Laura receava, mas não iria se, expor ao ridículo admitindo o fato.

— Não sou assim tão ingênua.

— Então, qual é o perigo? — Se eu lhe der minha palavra de que não utilizarei táticas desonestas para coagi-la ou persuadi-la, qual será o problema? — Parece-me que os únicos riscos estão em seus sentimentos, e eles estão sob seu controle, não meus.

"Não estão não", pensou Laura, desanimada. "Saíram completamente de meu controle no momento em que conheci você."

— Muito bem — ela replicou com voz fria. — Mas o que, afinal, me pedirá para fazer?

James levou a mecha de cabelo, delicada como seda, até os lábios.

— Que fique e deixe que as coisas ocorram naturalmente — respondeu. — Não foi você quem me fez um apaixonado sermão sobre correr riscos em relacionamentos? — Ou naquela ocasião falava por Bea, não por si mesma?

— Não tenho idéia. — Desde que aceitei participar daquela farsa ridícula, venho agindo de modo completamente diferente do usual. — Sinto-me como se não soubesse mais quem sou.

— Então fique aqui e descubra. — Será uma atitude saudável. — Você finalmente está quebrando a camisa-de-força em que se meteu, e que a manteve aprisionada por todos esses anos.

— Sei que isso a amedronta, mas simplesmente deixe acontecer. — Corra o risco de viver esse seu desejo por mim.

Interessante a escolha da palavra, concluiu Laura. Ele não falara em amor, em intimidade, mas em desejo.

— Eu gostaria de saber o que, exatamente, você quer com isso.

James soltou-lhe o cabelo e abriu os braços, fazendo um gesto amplo.

— É muito simples: quero que tenhamos a chance de conhecer melhor um ao outro.

— Como posso ter certeza de que não vai aproveitar-se de mim?

— Terá que confiar na minha palavra. — Não vou insultar sua inteligência dizendo que não há nada entre mim e Sue, mas prometo que não tentarei apressar as coisas com você. — Não farei nada de que discorde.

Projeto Revisoras

Considerando as fantasias que tivera com James desde que o conhecera, Laura não via aquilo com muitas restrições.

Suspirou, pressionou os dedos contra as têmporas doloridas e olhou para o chão.

— É um alívio saber disso — murmurou cética.

Notou o sorriso de James quando ele ergueu-lhe o queixo e a forçou a encará-lo.

— E então? — Vai ficar? — Ou fugirá por não ter coragem de dar a si mesma uma chance?

Ela levantou a cabeça e fitou-o nos olhos.

— Como você é convincente! — Por que não trabalha com marketing?

— Porque há muitas mulheres céticas e sem coração entre as consumidoras — ele respondeu suavemente. Então sua voz tornou a revelar-se decidida. — Não sei fazer propaganda. — Só sei agir com honestidade. — Quero que fique. — Vai aceitar meu convite?

Inesperadamente tocada pela sinceridade daquelas palavras, ela baixou á guarda. Deu um longo suspiro.

— Está bem. — Aceito.

Na manhã seguinte, James já estava na cozinha, lendo um jornal financeiro, quando Laura entrou para o café da manhã. Ele a fitou empurrou a cafeteira e o prato de waffles de morango na direção dela e voltou a prestar atenção à leitura, como se não a tivesse visto. Laura sorriu ao observá-lo pegar uma calculadora de bolso e começar a fazer contas.

Nas raras ocasiões em que Bea acordara antes das onze da manhã, as duas haviam discutido sobre um anti-social hábito de Laura: ler os jornais financeiros durante o café. Observar James assim era quase como ter encontrado um Cúmplice. Ela não pôde evitar uma risada.

— De que está rindo? — Ele perguntou, levantando a cabeça.

— De você — respondeu Laura, servindo-se do líquido quente. — Pensei que eu fosse á única pessoa a comportar-se mal no café da manhã.

— Sei... — Resmungou ele, abaixando o jornal. — O problema é que me acostumei a viver sozinho. — Diga-me, quanto tempo pretende ficar aqui?

Ela piscou surpresa com a pergunta.

— Quanto tempo você quer que eu fique?

Os olhos de James brilharam.

— Tanto quanto possível.

— Você vai se arrepender de ter dito isso. — Posso permanecer longe do trabalho por sete semanas, pois não tirei férias no ano passado.

— Bom — respondeu ele, satisfeito, dobrando o jornal e colocando-o sobre o bufê da cozinha. — Nesse caso, espero que fique durante sete semanas.

O sangue correu mais depressa nas veias de Laura. O fato de James a querer ali por tanto tempo era um sinal promissor. Por outro lado, não queria se tornar um fardo naquela casa.

— Tem certeza?

— Sim, tenho. — Quer ir até Hobart, comprar algumas roupas?

A voz soou tranqüila, como se os dois fossem marido e mulher e discutissem seus planos para aquele dia. Laura não pôde deixar de sentir-se aconchegada pela intimidade da cena, mas encheu-se também de perplexidade. Em sua opinião, a insistência de James em tê-la por perto implicava que havia algo mais sério entre ambos. Ou, para ele, aquele tipo de coisa era comum? Será que costumava convidar mulheres para passar dois meses em sua casa? Será que fizera isso tantas vezes que perdera a conta?

Laura franziu a testa e então percebeu que James ainda a contemplava com ternura, esperando uma resposta.

— Oh, desculpe. — Sim, quero fazer compras. — Preciso de roupas para usar, sabe?

— Tenho conta em várias grandes lojas, e ficarei feliz em...

Projeto Revisoras

— Não, por favor. — Aceitar a hospitalidade daquele homem era uma coisa, permitir-lhe comprar roupas era outra, muito diferente. Só ao pensar nisso ela sentia um aperto no peito, como se estivesse passando por cima da própria integridade. — Eu nunca poderia aceitar uma coisa dessas.

— Não seria apropriado.

— Apropriado? — Ele demonstrou surpresa e acariciou-lhe o cabelo. — Você é uma jóia preciosa. — Antiquada, claro, mas mesmo assim uma jóia. — Nunca mude, está bem?

Laura aborreceu-se por causa da zombaria, mesmo sendo elogiosa. Por que todos a julgavam fora de moda? No fundo, ela sabia não ser assim. Bem, um dia desses iria mostrar ao mundo quem era de verdade!

Lançou um olhar gelado para James.

— Ora, vamos lá! — ele disse, divertido. — Não fique ofendida. — Gosto de você exatamente como é. — Agora, faça sua refeição, se vista e me acompanhe. — Temos três horas de viagem pela frente, e preciso tratar de negócios até o meio-dia. — Depois disso, sugiro que almocemos no cassino. — Você poderá fazer compras enquanto visito meus clientes. — Então nos encontraremos de novo, para um chá, e voltaremos. — Que tal?

— Por mim, tudo bem.

Quando subiu a escada, ela cerrou os dentes e se perguntou mais uma vez se tomara uma decisão sábia ao aceitar permanecer naquela casa. Ás vezes gostava de James, e muito, quando ele a ensinara a cavalgar, por exemplo, fora gentil e paciente. E, quando o ouvira contar que fora obrigado a abandonar os próprios negócios para cuidar das empresas do pai, sentiu uma simpatia imensa. Mas havia ocasiões em que tinha vontade de agredi-lo. Como naquele momento.

Se Bea estivesse certa e James não passasse de um play-boy, o que faria com ele? Oh, devia estar louca. E ainda por cima teria que enfrentar três horas de viagem, nas quais ele provavelmente iria provocá-la por seus escrúpulos em relação a não aceitar dinheiro dos homens.

Tara surpresa de Laura, ele não comentou o assunto durante a viagem a Hobart. Na verdade, parecia ter desistido do velho hábito de procurar temas constrangedores. Conversou sobre comida, cinema, o tempo, música, política, ambições infantis e pequenas manias. Além disso, mostrou interesse em conhecer as opiniões dela sobre todas essas coisas.

Quando as chaminés de tijolo aparente do lanifício começaram a aparecer contra o céu, no estuário de Derwent, Laura sentia-se como se conhecesse James há muito tempo. Não que houvesse gostado de todas as coisas que descobrira sobre ele. Longe disso. Embora o considerasse inteligente cheio de vigor e ótima companhia, notara que era cabeça-dura em relação a muitos assuntos.

Entretanto, não podia negar que começava a achá-lo mais intrigante ainda.

Depois de um breve passeio pela fábrica, James levou-a para almoçar no restaurante giratório do cassino. Laura principiava a sentir os efeitos da longa viagem e da hora que passara acompanhando os negócios de James Fraser, mas julgou-se renascer ao admirar a vista. Quando um garçom sorridente os conduziu a uma mesa próxima à janela, prendeu a respiração, maravilhada.

— Que cenário incrível! — A montanha, a cidade, o mar e... Que ilhas são aquelas?

— Penínsulas, para ser mais exato. — Se comermos devagar, o salão vai girar o suficiente para vermos muito mais. — Quer beber alguma coisa?

— Um gim-tônica, por favor.

Laura recostou-se na cadeira confortável, de espaldar alto, admirando a opulência da fina toalha de mesa, das flores, da prataria, da porcelana elegante. Em Sidnei, às vezes convidava alguns clientes para almoçar em bons restaurantes, como cortesia do escritório, mas nunca estivera num lugar tão sofisticado. Primeiro, porque não tinha muito dinheiro para gastar com essas coisas e, depois, porque precisava economizar para comprar sua própria casa.

Depois de um drinque reanimador, estudaram o cardápio. Laura escolheu salmão defumado, seguido por bife de filé e salada. James preferiu lagosta, vitela à italiana e batata assada. Feitos os pedidos, relaxaram e sorriram enquanto o garçom servia o vinho branco.

— A nós — disse James.

Projeto Revisoras

— A nós — repetiu Laura.

Ao erguer o copo, ela tocou acidentalmente numa flor branca, que se encontrava no vaso colocado no centro da mesa. A planta caiu sobre a toalha. James pegou-a com cuidado e voltou a colocá-la no vaso.

— Havia centenas dessas nas pastagens próximas aos cercados dos cervos, cerca de duas semanas atrás — ele comentou. — Chamam-se gotas de neve, não é?

— Flocos de neve — Laura corrigiu. — Por causa das manchinhas nas pétalas.

James arregalou os olhos.

— Pensei que a estudante de horticultura fosse Bea, não você.

Laura sorriu.

— Bem, ela provavelmente só freqüentou as aulas porque eu a obriguei a isso. — Sempre gostei de plantas. — Meu maior sonho é ter um jardim.

— Não tem nenhum?

Ela balançou a cabeça.

— Não. — Queria comprar uma casa, mas em Sidnei os preços são altos e o máximo que consegui foi um apartamento de dois dormitórios.

James bebeu um gole de vinho e rolou a taça nas mãos, pensativo, antes de falar:

— Uma vez você me contou que gostaria de ir a Queensland para visitar a floresta. — É um sonho seu ou de Bea?

— Meu — respondeu Laura. — A maioria das coisas que lhe contei dizia respeito a mim.

— O estranho foi que, quando eu conversava com você, descobria coisas, sobre mim mesma, que sequer imaginava existir. — Eu nunca havia cogitado, até lhe falar, em ir a Queensland.

— Então vá! — Acho um erro desejar viver experiências e não fazê-lo.

— Você me disse que também gostaria de ir a Queensland, montar e deitar na praia — Laura lembrou. — Vai fazer isso?

— Talvez possamos ir juntos. — Passearíamos na areia e visitaríamos os parques nacionais.

Laura ficou tão surpresa com o comentário que engasgou com o vinho. Quando parou de tossir, o garçom se aproximou, com o antepasto, e James lhe pediu um copo de água.

Ela se sentiu constrangida em voltar ao assunto da viagem conjunta, em especial porque sua voz sumira, mas ponderou sobre as palavras dele quando, com muito cuidado, começou a comer o salmão. Era a primeira vez que James sugeria que aquele relacionamento poderia ter algum futuro.

Mas... Será que ele quisera mesmo dizer isso? Ou fora apenas uma brincadeira?

— Sente-se melhor? — Perguntou ele.

Laura assentiu e tomou outro gole de água.

— Sim, obrigada. — Sinto muito pelo que houve.

— Não se preocupe. — Que tal o salmão?

— Excelente.

A conversa passou a girar em torno da comida, e ela se sentiu aliviada ao notar que conseguiam falar de modo animado. Apenas quando James pediu a conta foi que um alarme soou em sua mente.

— E melhor eu ir — disse ele, consultando o relógio. — Prometi a Sue que conversaria com meus advogados sobre o centro de compras, e eles me esperam às duas e meia. — Está pronta?

— Sim, claro — respondeu Laura, sentindo que uma sombra descia em sua alma à menção do nome de Sue Rigby.

— Você não tem como errar — prosseguiu James. — A maioria das lojas fica num único quarteirão. — Compre o que tiver vontade e encontre-me no hotel Sheraton às quatro e meia.

— Tomaremos uma xícara de chá antes de voltar para casa.

Laura adorou o passeio. Normalmente, comprava roupas conservadoras, apropriadas para o trabalho, mas daquela vez algum demônio a guiara. Primeiro, escolheu peças clássicas, como costumava fazer, mas na última meia hora decidiu ousar. Não somente adquiriu lingeries pretos e

Projeto Revisoras

sensuais como levou um vestido vermelho e uma bolsa de couro, que custaram mais caro do que a passagem de avião de Sidnei à Tasmânia.

— Ponha as roupas velhas na sacola, por favor — pediu à vendedora. — Vou usar o vestido agora.

Teve a recompensa quando entrou no átrio do hotel Sheraton e encontrou James sentado numa poltrona, junto à janela que dava para o porto. Ele piscou, levantou-se e caminhou em sua direção com a expressão admirada que Laura se acostumara a ver nos homens... Quando olhavam para Beatrice.

— Você está maravilhosa! — Disse James, abraçando-a e beijando-a no rosto. — O que fez?

Ela sorriu e sentou-se, notando com um misto de embaraço e prazer os olhares que outros homens lhe lançavam.

— Nada. — Só comprei roupas novas.

— Mais adequadas, impossível — ele respondeu com ternura. — Você poderia levar sua irmã à morte! — Pobre menina, é tão magra, sem graça... No casamento, você era insuperável. — E agora está estonteante!

Laura riu.

— Não se esqueça de que a beldade da família é ela — disse.

— Não para mim — James respondeu os olhos brilhando. Então acrescentou, em voz muito baixa, quase um sussurro: — Sabe, fiquei muito feliz quando soube que você não era a noiva de Sam.

A garçonete chegou naquele momento, para oferecer-lhes o chá, e a conversa girou em torno de assuntos menos perigosos. Mais tarde, porém, quando já estavam saindo da cidade, aconteceu algo que fez Laura perguntar-se sobre os planos de James para o futuro. Mal haviam deixado os limites urbanos quando ela notou, de repente, um enorme cartaz do lado de fora de uma creche.

— Veja! — Eles vendem pés de limão! — a comentou, amimada. — Os limoeiros crescem bem aqui? — Pensei que o clima fosse muito frio para isso.

— Eles se adaptaram bem à região — ele respondeu, diminuindo a marcha e parando o carro.

— Quer que eu lhe compre uma muda?

— Oh, mas ficarei aqui por pouco tempo, e os limoeiros levam décadas para crescer.

James desligou o motor.

— Quem será capaz de dizer quanto tempo você permanecerá neste lugar? — Muita coisa pode acontecer em pouco tempo.

Sim, muita coisa podia acontecer em pouco tempo. Nas semanas seguintes, os dois tornaram-se inseparáveis, e as esperanças de Laura começaram a aumentar. Talvez aquele homem indomável estivesse tão apaixonado quanto ela.

James nunca mais tentara beijá-la, mas o modo como seus olhos se iluminavam quando Laura se aproximava não deixava dúvidas de que ele desejava muito um beijo ardente. Estaria indo devagar para ganhar-lhe a confiança e seduzi-la quando ela estivesse sem defesas?

O dia-a-dia mostrou a Laura que James não era apenas o homem que mais amava no mundo.

Era também seu melhor amigo. Juntos, cavalgavam, plantaram o limoeiro, arrumaram o jardim dos fundos da casa, cuidavam da contabilidade da fazenda. Iam a churrascos e a rallies com os vizinhos. Ela começou a sentir que entrara num mundo novo, onde poderia finalmente ser feliz.

Mesmo assim, algumas notas discordantes a incomodavam. Uma era a constatação de que em breve teria que voltar a Sidnei e à velha rotina. Outra, o fato de James continuar a ver Sue Rigby.

Os problemas vieram à tona quando Sue os convidou para um churrasco, a fim de levantar fundos para a luta contra a construção do centro de compras.

— Sinto muito — disse Laura ao sentar-se em frente à lareira, na noite anterior ao almoço, — mas não tenho a menor vontade de ir.

— Por que não?

Projeto Revisoras

— Para ser honesta, não gosto de Sue e tenho certeza de que ela não gosta de mim. — Assim, creio que, se eu for o ambiente ficará tenso.

— Isso é ridículo! — Vai haver tensão, isso sim, se você não for. — Além do mais, conversei com Sue e a fiz ver que não poderia convidar a cidade inteira e deixá-la de lado.

— Ah, então foi obra sua! — Claro que ela somente me convidou porque você lhe pediu isso.

— Bem, não quero ir e não vou.

— Mas eu quero que você vá! — protestou James. — E vou insistir nisso.

Aquela demonstração de arrogância fez com que Laura perdesse a paciência.

— E desde quando devo fazer o que você quer?

— É uma questão de lealdade. — Fomos convidados enquanto casal, e é dessa maneira que iremos.

Casal. A palavra provocou um arrepio e um traço de descontentamento em Laura. Todos os aspectos insatisfatórios daquele relacionamento vieram à tona.

— Mas nós não somos um casal! — Um casal é composto por duas pessoas que têm laços emocionais, afetivos. — Não é o que acontece conosco. — Estou em sua casa como hóspede.

— Depois que nos separarmos, talvez nunca mais lembremos um do outro.

James cruzou a sala, ergueu-a e envolveu-a no abraço mais sensual que ela já experimentara.

Depois a beijou selvagemmente, com a ansiedade de semanas de espera paciente.

— Engano seu — ele disse com voz rouca. — Somos um casal, e vou provar isso a você.

CAPÍTULO VI

Ela percebeu na hora o que James queria, e seu coração disparou. Quando ele lhe tomou a mão e conduziu-a na direção da porta, Laura, o seguiu trêmula. Foi abraçada e subiu a escada, entre incrédula e maravilhada.

"Ele me ama", pensou. "E me quer, e nossa união será completa. Depois nós nos casaremos e viveremos nesta linda casa e teremos filhos e... Oh, estou tão feliz! Um casal de verdade".

"Finalmente."

A pesada porta de cedro do quarto de James rangeu quando aberta. Dois abajures jogavam uma luminosidade suave no aposento. Ali, ele a abraçou com força, as mãos percorrendo-lhe os ombros, as costas, os seios.

— Quero você, Laura. — Muito. — Você também me quer?

— Sim, quero. — Oh, James...

Suas palavras perderam-se num gemido rouco quando ele tocou-lhe a pele, sob a saia, e buscou-lhe os segredos mais íntimos. Laura nunca sentira tanto prazer. Seu coração parecia prestes a sair do peito.

Foi beijada ardentemente e, com um suspiro, colou o corpo ao dele, fechando os olhos.

Percebeu que suas roupas eram retiradas, uma a uma.

— Olhe para mim, querida. — Quero ver o brilho de seus olhos quando eu a carregar, nua.

Ela obedeceu. Com um sorriso, ele tomou-lhe um mamilo e o sugou provocante. Ele tirou então as próprias roupas, ergueu-a e com dois passos alcançou a enorme cama, colocando-a no centro do colchão.

— Céus, como eu a quero! — Ele murmurou. — Nunca desejei alguém assim. — Nós nos daremos bem, tenho certeza.

A cada carícia, Laura estremecia, derretia-se, gemia. Ela nunca imaginou que pudesse ser capaz, de experimentar tantas emoções, tantas sensações intensas, diferentes. Seu corpo se movia a cada toque mais ousado, buscando satisfação.

— Oh, James... Oh, eu nunca pensei que fosse assim...

Projeto Revisoras

— Pronta para a rendição? — Ele perguntou, e a penetrou. Laura prendeu o fôlego, esperando sentir dor, mas não foi o que aconteceu. Seu corpo ardente não opunha nenhuma resistência. O ato de amor pareceu-lhe o desfecho natural para uma paixão tão avassaladora. Era maravilhoso poder sentir o homem amado daquela maneira profunda, inteira.

— Eu te quero — sussurrou, apertando-se a ele. — Oh, eu... Eu amo... Eu... Oh...

Interrompeu-se, sentindo o quarto girar, o mundo explodir em cores, a alma ser levada a um lugar desconhecido, cheio de delícias e afeto. Jamais esperara algo assim. Imaginara que o amor fosse como um lago calmo, onde se pudesse apenas sonhar. Estava enganada. Era como um furacão em alto-mar.

— Laura!

Ao ouvir o grito de prazer ecoar pelo quarto, ela o apertou ainda mais e acompanhou-o pelos intrincados, encantados labirintos da paixão.

— Eu o amo — sussurrou.

Permaneceram quietos, imóveis, por um longo tempo. Não precisavam de palavras.

Expressavam os sentimentos de outros modos. Uma fileira de beijos na testa masculina. Um braço possessivo em volta da cintura feminina. Por fim, James apoiou-se num cotovelo e, com os dedos, desenhou uma linha imaginária nas coxas de Laura.

— Sinto muito — disse. — Agi de modo indesculpável.

— Como assim? — Ela perguntou, alarmada. Será que ele já se arrependera?

— Não usei camisinha. — Mas pode ficar sossegada. — Minha saúde está perfeita.

Aquela franqueza fez com que o rosto de Laura corasse.

— A minha também — respondeu, com um sorriso.

— E quanto ao resto? — Está tudo bem?

— Não se preocupe.

A pergunta, porém, á intrigou. Por que não haveria de estar bem?

Só depois de alguns momentos Laura deu-se conta de que poderia ter engravidado. Com um choque, percebeu que isso era perfeitamente possível. Mesmo assim, não acreditava nessa probabilidade.

"Mas, se houver acontecido, serei a mulher mais feliz do mundo", pensou determinada.

"Adorarei ser a mãe de um filho seu, James."

Com um sorriso, recostou a cabeça no ombro largo.

— Não devemos fazer isso sem estar preparados para arcar com as conseqüências — ele disse, e, colocando-a contra os travesseiros, recomeçou o ritual amoroso.

Mais tarde, exaustos, permaneceram em silêncio, abraçados. Laura procurou analisar as implicações do que ocorrera entre ambos. Mas sentia-se muito tomada pela emoção para fazer uma análise séria. Tudo o que sabia era que amava James e que era amada. Certo, ele não lhe dissera nada, mas a maneira como á fitava, como a abraçava, continha essa mensagem.

— É perfeito — murmurou James. — Eu poderia passar a vida inteira assim.

A vida inteira. O coração de Laura acelerou-se. Era exatamente aquilo que desejava: passar o resto de seus dias ao lado daquele homem.

— Você irá comigo ao churrasco de Sue? — Ele perguntou. — Iremos como... Um casal?

Ela sorriu.

— Já que insiste...

A festa estava animada quando Laura e James chegaram.

Ao estacionar o carro, a meio quarteirão da casa de Sue, já podiam sentir o cheiro de carne tostada, ouvir a música, o barulho dos copos e o som de risadas.

Era um dia glorioso de sol, e nem mesmo a frieza do tratamento dispensado por Sue abalou a felicidade de Laura. Além do mais, o lugar estava repleto de pessoas já conhecidas, e num minuto ela se enturmou.

Projeto Revisoras

Para sua alegria, James manteve um braço possessivo em sua cintura. Em determinado instante, quando ele caminhava por entre as mesas, vindo do bufê com duas taças de champanhe, sorriu e lançou-lhe um olhar cheio de significados.

— Está divertido, não acha? — Perguntou Laura.

James inclinou-se de modo a falar-lhe ao ouvido, para que ninguém escutasse:

— Sim, mas eu preferia estar em casa com você, na cama.

Ela corou e baixou o olhar. Naquele momento, ouviu um barulho seguido de um grito irritado vindo do pátio de pedras que ficava além do jardim. Ergueu a vista e observou Sue de joelhos em meio a cacos de vidro e uma generosa porção de salada de batatas.

Uma pontada de culpa tomou o coração de Laura. Será que a outra caíra ao vê-la com James?

Tomou uma decisão súbita e colocou a taça de champanhe nas mãos dele. Em seguida, dirigiu-se até onde Sue se encontrava.

— Posso ajudá-la?

Os olhos verdes da moça brilhavam de maneira suspeita e seu queixo tremia.

— A única ajuda que pode me dar é ir para o inferno. — Acha que é muito esperta, não é?

— Pois essa situação não vai continuar por muito tempo, acredite. — James nunca se prende às mulheres. — Faz com que você acredite que é a pessoa mais especial e maravilhosa do mundo e então... Oh, eu a odeio!

Com um soluço repentino e estrangulado, Sue abandonou o pátio e entrou na casa. Sem saber o que fazer, Laura abaixou-se e começou a reunir os pedaços de vidro. Acabara de empilhá-los quando Wendy Fraser apareceu, com uma lixeirinha plástica e uma vassoura.

— O que está acontecendo aqui? — Perguntou curiosa. — Vi Sue derrubar a tigela e vi você se aproximar para ajudá-la, mas ela pareceu insultá-la.

— Sue me alertou em relação a James — respondeu Laura, infeliz.

— Oh, querida — disse Wendy, colocando o que restou da travessa no lixo. — Sue deve tê-la mandado embora, no mínimo. — Bem, isso já era previsível. — Mas não achei que ela fosse ficar tão aborrecida.

— Acha de devo procurá-la? — Perguntou Laura, num tom preocupado.

— Não. — Isso só tornaria piores as coisas. — De todo modo eu não sei por que ousou alertá-la.

— Você não é ingênua a ponto disse tudo. Wendy lançou-lhe um olhar pesaroso e balançou a cabeça. — De se apaixonar por meu irmão, não é mesmo?

Laura permaneceu em silêncio, mas sua expressão.

— Por que todas vocês acham que ele não passa de um conquistador? — Desabafou Laura.

— Acaso está acima de qualquer possibilidade que James venha a amar de verdade um dia?

— Sim, está — foi á resposta direta. — Ouça tudo bem manter um romance com meu irmão, mas, por favor, não perca a cabeça. — Nem seu coração. — Vai se arrepender se isso acontecer.

— Adoro James, mas devo reconhecer que no aspecto amoroso é um verdadeiro canalha.

— Está se referindo a mim? — Soou uma voz masculina.

As duas mulheres ergueram-se quando James se aproximou.

— Eu só a alertava á seu respeito — respondeu Wendy, desafiadora. — Gosto de Laura, e não pretendo vê-la sofrer. — Acredito que a coisa mais gentil que você faria meu caro, seria deixá-la em paz. — Pegou a lixeirinha plástica e fitou Laura. — Siga meu conselho, querida. — Cuide-se.

James deu um gemido exasperado quando Wendy entrou na casa.

— Inferno! — Com uma irmã como essa quem precisa de inimigos? — O que foi que ela lhe disse?

Laura pegou a taça de champanhe que lhe era estendida e sorveu um longo gole, para tomar coragem.

— Que você é o lobo mau e que adora caçar menininhas desavisadas como eu.

Projeto Revisoras

— Por que Wendy não se mete apenas com a própria vida? — Logo ela, que não pode criticar ninguém porque nunca passa mais de seis meses com o mesmo amante?

— E você, passa?

James cerrou os dentes.

— Não, mas não se pode dizer que eu nunca vá conseguir fazer isso. — A verdade é que ainda não encontrei a mulher adequada.

— Até agora? — Perguntou Laura, sem conseguir conter certo cinismo na voz.

— Talvez. — Ainda não estou certo, mas não quero que Wendy me queime numa fogueira antes que eu tenha a chance de me certificar.

Laura mordeu os lábios. Se James se achava preparado para dar uma chance àquele relacionamento, era melhor do que nada. Mas uma sensação de desapontamento a dominou. Afinal, até aquele momento tinha certeza absoluta de que o coração dele lhe pertencia. Do contrário, não haveriam feito amor. Fora um choque descobrir que James ainda duvidava dos próprios sentimentos.

— Sei — ela murmurou, evitando-lhe o olhar.

Com um gemido de exasperação, ele pegou as duas taças de champanhe e as colocou sobre a mesa. Então a segurou pelos ombros.

— Não fique assim, por favor. — Não demonstre seus sentimentos com tanta facilidade.

— Do contrário, as pessoas irão magoá-la.

— Pessoas decentes não farão isso.

— Concordo, mas elas são minoria.

Laura procurou manter a calma. Não queria mostrar como estava ferida.

— Está tentando me dizer que me atirei em seus braços? — Que não me quer mais?

— Eu não disse isso! — Só acho que você deveria proteger-se melhor. — É muito ingênua, muito crédula.

— Foi assim que me comportei ontem à noite? — Ela perguntou num tom amargo. — Pensei que estava á salvo ao seu lado. — Não achei que viesse agindo ingenuamente ao imaginar que havia algo especial entre nós.

— Mas existe algo especial entre nós, sim!

— Então por que tenta me afastar?

Ele cerrou os dentes e respirou fundo.

— Não estou tentando fazer isso. — Só quero que... Inferno, o que você acha que há entre nós? — O que quer de mim?

— Eu me apaixonei — confessou. — Foi á coisa mais bonita que já aconteceu em toda a minha vida. — Gostaria de conhecê-lo melhor, dar a nós dois uma oportunidade. — Não estou propondo casamento... Não ainda. — Só desejo que me leve a sério.

O corpo de James, imóvel, parecia feito de gelo. Sequer piscava ou respirava. O silêncio estendeu-se até que ele finalmente falou:

— Você me faz sentir vergonha de mim mesmo.

— Que quer dizer com isso? — Que Wendy e Sue tinham razão? — Que você está apenas brincando comigo?

— Não. — É que sua honestidade, sua coragem, me deixa sem ação. — Ouça, já que tem tanta certeza do que deseja agora, o que vai querer depois?

Laura o fitou sem saber se sentia esperança ou desespero. Não se achava preparada para correr riscos ou sofrer humilhações. Assim, não poderia dizer o que realmente pretendia.

— Que passemos mais algum tempo juntos — respondeu. — Devo voltar a Sidnei em três semanas, ou perderei meu emprego e não terei como me sustentar. — Pensei que você pudesse ir me visitar.

James permaneceu em silêncio por alguns instantes. Depois levantou o braço e tocou-lhe o rosto.

Projeto Revisoras

— Pensarei nisso — prometeu. — E, agora, vamos sair daqui.

Ele ficou quieto durante todo o trajeto até a mansão, embora uma vez houvesse lhe tomado a mão, que apertara com força. Quando parou o carro na garagem, virou-se e a contemplou.

— Sobre a visita a Sidnei... — Nesse momento, dentro de casa, o telefone tocou. — Droga!

— Vou atender. — Conversaremos depois, lá dentro.

Laura pegou os casacos e fechou as portas da garagem antes de segui-lo. A ligação certamente fora breve, pois, quando ela entrou, a casa estava em silêncio. James não se encontrava no hall, onde ficava o telefone. Ela o achou na sala, de costas para a porta, a cabeça baixa.

— O que decidiu sobre Sidnei? — Ela perguntou, sentindo a premonição de um desastre.

— Sinto muito. — Não poderei ir. — Adorei nosso romance, mas é hora de terminá-lo. — A brincadeira acabou.

O escritório do Dr. Williamson estava exatamente como antes: a foto da esposa e dos filhos universitários na parede, a campainha do telefone tocando na mesa da recepcionista, ao final do corredor, uma pilha de revistas médicas nas prateleiras e um cheiro de anti-séptico no ar.

Para Laura, era difícil acreditar que algo tão dramático pudesse acontecer num local tão familiar como aquele. Mas já estava em Sidnei há um mês e tinha bons motivos para se sentir apreensiva. Prendeu a respiração quando o médico fitou-lhe o rosto afogueado, o exame nas mãos.

— E então? — Perguntou ansiosa.

Ele suspirou.

— Deu positivo. — Mas disso eu já desconfiava. — Você apresenta todos os sintomas.

— Duas semanas de atraso na menstruação, seios túrgidos e doloridos, náusea pela manhã.

— Então vou realmente ter um bebê?

— Bem, é esse o resultado final de uma gravidez, não é?

Um extraordinário tumulto de emoções a dominou.

— Eu... Eu não acredito!

— Quanto a mim, não acredito que você não tenha pensado em evitar um filho antes de engravidar — disse o medico, com ar desaprovador. — Não é mais uma garota de dezesseis anos.

— Sabe perfeitamente como seu corpo funciona. — Por que não tomou precauções?

— Não vim aqui para ouvir um sermão! — Só vim para saber a verdade!

Keith Williamson fitou-a por sobre o aro dos óculos.

— Agora que sabe, precisa decidir o que vai fazer. — Tem planos de se casar?

Laura sentiu uma dolorosa pontada de terror ao lembrar-se da última cena com James, e de sua volta para Sidnei. Passara o último mês aos prantos por causa disso. Portanto, sabia perfeitamente que o casamento não estava nos planos dele. Na verdade, nem nos seus.

Ironicamente, porém, poderia desposar Raymond Hall, se quisesse. Quando retornara a Sidnei, ele fora até sua casa e renovara o pedido. Nem mesmo a confissão de que Laura tivera um caso com outro homem o demovera desse propósito. O problema era que não amava Ray.

— Não — respondeu, por fim.

O médico suspirou e pegou o bloco de receitas.

— Nesse caso, suponho que esteja pensando em abortar.

— Não! — Eu jamais faria isso. — Vou ter esse bebê e tomarei conta dele.

— Laura, você é minha cliente há longo tempo. — Por isso, e pela amizade que lhe tenho, sugiro que pense a respeito seriamente. — Já considerou como é difícil ser mãe?

— Bem, estamos perto do século 21, não na Idade Média! — Milhões de mulheres fazem isso.

— E milhões de mulheres vivem um árduo período de solidão por causa disso. — Mesmo que você consiga lidar bem com o fato, emocionalmente falando, não será fácil do ponto de vista prático. — Seus patrões não ficarão exatamente felizes com a notícia. — Sei que existem leis contra a discriminação, mas isso não ajuda muito no dia-a-dia. — A empresa para a qual você trabalha é conservadora. — Uma gravidez será prejudicial à sua carreira.

Projeto Revisoras

— Dane-se a empresa!

O Dr. Williamson piscou.

— Talvez uma saída seja a adoção...

— Não! — Laura ergueu-se, furiosa. — Não vou abortar nem entregar meu filho para adoção!

— E, se perder meu emprego, arranjarei outro!

— Será complicado combinar os cuidados com o bebê e o trabalho em período integral.

— Existe alguma possibilidade de que o pai da criança venha a ajudá-la?

— Não! — Respondeu ela, cerrando os punhos. — Ninguém pode me ajudar. — Cuidarei disso sozinha.

— Hora de dormir, Gareth!

— Não! — Protestou o garotinho, e desceu para o jardim.

Laura foi buscá-lo. Encontrou-o escondido atrás dos arbustos e pegou-o no colo. Mas ele não se rendeu sem luta. Contorcia-se sem parar nos braços da mãe.

Ela tivera sorte em encontrar emprego naquela pequena cidade, em Queensland, onde pudera alugar uma casa com jardim. Mesmo que isso significasse que Gareth passasse a maior parte do tempo sujo de terra. Olhou ele com ternura para as mechas castanhas, os olhos azuis, as faces rosadas do filho.

Com menos de dois anos de idade, ele não lembrava nem um pouco o pai. Na verdade, parecia-se com a mãe de Laura. Mesmo assim, ela não conseguia evitar uma pontada de dor toda vez que o fitava, porque se recordava de James. No entanto, por mais sofrimento que aquele homem tivesse lhe causado, dera-lhe Gareth, sua maior alegria.

Carregou o menino até o banheiro, lavando-lhe as mãos e os pés. Enquanto o ouvia cantarolar uma velha música folclórica, que falava sobre cavalgadas, lembrou-se dos passeios que fizera com James. Para não ceder à tristeza, começou a cantar com Gareth.

— Muito bem, garoto. — Agora, cama!

Subiu a escada com ele no colo, colocou-o sobre o colchão e parou por um momento no quarto às escuras, observando-o abraçar o ursinho de pelúcia.

Depois olhou para a foto na parede, que mostrava Bea, Sam, James e ela no dia do casamento da irmã. Laura preferira um retrato no qual James não estivesse presente, mas Bea lhe dera aquele de presente na última vez que a visitara, no Natal.

Gareth se apossara dele e insistira em colocá-lo na parede de seu quarto. Agora, seguindo o olhar da mãe, tirou o dedão na boca e apontou para a fotografia.

— Tia Bea é princesa.

— Princesa, não, querido. — Está vestida de noiva.

— Mamãe também é noiva.

— Não, meu amor, mamãe não é.

— É sim. — Mamãe, Sam e James.

Laura sorriu e dirigiu-se à porta.

— Durma bem — disse carinhosa.

Uma vez lá embaixo, na cozinha, serviu-se de café e sentou-se para saboreá-lo.

— Eu gostaria de ter sumido com essa foto. — Odeio ver James sempre que entro no quarto de Gareth.

Então pegou um catálogo de sementes e tratou de afastar a autocomiseração. No fundo, contara com as bênçãos do destino. Gareth era inteligente, saudável, e ela conseguia manter a família com seu trabalho em Queensland.

Depois de descobrir que engravidara, pedira demissão da empresa e viajara para o Norte.

Sentia que a vida fugia a seu controle, e por isso decidira fazer algo com que sempre sonhara: visitar os parques nacionais e os jardins botânicos. Em Queensland, vira o anúncio de um berçário, pedindo uma contadora. Respondera-o e agora, bem-estabelecida em Sunshine Coast, via que todos os seus sonhos tornavam-se realidade. Isto é... Quase todos.

Projeto Revisoras

— Bem, o amor eterno não passa de um mito — disse amargamente.

O telefone tocou. Sem saber por que, Laura sentiu uma pontada de ansiedade. Garantiu a si mesma que se tratava de Bárbara, a dona do berçário. Ela sempre aparecia para um café nos domingos de manhã.

— Alô?

— Laura? — É James Fraser.

Seu coração quase parou com o choque de ouvir, depois de tanto tempo, aquela voz familiar.

A surpresa inicial, porém, foi logo substituída pelo temor. James não a procurara naqueles anos todos. Provavelmente alguma coisa muito grave ocorrera.

— Eu... Aconteceu alguma coisa?

— Sim. — Bea e Sam sofreram um acidente.

As pernas de Laura começaram a tremer. Encostou-se à parede, buscando apoio, e deixou-se escorregar até sentar-se no chão frio. Bea? Oh, não. Devia haver algum engano. Bea não podia estar ferida. Era impossível.

— Laura, ainda está aí? — Por favor, fale comigo! — Você está bem?

Lutando para recuperar o controle, ela permitiu que lágrimas silenciosas rolassem por suas faces e obrigou-se a falar:

— Sim, estou aqui. — É grave? — Diga-me a verdade.

— É grave, mas eles sobreviveram. — Estão no centro de tratamento intensivo de fraturas.

— Os médicos temem que Bea tenha quebrado o pescoço.

— O quê? — Quer dizer que... Ela pode ficar com o corpo paralisado?

— Ainda não temos certeza de nada, exceto que precisamos de você aqui o mais cedo possível. — Pode vir?

— Claro! — Mas tenho que verificar os vôos, pegar dinheiro...

— Já cuidei disso. — Fiz uma reserva em seu nome num avião que sai de Maroochydore as cinco para as seis da tarde e chega a Melbourne logo depois das dez. — Você se hospedará no hotel do aeroporto e tomará o primeiro vôo para Hobart amanhã cedo, às oito e quinze. — Chegará aqui às nove e meia. — Irei buscá-la. — Tudo bem para você?

— Sim, claro. — James... E Sam, como está?

— Nada bem. — Melhor do que Bea, no entanto. — Quebrou as costelas, mas está consciente e os médicos esperam que se recupere totalmente. — Contarei os detalhes quando você chegar.

— Está bem. — Obrigada por me avisar.

— Sinto ser o portador de más notícias. — Sei como isso a abalou. — Mas você sempre foi forte. — Não falhe agora. — Vejo-a amanhã.

Laura desligou e levantou-se. Enquanto arrumava a casa, tirava as malas do armário e as roupas das gavetas, chorava amargamente. Mas esperava poder parar logo, para telefonar a chefe, Bárbara. Iria pedir-lhe que arrumasse uma substituta e que desse uma olhadela na casa.

Enquanto limpava a geladeira e jogava o resto do leite na pia, começou a desmoronar. Ainda soluçava quando ouviu um barulho surdo lá em cima, seguido pelo som de passos. Momentos depois um garotinho surgia e abraçava-a pela perna com força.

— O que foi mamãe?

— Gareth! — Como você conseguiu sair da cama?

— Desci — ele anunciou orgulhoso. — Mamãe chora. — Machucou?

Dito isso, começou a estudar as pernas da mãe, à procura de cortes. Esse gesto de ternura a fez voltar à realidade. Pessoas dependiam dela. Não podia esmorecer. Pegou um pedaço de papel-toalha, limpou o rosto e lançou um sorriso ao filho.

— Já estou melhor, querido. — Quer viajar com a mamãe?

A necessidade de cuidar de Gareth ajudou-a a vencer o pesadelo da viagem. Mesmo assim, o esgotamento causado pelo choque e pela tristeza a abatiam. Apenas quando viu as águas azuis do

Projeto Revisoras

estreito Bass pela janela do avião, e os primeiros picos das montanhas da Tasmânia, foi que seus medos voltaram com força total.

Pobre Bea. Pensara viver feliz naquela ilha para sempre, e agora estava numa cama de hospital. Naquele momento, porém, nada mais importava a não ser vê-la recuperar-se.

Soprava um vento frio e a chuva caía fina, quando ela desceu do avião. Cansado, Gareth apoiava a cabeça em seu ombro. Por sorte, um homem de meia-idade se aproximou para ajudá-la, tomou o menino nos braços e deixou que Laura carregasse somente a bagagem de mão.

— Abaixe a cabeça e vamos correr até o terminal — disse ele.

James a esperava dentro do edifício, usando um casaco de cashmere preto que o tornava extremamente sombrio. Laura imaginara essa cena milhares de vezes, mas nunca sonhara que pudesse desenrolar-se daquele modo trágico. Com um grito abafado, correu até ele e atirou-se em seus braços.

A despeito da expressão séria, ele a envolveu fortemente.

— Como estão eles?

— Não há novidades, mas mantenha a esperança. — Vamos pegar suas malas e sair daqui.

Um homem tossiu, e Laura virou-se para o passageiro que a ajudara.

— Aqui está o garotinho — disse ele, gentil. — Você e seu marido ainda precisam de ajuda?

Laura piscou ao notar que o homem julgava que era casada com James. Mas achou melhor não se alongar em explicações.

— Não, obrigada — respondeu, estendendo os braços para pegar um Gareth adormecido.

— Grata pelo auxílio.

Percebeu que James fitava o menino com uma expressão atônita. Descobrira a verdade?

— É seu filho?

— Sim, é.

"Seu também", Laura quase acrescentou, mas deteve-se a tempo. Na certa ele já notara isso.

De quem mais poderia ser? Bem, mas James poderia pensar que ela concebera a criança depois de ter deixado a Tasmânia.

Contemplou-o, procurando adivinhar-lhe os pensamentos, mas, como sempre, a fisionomia grave mostrava-se inescrutável. Laura mordeu os lábios, dominada por uma emoção indefinida. O que ele estaria sentindo? Raiva? Ciúme? Indiferença?

— Sei — respondeu ele por fim. — É melhor você sentar-se naquela poltrona e ficar mais à vontade, enquanto pego as malas. — Pode descrevê-las?

Laura o fitou, perplexa, incapaz de acreditar que ele ignorasse tão rapidamente o assunto Gareth. Estavam num lugar público, claro, e ela não tinha a menor intenção de fornecer detalhes ali.

Mas, pelo visto, James não queria falar mais naquilo. Nem agora, nem mais tarde. Era como se o menino não tivesse importância.

— São duas malas de tamanho médio. — E um assento infantil para carros. — De plástico.

Assim que ele pegou a bagagem, conduziu-a ao estacionamento do aeroporto. Ainda parecia odiá-la. Mas por quê?

Afastando o pensamento, Laura colocou Gareth no assento e prendeu as fivelas cuidadosamente. Em seguida deu um beijo no rostinho redondo. Quando se preparava para sentar-se ao lado do filho, James abriu-lhe a porta da frente. Relutante, ela se acomodou no banco do passageiro.

— Seu marido não veio? — Perguntou ele enquanto ganhavam a rua.

— Não tenho marido.

— Divorciou-se?

— Não me casei.

James franziu a testa.

— Quer dizer que conseguiu afastar aquele contadorzinho que a assediava, hein?

Projeto Revisoras

Laura lançou-lhe um olhar surpreso. James na certa imaginava que Gareth fosse filho de Raymond, o que revelava que Bea lhe contara sobre seu antigo namorado.

— Podemos dizer que sim — Laura respondeu. — E você? — Casou-se?

— Não.

— Mas pensei que você e Sue...

— Sue se divorciou, casou-se de novo e está vivendo na Austrália. — E muito feliz, por sinal.

Laura experimentou uma absurda sensação de alívio ao saber da novidade.

— E quanto ao centro de compras? — O que aconteceu? — Perguntou, tentando mudar de assunto.

— Conseguimos bloquear a construção.

— E como estão os outros?

James deu de ombros.

— Como sempre. — Não quero aborrecê-la com detalhes. — Não significam muito para alguém de fora.

Alguém de fora. As palavras lhe doeram fundo.

— O que os médicos dizem sobre Bea e Sam?

— Estão seriamente preocupados com Bea. — Os raios-X do pescoço mostraram uma linha, na segunda vértebra, que não devia estar ali.

— E o que isso quer dizer?

— Que ela pode ter sofrido uma fratura séria. — Se os prognósticos se confirmarem, correrá risco de vida se simplesmente virar a cabeça.

— O quê? — E eles ainda não têm certeza de nada? — São inúteis? — Mas que diabo acontece aqui? — Não estão fazendo nada para salvá-la?

James estendeu o braço e tomou-lhe as mãos.

— Os médicos estão agindo da melhor maneira possível. — No momento, procuram fazer com que o estado de Bea se estabilize para levá-la a outro hospital, o que deve acontecer amanhã.

— Aí farão um exame mais completo, e poderemos saber o que realmente ocorreu. — Até lá, por favor, controle-se. — Para o bem de sua irmã.

Ela assentiu e apertou a bolsa, procurando acalmar-se. Não podia se deixar levar pela histeria.

Precisava ser paciente e esperar por boas notícias.

— Quem estava dirigindo o carro na hora do acidente? — Quis saber.

— Bea, mas a culpa, não foi dela. — Um motorista bêbado perdeu o controle numa curva e bateu neles. — O homem quase não se machucou.

— Que injustiça!

— A vida é injusta.

Enquanto se aproximavam do centro da cidade, Gareth acordou e começou a gritar ao ver os pesqueiros e as gaivotas.

— Barcos! — E "patos"!

Tentou desafivelar o cinto e sair da cadeirinha.

— Pare com isso, Gareth! — Sente-se direito, está bem? — Assim que for possível, vou levá-lo para um passeio — disse Laura, e virou-se para James. — Ainda não conversamos sobre as acomodações. — Pode me indicar um hotel?

Ele olhou, por cima do ombro, para Gareth, que tentava escapar por baixo do assento.

— Fiz uma reserva em seu nome no hotel do cassino, às minhas expensas, mas imagino que nosso pequeno hóspede ficaria mais bem acomodado na casa de Sam e Bea. — Há um jardim lá, o mar fica próximo e você pode cozinhar o que achar melhor para ele. — Que acha?

Laura o fitou, aliviada. Nunca gostara de hotéis e, no momento, a última coisa que queria era lidar com pessoas estranhas.

— Ótimo. — Obrigada.

Ela sentiu certo desalento quando o carro tomou a estradinha da casa onde conhecera James.

Projeto Revisoras

Ele, porém, não demonstrou nenhuma emoção. Tirou as malas do carro e levou-as à entrada.

— Quando podemos ir ao hospital? — Quis saber Laura.

— Tão logo você tome um café e se acomode melhor — James respondeu, acompanhando-a pelo corredor. — Escolha um quarto para você e seu filho. — Por enquanto, estou no dormitório verde, perto do de Bea e Sam, mas posso mudar se preferir ficar com ele.

Laura sentiu um arrepio.

— Quer dizer que também está hospedado aqui?

— Sim, mas não se preocupe. — Não pretendo seduzi-la.

Até aquele instante James se comportara de maneira educada, mas agora havia um tom cínico em sua voz. Já exausta pelo susto e pela viagem, ela sentiu a raiva crescer.

— Claro que não. — Você não iria tão longe.

Entreolharam-se e o ódio acendeu-se entre ambos como uma corrente elétrica letal. Se pudesse, Laura daria meia volta e voltaria para Queensland imediatamente, mas não ia abandonar Bea. Precisava permanecer ali; isso, porém, não significava que fosse apreciar a estadia.

James não passava de um homem rude, sem coração, desleal. Como pudera amá-lo? Cerrou os punhos. A força de sua raiva era quase palpável, e ele, ao que tudo indicava, sentia o mesmo.

— Gareth quer banheiro. — Agora!

Laura sabia muito bem que não podia ignorar o aviso. Lançando um último e furioso olhar a James, correu para o banheiro, com o filho no colo. Quando saiu de lá, ouviu barulho de xícaras e colheres, vindo da cozinha.

— Laura! — O chamou com voz gelada. — Venha aqui, por favor.

— Já vou.

Ela o atendeu e encontrou-o arrumando a mesa com uma expressão serena.

— Sinto muito se disse algo que a ofendeu. — Posso sair da casa se achar que não devemos ficar sob o mesmo teto, mas não vou negar que isso irá me causar dificuldades. — Tenho que cuidar do trabalho de Sam no lanifício, e a maioria dos arquivos importantes estão no computador desta casa.

— Longe de mim, expulsá-lo daqui — replicou Laura asperamente.

— Ótimo — disse ele, com um sorriso que lhe provocou um frio na espinha. — Então façamos o possível para ter uma convivência pacífica. — Afinal, o que houve entre nós é passado.

— Não foi importante. — Por isso, seremos capazes de agir civilizadamente, não acha?

— Prometo ser gentil. — De acordo?

— De acordo — murmurou ela, apertando-lhe a mão estendida.

Mas uma pontada de ressentimento a dominou ao perceber que ele considerava desimportante o envolvimento que haviam tido.

"Será que James continuará pensando assim se eu lhe disser que Gareth é seu filho?", perguntou-se, amarga.

Um estranho sentimento se apossou dela quando viu James abaixar-se para oferecer biscoitos de chocolate a Gareth. O menino, tagarela como sempre, não parava de falar, o que provocava um brilho divertido no olhar do pai.

Isso a abalou profundamente. Não, jamais lhe contaria a verdade sobre Gareth. Mas tinha o direito de fazer isso? De privar o filho da convivência com o próprio pai?

Por enquanto, ele não passava de um bebê, e isso talvez não lhe importasse muito. Porém, e mais tarde, quando sentisse falta do apoio paterno?

E quanto a James? Seria justo proibir-lhe o contato com o filho? Mas, e se lhe dissesse a verdade, o que aconteceria? Ele simplesmente rejeitaria o menino, como a rejeitara? Ou haveria de querer visitá-lo em Queensland? Isso significaria vê-lo durante longos anos, e Laura não poderia suportar. Uma vertigem a dominou ao pensar nisso.

— Você está bem? — Perguntou ele, preocupado. — Parece abatida.

— São apenas o cansaço e a preocupação. — Estarei melhor depois de ver Bea.

Projeto Revisoras

O hospital tinha um aspecto mais desanimador do que Laura imaginava. James a deixou, e a Gareth, na sala de espera, e foi procurar o médico. Voltou balançando a cabeça.

— Nenhuma informação, infelizmente. — Mas eles vão deixá-la ver Bea.

Nada poderia tê-la preparado para ver a irmã deitada, frágil e indefesa, na cama alta.

Bandagens cobriam-lhe a cabeça e uma espécie de colar de gesso envolvia-lhe o pescoço.

Seus olhos estavam fechados. Mesmo sem saber se Bea conseguiria ouvi-la, Laura se aproximou e disse:

— Querida, sou eu. — Estou aqui com Gareth. — Por favor, sare depressa. — Nós a amamos muito. — Você precisa lutar querida...

A voz falhou e ela não pôde continuar. Respirou fundo, tentando conter as lágrimas para não assustar o filho. Para sua surpresa, sentiu que as mãos de James tomavam as suas. Ficou agradecida pelo conforto que o contato lhe dava.

Mais tarde, depois de ver Sam, voltaram para o estacionamento. Surpreendeu-se com o olhar avaliador de James. No entanto, quando ele falou, a voz permanecia indiferente:

— Vamos almoçar. — Depois eu os levarei para casa. — Vocês precisam descansar.

Foram a um restaurante em frente ao porto, de onde Gareth podia admirar os barcos e os "patos". Enquanto ele pressionava o nariz contra a vidraça, para poder ver melhor, os adultos conversavam.

Num acordo silencioso, evitaram tocar no acidente. Falou sobre filmes, viagens, o lanifício, a nova casa de Laura em Queensland. Ela sentia que James a afastava da beira de um abismo escuro e terrível, e estava grata por isso.

— Está se sentindo melhor? — Ele perguntou ao pedir o café. — Parece mais corada agora.

— Estou bem, obrigada. — Sinto muito ter ficado daquele jeito. — Não quero que carregue sozinho o peso dessa situação.

— Bobagem. — No momento, você tem todo o direito de fraquejar. — De mais a mais, o que seria do mundo se não demonstrássemos um pouco de carinho nos instantes difíceis?

Laura estremeceu ao fitá-lo, e desejou desesperadamente que os fantasmas do passado a deixassem em paz. James fora cruel, um dia. Por que se revelava tão gentil agora?

Essa pergunta continuou a atormentá-la nas semanas que se seguiram. Para alegria de ambos, os especialistas logo deram a boa notícia de que Bea não havia fraturado o pescoço. Teria que enfrentar várias semanas de hospital, mas ficaria boa.

Não demorou muito para que se estabelecesse uma bem-vinda rotina. Toda manhã James ia para o lanifício e Laura brincava com Gareth. Depois, cuidava da casa. Contratou uma babá, para ficar com as tardes livres e visitar a irmã no hospital. Jantavam juntos, e voltavam a ver Sam e Bea.

Pareciam uma família, e Laura achava a experiência alarmantemente deliciosa.

Para sua surpresa, notou que passara a aguardar a chegada de James com ansiedade. Mais do que isso, percebeu que Gareth tornava-se muito apegado ao pai. Quando o garotinho ouvia a chave girar na porta, saía correndo para encontrá-lo e, de mãos dadas, ambos entravam na cozinha, onde Laura punha a mesa. Nos finais de semana, James jogava bola com o menino no jardim, ou lia histórias em frente à lareira. Laura observava incerta, aquela ligação crescer.

Os problemas surgiram num sábado, um mês depois da chegada à Tasmânia. Gareth aniversariava na terça-feira e James se oferecera para levá-lo a Salamanca enquanto Laura comprava-lhe o presente. Por volta das onze horas, ela saiu da loja de brinquedos e foi encontrá-los num café.

— Gostou do passeio? — Perguntou ao filho enquanto se acomodava na cadeira.

Gareth sorriu, com seu bigode de milk-shake.

— Vi palhaço com nariz velho. — E o balão, pum. — E o frango fio — ele começou.

James sorriu.

— Gareth viu um palhaço com nariz vermelho. — Seu balão de ar estourou. — Por fim, comemos frango frito — traduziu.

Projeto Revisoras

— Céus, e eu que achei que fosse a única a entender o que ele diz!

— Ah, mas tenho doutorado em idioma infantil — respondeu James, desarrumando o cabelo do garoto.

Aquele gesto de afeto, tão natural, abalou Laura. Ela então percebeu que não era apenas a questão de contar ou não a verdade sobre o menino que a preocupava. Descobriu que ainda amava aquele homem.

— Quer comer ou beber alguma coisa? — Perguntou ele.

Laura forçou um sorriso.

— Só um cappuccino, obrigada. — Respirou fundo várias vezes, para recuperar o controle, e tomou o líquido quente. — Podemos voltar para casa?

James consultou o relógio.

— Claro. — Vamos.

Ela ficou quieta durante o percurso, absorta nos próprios pensamentos. Mas, quando abriu a porta da frente, não pôde evitar um grito.

— Surpresa!

Um sem-número de crianças vinha de todos os lados, carregando presentes. Gareth vibrou.

Laura, perplexa, notou que James sorria triunfante.

— Foi você quem organizou isto?

— Sim. — Eu sabia que você estaria ocupada demais com Sam e Bea para pensar na festa de Gareth e decidi planejá-la. — Não gostou?

Ela piscou, procurando organizar os pensamentos e os sentimentos difusos. Não, para ser honesta, não gostara. Claro, adorava ver Gareth feliz, mas o fato de não ter sido consultada a aborrecia. Nesse momento, voltou-se para ver o filho, que agarrava a perna de James.

— Bigado.

Ele abraçou o menino, mas seus olhos permaneceram fixos em Laura.

— Algo errado?

— Nada. — Foi muito gentil de sua parte. — Eu... Vou ajudar na cozinha.

Mais tarde, depois de voltar do hospital, sentaram-se em frente à lareira, tomando vinho do Porto.

— Você não ficou contente com a festa, não foi? — Ele perguntou de maneira direta. — Por quê? — Acha que estou interferindo em sua vida?

— Eu não disse isso.

— Nem precisava. — Está escrito em seus olhos. — Você me odeia a ponto de não me querer em contato com seu filho?

Laura deu um suspiro profundo.

— Eu não disse que o odiava.

— Mas odeia, não é?

Ela o encarou. Aquele olhar implacável parecia asfixiá-la.

— Exatamente! — Odeio! — E tenho esse direito!

— É mesmo? — Pensei que fosse o contrário. — Que eu tivesse o direito de odiá-la.

— Seu... Seu arrogante! — Ela gritou, levantando-se e dirigindo-se à porta. — Por que me seduziu e depois me abandonou daquele modo? — Para se vingar de mim só porque fingi ser Bea?

Ele a alcançou e segurou-a pelos ombros, obrigando-a a encará-lo.

— Ah, então é essa a sua versão dos fatos? — Pois aquela farsa inicial não teve nada a ver com isso, a não ser me alertar para sua deslealdade!

— Como? — De que está falando?

— Você sabe muito bem. — Não fui sua única vítima, fui? — Se você fosse leal, teria se casado com seu contadorzinho!

— Mas eu não o amava!

James parou e respirou fundo. Libertou-a e correu os dedos pelo cabelo.

Projeto Revisoras

— Bem, suponho que posso acreditar nisso — disse, numa voz atormentada. — Você nunca mais o viu?

— Não.

— Não mesmo?

— Não!

— E Gareth? — Você é tão vingativa que não deixou o coitado conhecer o próprio filho?

Um estranho zumbido ecoou nos ouvidos de Laura, e suas pernas fraquejaram. Ela respirou funda antes de dizer:

— Gareth não é filho de Ray. — É seu filho.

58

CAPÍTULO VIII

James ficou pálido. Seus olhos pareciam centelhas no rosto branco como cera.

— Está falando sério?

— Estou.

— E por que não me contou quando soube que estava grávida?

Havia certa amargura na voz grave, mesclada a um traço de raiva controlada.

Laura revoltou-se. Que direito ele tinha de enfurecer-se? Melhor ainda: teria James algum direito? Mesmo que fosse o de ter sabido da existência do filho?

Ela se afastou e atravessou a sala, a expressão tensa.

— Depois do modo como você me tratou? — Disse, virando-se para encará-lo. — Não me deu motivo algum para supor que iria se importar com a criança, não acha?

— Como assim? — Foi á resposta perplexa. — A que você se refere quando fala do modo como a tratei?

Ela deu uma risada nervosa.

— Estou me referindo à maneira como me usou e me descartou, lembra-se? — Eu não teria me magoado se, desde o começo, você tivesse deixado claro que queria apenas um flerte casual.

— Mas, do jeito como as coisas aconteceram, fui levada a pensar que o caso era mais sério.

— Mas todo o tempo eu fui tratada com mentiras, hipocrisia. — Sexo sem amor, certo?

— Nunca vou perdoá-lo por isso!

James parecia cada vez mais espantado.

— Não posso acreditar no que estou ouvindo. — Até onde sei, fui eu a parte maltratada, não você.

— Oh, é mesmo? — E por que pensa assim? — Porque fingi ser minha irmã e feri seu orgulho?

— Não! — Porque você estava comprometida com outro homem quando foi para a cama comigo!

Foi á vez de Laura empalidecer.

— Eu... Estava o quê?

— Você me ouviu! — Estava noiva daquele maldito contadorzinho e sequer teve a decência de me contar!

— Ei, está maluco? — Nunca fui noiva de Raymond.

James riu.

— Pois não foi o que ele disse.

— Que quer dizer? — Você... Falou com Ray? — Quando?

— No dia do churrasco oferecido por Sue — ele respondeu, começando a andar pelo aposento. — Voltei para casa agitado, convencido de que a amava, com a intenção de acompanhá-

Projeto Revisoras

la a Sidnei para me certificar disso. — Cheguei até a me perguntar por que me opunha tanto à idéia de casar-me novamente. — Então atendi àquele maldito telefonema.

Laura o fitou, chocada, procurando assimilar o que James acabara de dizer. Palavras soltas zuniam em seus ouvidos: "convencido de que a amava"... "acompanhá-la a Sidnei"...

Nesse momento as lembranças voltaram claras, cristalinas. James sentado no carro, contemplando-a com urgência apaixonada. O som do telefone, tocando dentro de casa.

De repente, a consciência do terrível engano se apossou dela.

— O que foi dito naquela ligação? — Quis saber, prendendo a respiração.

Os olhos de James brilhavam de raiva.

— Não me recordo de todas as palavras. — Mas havia uma voz masculina, que falou: "Boa noite, meu nome é Raymond Hill. Minha noiva, Laura Madison, está hospedada aí. Posso falar com ela?" — Acho que foi isso.

Laura sentiu um mal-estar súbito. Recostou-se à porta, buscando apoio, ao dar-se conta de todas as implicações daquela revelação.

— Quer dizer então que você... Pensou que eu estivesse noiva? — E que fui para a cama apenas para me divertir?

— E o que mais eu haveria de pensar?

— Fez mais perguntas a Raymond?

— Claro que não! — Simplesmente respondi que não sabia onde você se encontrava e desliguei. — Fiquei fora de mim. — Se aquele maldito estivesse na minha frente, eu o teria socado!

— Em vez disso, porém, você fez algo semelhante... Emocionalmente falando... A mim!

— Falou que a brincadeira acabara. — Foi uma atitude cruel! — Desalmada egoísta e cruel!

— E eu não tinha o direito de me comportar assim depois do que você fez comigo?

— Não, não tinha! — E por um motivo muito simples: nunca fui noiva de Raymond. — E você saberia disso se houvesse tido a decência de perguntar-me. — Ray mentiu!

Um silêncio aterrador desceu sobre a sala. O único som que se ouvia era o do vento, soprando nas laranjeiras. Então James deu um suspiro doído, profundo.

— E por que ele a chamaria de noiva se não havia compromisso algum?

— Porque não passa de um tolo pomposo e arrogante, que acredita que o mundo deve obedecer às suas ordens!

— Bem, mas alguma coisa devia existir entre vocês. — Do contrário, ele não teria dito aquilo.

— Sim, havia algo entre nós — ela concordou amargamente. — Uma enorme falha de comunicação. — Raymond me pediu em casamento pouco antes de eu viajar para a Tasmânia pela primeira vez. — Considerei a proposta e concluí que não daria certo. — Assim, liguei para ele daqui e respondi que o casamento estava fora de cogitação. — Mas Ray não se deu por vencido, porque quando voltei a Sidnei fez um novo pedido. — E eu disse não mais uma vez.

— Você... Dormia com ele?

— Acho que não é da sua conta, mas não, nunca dormi com Ray. — Julgava que ele me tinha apenas como amiga antes de ser surpreendia pelo pedido de casamento. — Eu jamais aceitaria.

— Não há nenhuma atração especial entre nós. — Nunca houve.

James respirou pesadamente e cobriu os olhos com uma das mãos.

— Não posso acreditar! — Como fui tolo! — Exclamou, num tom atormentado. — Não existia mesmo nada entre vocês dois?

— Nada — confirmou-a.

— E eu a perdi... — Havia remorso em sua voz. De repente, ele se aproximou e abraçou-a.

— Não existem palavras para expressar o que estou sentindo, mas mesmo assim vou tentar.

— Sou um, cabeça quente e quase sempre tiro conclusões precipitadas. — Eu devia saber que Laura Madison não era esse tipo de mulher. — Devia ter confiado em você. — Sinto profundamente. — Pode me perdoar?

Ela sentia as batidas rápidas do coração de James, o calor de seu corpo, o poder dos músculos.

Projeto Revisoras

Por um momento pensou em render-se ao impulso de recostar-se ao peito largo e murmurar as palavras que ele desejava ouvir. Aquela revelação inesperada fora como um bálsamo para sua alma magoada, acabando com seu orgulho ferido e devolvendo-lhe a auto-estima.

Então James não havia brincado com ela! Estivera sinceramente atraído, e pretendia que o relacionamento prosseguisse. Isso a enchia de ternura.

Mas havia coisas mais importantes a considerar do que sua dignidade. O futuro de Gareth, por exemplo. Seria fácil deixar-se envolver mais uma vez por aquele homem. No entanto, isso não resolveria nada. Talvez apenas complicasse sua vida.

— Não sei se posso perdoá-lo, James.

— Pode parecer estranho, mas compreendo. — Tudo o que eu tinha a fazer, três anos atrás, era engolir meu maldito orgulho. — Bastavam algumas perguntas para evitar o sofrimento pelo qual nós dois passamos. — Sei que não tenho o direito de lhe perguntar, mas... Era verdade o que você me disse na festa de Sue? — Estava mesmo apaixonada por mim?

Ela não conseguiu responder. Mordeu os lábios, contendo as lágrimas, e fez que sim com um gesto de cabeça.

— Você sempre foi corajosa. — Teve a bravura de admitir, desde o começo, o que sentia.

— Quanto a mim... Não fui capaz nem de admitir para mim mesmo. — Só fiz isso depois que você partiu. — Morri de saudade. — Desejei-a. — Amei-a. — Nunca deixei de amá-la, mesmo imaginando-a casada com outro.

— Então... Por que não me telefonou? — Por que não me disse?

— Porque acreditei que você já tivesse escolhido Raymond, e não podia suportar a humilhação de ouvir seu marido atender ao telefone.

— Bea não lhe disse que eu não estava casada?

— Não. — Ela pareceu ter feito um voto de silêncio em relação a você. — Nunca mencionou sequer seu nome.

Laura deu um sorriso triste.

— A culpa foi minha, nesse caso. — Fiz com que ela prometesse jamais lhe contar coisa alguma a meu respeito. — Nunca lhe expliquei por que, mas acredito que ela saiba.

Ficaram em silêncio por um momento, absortos nos próprios pensamentos. Então James decidiu falar:

— Você... Não conheceu mais ninguém depois do nascimento de Gareth? — Quero dizer, alguém com quem quisesse se casar...

Laura balançou a cabeça, indicando que não.

— Nunca.

Queria fazer a ele a mesma pergunta, mas não teve coragem. Não tinha certeza do que aconteceria dali em diante, e não queria que James pensasse que, para tê-la, bastava estalar os dedos.

— Eu também não — disse ele, como se lesse seus pensamentos. — Depois que a perdi, também perdi o interesse por outras mulheres. — Sabia que ninguém poderia substituí-la em meu coração.

— E Sue?

— Nunca houve nada especial entre nós, a não ser pena, de minha parte, e desespero do lado dela. — O marido de Sue era um bêbado e a tratava com violência. — Eu me sentia penalizado e ouvia seus desabafos. — Durante algum tempo, ela transferiu a mim seus confusos sentimentos, e acreditou que me amasse. — Mas depois percebeu que era apenas um engano.

— Na noite em que você foi visitá-la, ficou com ela duas horas e meia — comentou Laura, cética. — E voltou para casa com o cabelo molhado. — Parecia ter tomado banho.

— E tomei! — Havia um cano quebrado na casa, e eu me ofereci para verificar a extensão do estrago. — Tive que entrar no porão e fiquei todo sujo.

Projeto Revisoras

— E quanto a Wendy? — Por que sempre afirmava que você não passava de um conquistador, que jamais se envolvia seriamente com as mulheres?

James sorriu.

— Havia certa verdade nisso — admitiu. — Depois que Paula, minha ex-esposa, me deixou, fiquei desiludido com todas as mulheres.

— Por quê? — O que ela lhe fez?

— É uma longa história. — Eu tinha apenas dezenove anos quando a conheci, e me apaixonei perdidamente. — Ou pensei que houvesse me apaixonado. — Hoje percebo que só o que tínhamos em comum era o desejo sexual. — Tudo teria terminado logo se Paula não me dissesse dois meses depois que começamos a namorar, que estava grávida.

— Pobrezinha... Quantos anos ela tinha?

— Vinte e um.

— Vocês eram muito jovens para se tornar pais!

— Não nos tornamos pais.

— Quer dizer que optaram pelo aborto?

— Não. — Fiquei tão feliz que logo a pedi em casamento. — Paula também parecia satisfeita.

— Mas meu pai ficou louco da vida quando soube da novidade.

— O que aconteceu?

— Eu tinha acabado de ser aceito na universidade de Harvard, e meu pai ameaçou não me dar suporte financeiro se eu me casasse.

— E o que você fez?

— Casei-me assim mesmo. — Arrumei emprego num barco pesqueiro, para sustentar a família.

— E o que deu errado?

— Tudo. — Em primeiro lugar, ela confessou que nunca estivera grávida. — Usou desse artifício para me levar ao casamento. — Afinal, meu pai era o maior fazendeiro da região, e ela conhecia meus planos de morar nos Estados Unidos. — Na verdade, só queria ascender socialmente. — Quando soube que eu cortara relações com papai e que não receberia um tostão, ficou furiosa. — Afirmou que não pretendia passar o resto da vida comigo numa vilazinha de pescadores. — Também disse que eu devia arrumar um jeito de sustentá-la, ou o casamento estaria acabado.

— E você, o que fez?

— Fiquei atordoado, mas pedi uma chance para nosso relacionamento. — Prometi que guardaria dinheiro por uns três anos, e que então iríamos para os Estados Unidos, onde eu começaria algum tipo de negócio.

— E não adiantou?

— Não. — Paula arrumou uma passagem para os Estados Unidos antes disso. — Dois anos depois do casamento, quando voltei de uma viagem a trabalho, peguei-a na cama com um investidor norte-americano. — Eu suspeitava de que Paula era infiel, e de certo modo foi um alívio saber que finalmente as coisas se resolveriam. — Concordamos em nos divorciar; ela foi para a América do Norte com o tal investidor e mais tarde ambos se casaram.

— Como você se sentiu?

Ele deu de ombros.

— Devastado, a princípio. — Mas só por causa do orgulho ferido. — Depois achei que o divórcio tinha sido bom, porque éramos um casal infeliz. — A história toda foi um desastre, mas a pior parte foi que, durante anos, fiz inúmeras restrições às mulheres.

— E por isso que tem tanto receio da deslealdade?

James sorriu.

Projeto Revisoras

— Sim, mas tomei minhas precauções para evitá-la. — Agora me parece ridículo, mas passei a evitar mulheres por quem pudesse me apaixonar. — Fiz questão de sair apenas com as que não ofereciam esse risco. — Até conhecer você.

Laura sentiu-se mais tocada por essa confissão do que gostaria de admitir. Procurou esconder a emoção com um ar de ceticismo.

— E então?

James massageou as têmporas, como se estivesse com dor de cabeça.

— E então me meti numa grande encrenca. — Fiquei encantado no momento em que a vi.

— Percebi que corria perigo e decidi antipatizar com você. — Em especial porque eu achava, no começo, que ia se casar com meu sobrinho. — Mas depois me dei conta de que Laura Madison era diferente das outras. — Tinha dignidade, caráter. — No dia do ensaio do casamento, cheguei a desejar ser realmente o noivo. — Fiquei surpreso ao descobrir até que ponto a queria.

— Comigo aconteceu o mesmo.

Ele cerrou os dentes e suspirou.

— Entrei num enorme conflito interior. — Juro que, quando a levei à praia, tudo o que desejava era dissuadi-la do casamento com Sam. — Mas, antes que percebesse o que estava havendo, tomei-a nos braços e a beijei como nunca beijara nenhuma outra. — Não pude me perdoar pela traição a meu próprio sobrinho, e a culpei por aquilo. — Disse a mim mesmo que você era igual a Paula, que queria se casar por mera conveniência.

Laura sorriu.

— Você deve ter levado um susto no dia da cerimônia, quando descobriu quem eu realmente era...

— Foi o susto do século. — No começo, fiquei espantado, mas em seguida senti alívio.

— Você era uma mulher livre, o que significava que eu tinha uma chance. — Mas, depois do telefonema de Raymond, acreditei que estivesse sendo feito de bobo e não impedi sua partida.

— Não foi exatamente um bom começo, concorda? — Perguntou Laura, com um sorriso culpado.

— Sim, foi. — Qualquer começo, com você, seria bom. — E foi, sabe por quê? — Porque a única coisa que importa é que encontramos um ao outro. — Fui um idiota. — Tratei-a mal, deixei que a arrogância e o orgulho ferido erguessem barreiras entre nós. — Mas agora tenho certeza de uma coisa.

— Qual?

— Que eu a amo e sempre vou amar. — Sei que não tenho o direito de lhe pedir isso, mas... Quer se casar comigo?

Uma forte emoção tomou conta de Laura. Ao mesmo tempo, uma dúvida a assaltou.

— Por causa de Gareth?

— Não. — Ele é um grande garoto e eu o adoro, mas quero me casar porque a amo e não posso imaginar minha vida sem você. — Quero fazê-la feliz. — Posso tentar?

Laura contemplou-lhe os olhos escuros. Pela primeira vez, sentiu-se absolutamente segura de que poderia confiar em alguém o resto da vida. E esse alguém era o homem que amava. Enlaçou-o pelo pescoço, ficou na ponta dos pés e beijou-o nos lábios.

— Sim.

Com um gemido de triunfo, ele a apertou com força.

— Sabe o que vou fazer com você? — Perguntou com voz rouca.

Laura estremeceu.

— Acho que posso adivinhar...

— Então mostre.

Ela mordiscou-lhe a orelha, deliciando-se com o tremor de prazer que o dominou.

— É o suficiente?

— Hum... Para o começo, é. — Mas, depois, vou...

Projeto Revisoras

Um rubor tomou as faces de Laura quando ele sussurrou-lhe ao ouvido tudo o que pretendia fazer. Enquanto falava, James desabotoava-lhe a blusa de seda e acariciava-lhe os mamilos.

— Calma... Você ainda está vestido...

— Não por muito tempo. — Está pronta, querida, para receber todo o amor do mundo?

— Sim, estou...

— Quase enlouqueci por sua causa, sabe? — Noite após noite, desde sua partida, sonhei em fazer amor com você. — Bem, agora a espera finalmente acabou. — Você é minha, e nada vai afastá-la de mim.

Com um suspiro, carregou-a no colo e levou-a para o quarto. Lá, abriu a gaveta do criado-mudo, à procura de algo. Não encontrou. Seu rosto ficou sério.

— O que aconteceu? — Quis saber Laura.

— Não tenho camisinhas. — Mas podemos esperar até amanhã, se você quiser. — Irei à farmácia e...

— Não quero esperar — disse ela, apaixonada. — E não estou em época fértil. — Não há perigo.

— Mas... E se mesmo assim você engravidar?

— Aí nós teremos outro filho, meu amor. — Ouça: se eu não ficar grávida esta noite, vou continuar tentando. — Eu o amo e quero uma família enorme, cheia de crianças.

Recostando-a contra os travesseiros, James a beijou apaixonadamente. E começou a atender ao pedido de Laura, de formar uma grande família.

Fim

ANGELA DEVINE cresceu na Tasmânia cercada por florestas, montanhas e mares selvagens, e por isso não gosta das grandes cidades. Antes de começar a escrever, foi professora, bibliotecária e lecionou numa universidade. Como jovem mãe e aluna de um curso de pós-graduação, lia ficção romântica para divertir-se e, mais tarde, decidiu que seria ainda mais divertido escrever essas histórias. Angela é casada, mãe de quatro filhos, adora chocolate e chá e odeia passar roupa. Seus hobbies atuais são jardinagem, caminhadas, viagens e música clássica.

Projeto Revisoras